

Girassol de Setembro E outros escritos

Organizadoras

Leila Leite

Lucélia Ferreira

Denise Machado Cardoso



Gato Ed

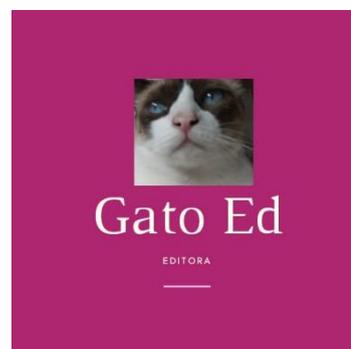
2019

jnsr.jn@gmail.com

Esse livro é o micro reflexo de muitos olhares sobre o que significa viver em um momento tão complexo quanto o de um isolamento social forçado. Mulheres e homens, cis, trans, heteros e homos, pessoas, enfim, que dizem através de palavras, mas também de fotografias o que significa a arte, a memória, os sonhos, a liberdade, a prisão, a harmonia, a violência. O que significa ser um ser humano em Belém do Pará no meio da Amazônia brasileira no ano de 2020?

Leila Leite

Editora



Comitê Científico

Carla Marinho

(Mestra em Antropologia–UFPA)

Denise Machado Cardoso

(Doutora em Desenvolvimento Socioambiental–UFPA)

Euzalina da Silva Ferrão

(Doutora em Antropologia–IEEP–SEDUC)

Heloísa Maria Paes de Souza

(Doutora em Antropologia–Ministério da Defesa
Comando da Aeronáutica Colégio Tenente Rêgo Barros)

Jorgete Lago

(Doutora em Etnomusicologia–UEPA e Editora Gato Ed)

Leila Leite

(Doutora em Antropologia–Editora Gato Ed)

Lucélia Leite Ferreira

(Mestra em Antropologia–SEDUC e Editora Gato)

Luzia Miranda Álvares

(Doutora em Ciência Política–UFPA)

Paulo Nunes

(Doutor em Letras –UNAMA)

Rosa Correia

(Doutora em Antropologia–UFAL)

Sônia Albuquerque

(Doutora em Antropologia–FIBRA)

Zélia Amador de Deus

(Doutora em Antropologia– UFPA)

Comitê Editorial

André Leite Ferreira

(Geógrafo–Editora Gato Ed)

Gê Dias

(Jornalista e Editora Gato Ed)

João de Souza Rodrigues Neto

(Pedagogo– UFOPA e Editora Gato Ed)

Jorgete Lago

(Doutora Etnomusicologia–UEPA e Editora Gato Ed)

Leila Leite

(Doutora em Antropologia–Editora Gato Ed)

Lucélia Leite Ferreira

(Mestra em Antropologia–SEDUC e Editora Gato Ed)

Luzia Ferreira

(Geógrafa–Editora Gato Ed)

Girassol de Setembro E outros escritos

Organizadoras

Leila Leite

Lucélia Ferreira

Denise Machado Cardoso

Editora Gato Ed

Belém-Pará

2020

Foto de Capa: João Neto

Capa: Leila Leite

Diagramação: Leila Leite

Revisão: Lucélia Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

G521 Girassol de setembro e outros escritos [recurso eletrônico] / organizadores Leila Leite, Lucélia Ferreira e Denise Machado Cardoso. — 1. ed. — Belém : Gato Ed, 2020.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-86540-17-8

1. Prosa - Coletânea. 2. Literatura brasileira.
I. Leite, Leila. II. Ferreira, Lucélia. III. Cardoso, Denise Machado. IV. Título.

CDD B869.8

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.

E-BOOK GRATUITO

APRESENTAÇÃO

A humanidade tem nesse momento de pandemia do Corona Vírus uma oportunidade sem precedentes para desacelerar o ritmo intenso imposto pelo capitalismo. As consequências dessa situação são sentidas em todas as pessoas de modo mais ou menos impactante, e é inegável que todos os seres humanos têm tido situações de reflexão como nunca ocorrera.

A maneira de se expressar nesses tempos varia conforme cada pessoa. Seja pelas artes ou pelas conversas e troca de mensagens via Internet, estamos assistindo às manifestações de lembranças do tempo de antes e sobre o que ocorre ainda nesse ano de 2020.

As palavras e imagens são possibilidade de revelar a memória de outrora e de construção de narrativas das vivências da pandemia. Essas percepções e reflexões estão sendo trazidas ao público mais amplo nessa coletânea de obras de autores e autoras de

diferentes idades, regiões e profissões. São pessoas que disponibilizam suas impressões acerca da vida e da morte; da distância e da saudade; das festas, das lutas e de suas conquistas. Suas impressões sobre o hoje e ontem são mescladas por seus sonhos realizados, ou não, e por visões do presente.

Várias dessas obras são testemunhos de pessoas que viram Belém, capital do estado do Pará, Norte da Amazônia brasileira, em tempos de dantes. Os contos refazem o que já fora vivido, e aumentam o estofo da memória coletiva de quem conhece essa cidade. Os bairros periféricos marcados pelas dificuldades decorrentes de políticas públicas que tragam mais serviços para sua população, são apresentados pela vivência poética de quem neles vivem. As lembranças da infância são permeadas pelas festas e brincadeiras, memórias dos tempos em que era possível correr pelas ruas sem o temor dos momentos atuais.

As narrativas apresentam de maneira contundente as experiências de violência física e psicológica; e outras marcam a ternura proporcionada pelo convívio com seres não humanos, em especial os animais domésticos. Tratam, ainda das lutas diante do racismo e como isso afeta suas experiências de vida desde a infância, passando pela juventude, até chegar à maturidade. Os sentimentos de toda ordem transbordam dos contos, poesias, memórias e outros textos onde a escrita ganha relevo.

Em tempos de pandemia, as desigualdades sociais estão presentes nos escritos cujas reflexões tem no consumo o ponto central. A sociabilidade comum nos espaços dos shoppings até há pouco tão comum nas grandes cidades, fora substituída pela nova realidade do confinamento social. É possível perceber, ainda, estas desigualdades de gênero, raça e classe, e no chamado mundo do trabalho, nas questões sobre as imposições trazidas pelo Corona vírus.

As imagens do Círio de Nazaré contribuem na composição desse mosaico de narrativas que abarcam identidades amazônicas. Perpassando pelas festas religiosas e profanas desde décadas atrás, as festividades e folguedos são recorrentes em seus diversos municípios e compõem a paisagem cultural do Pará em outros momentos do ano, e não apenas no mês de outubro – momento em que se celebra o Círio.

Nota-se que nesses espaços urbanos o mundo das águas se apresenta como um cenário marcante. Imposto pela própria região as águas imprimem os tempos de menos ou mais chuvas. Tempos e práticas retratadas em embarcações, nos peixes e outros pescados que servem como alimentos às pessoas dessa região. Águas remetem ao banho de rio, banho de mar, banho de chuva, banhos em tempo de confinamento social.

Nesse tempo de incertezas impostas pelo que se considerava certeza, as obras agrupadas nessa

coletânea revelam autores e autoras sensíveis ao passado e ao porvir, vivendo no hoje esperando dias melhores.

Denise Machado Cardoso

GIRRASOL DE SETEMBRO E OUTROS ESCRITOS

Uma coletânea organizada para que as pessoas digam ou não o que estão encarando no ano de 2020. O tão esperado século 21 chegou afinal. A história mostra que é preciso algo trágico ocorrer para que a humanidade perceba as mudanças que já ocorreram e que ainda ocorrerão. Quantas pessoas faltarão e quantas restarão para contar as histórias? Não sabemos. Seremos nós?

Esse livro traz textos diversos que falam de memórias distantes e outras nem tanto, analisa o hoje buscando no ontem a sua inspiração, sem temer arriscar. É um livro recheado de novidades, autoras novas, autores novos. Exacerba as questões de gênero, as questões raciais, as questões sociais. Os seus textos visuais falam de religiosidade, de beleza, de sonho, de esperança.

Dona Deia, Dona Dirce, Dona Célia, Seu Lió, escritores que trazem a memória de sua infância à tona. Deia Silva, Dirce Rêgo e Célia Leite revelam momentos em que o bairro da Terra Firme, localizado na periferia de Belém- Pa, ainda carregava características de uma cidade do interior, igarapés, casas de barro, quintais sem cerca, ruas tranquilas onde cresceram e constituíram sua vida. Leonardo Ferreira foi uma criança do interior do estado e nos leva para lá para vivenciarmos a sua infância cheia de aventuras com animais, fantasmas, muito trabalho também para o sustento da família, mas muita imaginação envolvida.

Dilma Lopes Ribeiro faz um tratamento mais acadêmico de suas memórias de infância, mas também nos leva para momentos em que podemos conhecer uma outra Belém e uma infância que era vivenciada de outra forma que não é a mesma da periferia de 2020. Aline Mota recorda também uma infância de

brincadeiras e mistura infâncias e momentos em uma viagem em que vivenciou a recordação.

Na seção dos contos vamos encontrar a escritora Lyah Corrêa narrando a difícil aventura de ser diferente em uma sociedade que exige que sejamos iguais. Vanessa Alves conta a história de uma jovem passando pelas dificuldades de ser pobre em uma pandemia. Leila Leite traz a história de uma criança e seu serzinho encontrado entre a vida e a morte. Gê Dias conta a história da menina que sonha com comidas até virar adulta e ser uma menina que come, ela mostra a importância de sonhar e realizar. Danillo Pietro Craveiro, traz questões de gênero, raça, classe, religiosidade, seu conto dá o título desse livro por sua beleza e diversidade. Leno Rocha fala do medo da descoberta por um novo mundo, as dúvidas de iniciar uma nova vida e de conviver com uma vida nova.

As poesias nos remetem a esperança, mas nos levam ao desespero de cada poeta, Évora Borges,

Juliana Phillip, Franci Barroso, Paulo Nunes, André Leite Ferreira, Preto Michel, Cícero Pereira Neto poetas e seus escritos que revelam e escondem e que trazem a incerteza de um novo momento mesmo quando falam de certezas.

A seção Reflexões traz textos que questionam mais diretamente o momento atual, Carmem Davis nos fala do aprendizado que a pandemia pode trazer, a aproximação entre as pessoas e o aproveitar melhor tudo o que está ao redor. Jennifer Sales analisa o mundo do trabalho e seus dissabores em um contexto capitalista e pouco sensível aos acontecimentos fora. Ana Almeida mostra o estranhamento de sua geração diante do que está ocorrendo no isolamento forçado pela pandemia do corona vírus-19. Nádia Carvalho deixa alguns pensamentos soltos sobre o cotidiano. Denise Machado Cardoso analisa as questões de gênero que estão pungentes nesse momento de isolamento e questiona qual o lugar das mulheres

nesse isolamento social, mostra como a divisão de classes se acentua, a violência de gênero, a violência contra as crianças, as diferenças evidenciadas em meio as dificuldades de uma pandemia. Maria Inês Ferreira da Silva e Elivaldo Serrão Custódio falam sobre a maneira como de repente tudo mudou, a rotina se transformou, mas pensam no momento em que tudo será retomado. Felipe Bandeira Netto traz um olhar crítico sobre o que significa as relações dentro de um contexto de tecnologias e consumo exacerbados. João Neto fala do medo de uma perspectiva de não ter perspectivas.

Em suas fotografias João Neto mostra o interior do estado em sua cultura e fartura e Denise Sá traz o Círio em Belém e em Vigia, imagens poéticas de uma religiosidade popular e que toma conta do estado do Pará como um todo. Lucélia Leite Ferreira mostra o cotidiano de uma ilha onde realizou sua pesquisa de mestrado, a Ilha de Cotijuba. São imagens que

conversam entre si mesmo carregadas de olhares
diversos, assim como todo esse livro.

Leila Leite
Lucélia Ferreira

Sumário

MEMÓRIAS

| | |
|---|------------|
| Atrevimento | 24 |
| Deia Silva | |
| Quando eu era criança | 51 |
| Dirce Rêgo | |
| O Círio | 56 |
| Célia Leite | |
| Caça aos pássaros e a raposa | 58 |
| Leonardo Ferreira | |
| De histórias e afetos – o tempo rememorado | 60 |
| Dilma Lopes Ribeiro | |
| Travessia | 79 |
| Aline Mota | |
| CONTOS | |
| Era uma vez, eu Katarine... | 88 |
| Lyah Corrêa | |
| que mundo é esse? | 90 |
| Vanessa Alves | |
| Menina | 100 |
| Leila Leite | |
| Sonhos do planeta Preto Lilás | 113 |
| Gê Dias | |

| | |
|--|------------|
| Girassol de Setembro | 118 |
| Danillo Pietro Craveiro | |
| Incondicionâncias | 14 |
| Leno Rocha | |
| POESIAS | |
| Clandestina | 155 |
| Évora Borges | |
| Presente (ou Atenção Plena) | 156 |
| Juliana Phillipp | |
| Reencarnação | 158 |
| Juliana Philipp | |
| Ante o caos | 160 |
| Franci Barroso | |
| “COVID: não convite” | 161 |
| Paulo Nunes | |
| Na contra-mão 10 poesias | 163 |
| André Leite Ferreira | |
| Sábado | 172 |
| Preto Michel | |
| Segunda | 174 |
| Preto Michel | |
| Pensamentos inacabados de sentimentos imperfeitos | 176 |
| Cícero Pereira Neto | |

REFLEXÕES**Desejo** 181

Carmem Davis

Em tempos de individualismo 182

Jennifer Sales

Isolamento e Quarentena 186

Ana Almeida

Alguns pensamentos 190

Nádia Carvalho

**Desigualdades sociais em tempos de Corona
Vírus** 194

Denise Machado Cardoso

Confinamento... 221

Maria Inês Ferreira da Silva

Elivaldo Serrão Custódio

**ENSAIO SOBRE EU MESMO: reflexões de boteco
sobre o protagonismo medíocre e coadjuvante da
nossa vida!** 224

Felipe Bandeira Netto

O olhar de incertezas 250

João Neto

FOTOGRAFIAS**Entardecer-(Alter do Chão- Rio Tapajós)** 257

João Neto

| | |
|---|------------|
| Benditas sejam todas as mães | 258 |
| João Neto | |
| Serenidade em águas barrentas | 259 |
| João Neto | |
| Conotação/ Denotação | 260 |
| João Neto | |
| Eternas paixões diante do rio mar | 261 |
| João Neto | |
| Que nunca nos falte o alimento sagrado nosso de cada dia (Peixe jaraqui) | 262 |
| João Neto | |
| Mais flores e menos armas | 263 |
| João Neto | |
| Espelho de dor, fome e riqueza e miséria | 264 |
| João Neto | |
| Poder e glória silenciados (Mercado Municipal de Óbidos) | 265 |
| João Neto | |
| Círio | 266 |
| Denise Sá | |
| Cotidiano | 279 |
| Lucélia Leite Ferreira | |
| AUTORAS E AUTORAS | 292 |

Memórias

Atrevimento

Deia Silva

Terra Firme do Tucunduba,
das hortas, do leite fresco,
da ladeira, da brincadeira na
praça, da minha saudade.

Quando nós chegamos na Terra Firme, que meu avô comprou a casa aqui, em 1970, eu não queria morar aqui. Eu tinha 10 anos e eu era acostumada lá no bairro onde a gente morava, a Matinha, a vê tudo. O movimento era muito grande. Lá era o centro da cidade, né!?

Quando a prefeitura indenizou a nossa casa e deu pro meu pai Santo Cr\$ 900,00, uma mixaria, o único lugar que ele conseguiu achar uma casa nesse valor foi aqui na Terra Firme, na rua São Domingos. E a casa que

ele comprou para gente era uma palhoça. Santo era meu avô, marido da minha avó Hilda, mas eu chamava ele de pai.

A casa era de madeira e palha, com o assoalho que era todo grudado no chão. Mas não tinha nem pernamanca embaixo. Quando nós vimos que tinham uns buracos no chão a gente começou a levantar as tábuas e uns siris começaram a entrar e ficavam andando dentro de casa. Aí a gente começou a tapar os buracos.

Gente, eu não suportava este bairro! Mesmo porque a casa era praticamente no final da rua. Três casas depois da nossa era o fim da rua. Tinha cerca de arame farpado fazendo a demarcação do terreno da universidade, mas depois derrubaram essa cerca e invadiram. A rua terminava na Cárita.

Andando mais para frente era o final da linha do Canudos Praça Amazonas e a praça. Quando a gente

vinha no ônibus, antes de entrar no bairro, a gente tinha a sensação de que a Terra Firme era um buraco! Porque quando chegava lá no canto da 2ª de Queluz era uma ladeira e o ônibus descia com o caramba pra passar pela frente do Curtume.

A gente ficava na maior sacagem, adorava aquela ladeira que não era asfaltada! (Hahahhahh). A emoção era quando atravessava aquela ponte de madeira que tinha antes de chegar no final da linha do Canudos, que era no canto da São Domingos com a Celso Malcher, de frente para praça. Uma cobertinha onde os ônibus e os fiscais ficavam.

Na praça tinha uma piscina, que não tinha utilidade para nada, só acumular água para dá mosquito da dengue. Aquela piscina eu acho que era só para fazer o contorno da praça, que era para ajudar a gente a ficar passeando, rodando. Mas tinha também gangorra, balanço, escorrega-bunda. Inclusive, eu

brigava muito na fila, me atracava com as meninas que queriam furar na minha frente e eu queria brincar (Hahahhahahh). Eu tinha só 10 anos de idade, gente, viu? (Hahahhahah).

A igreja de São Domingos de Gusmão era de madeira, tipo chalezinho, aquelas igrejas antiiiigas de bairro. A rua São Domingos começava lá mais ou menos lá na frente da escola municipal Mateus do Carmo e terminava na esquina da Carita. Era só mato a rua, muita lama! A gente para chegar em casa tinha que andar por cima do mato, por cima da lama, por cima de toco de açazeiro. Eu odiava! Eu não suportava! Agora eu não quero mais sair desse bairro! (Hahahahahh).

Tenho saudade sim do bairro da Matinha, mas eu prefiro ficar aqui na Terra Firme. Eu tenho saudade desse tempo que o nosso bairro era tranquilo. Não existia tanta bandidagem.

Depois que invadiram e derrubaram as cercas de arame farpado da universidade, nosso bairro se tornou perigoso. Mas nosso bairro era muito tranquilo e pacato. Não existia violência. Não existia nada do que existe hoje em dia. Têm muitas passagens. Têm lugares que eu nem conheço.

O que eu mais gostava aqui na Terra Firme eram as hortas. O nosso Igarapé do Tucunduba era um IGARAPÉ! A gente tomava banho escondido lá. A gente dizia que ia na horta, na verdade a gente ia era pra tomar banho no rio. Quando descobriu, minha vó começou a meter medo na gente. Ela dizia que “a gente não podia tomar banho lá, por que tinha uma cobra grande que ia pegar a gente” (Hahahahahaha).

Quando eu digo que eu tomava banho, na verdade eu só ficava sentadinha na beira do igarapé, mesmo por que eu não sei nadar. Eu ficava sentada na beira, sentada com medo da cobra. Eu acreditava nela! E

quando ela flagrava a gente lá, ela metia a porrada!
(Hahahahhahah).

Mas depois que entrou a invasão, acabaram com as hortas, acabaram com as vacas. Tinham uns senhores que vendiam leite puro baratinho no bairro. Acabaram com tudo! Nosso bairro se tornou essa imensidão que tá agora.

Desvendando o bairro

Terra Firme da sede, do campo,
das festas, dos terreiros de São
João, das namoradeiras de trás
da igreja.

O único lazer que tinha aqui era a Sede do Terra Firme, que o pessoal dizia que era uma gafieira. Vovó dizia que a gente não podia nem chegar lá na frente!

Então, passou um tempo, eu já era moça. Foi que uma vez nós enganamos a vovó e fomos pra festa, eu

e minha tia Nazaré. Nós descobrimos que tinha festa dia de domingo à tarde.

Rapazzzzz!!!! A velha foi buscar a gente lá dentro e só faltou dá-lhe porrada na gente na frente de todo mundo! (Hahahahha).

Eu fiz de conta que nem conhecia a velha. A tia agarrada no braço dela e ela escroteando pela rua. Ela falava alto. Eu vim me embora na frente... (Hahahhahaha).

Essa sede era feita de barro, depois derrubaram e fizeram ela de alvenaria, até que um dia mataram um cara lá na frente e a sede fechou. Muitos anos depois que reabriu.

Passando mais outro tempo fizeram um tal de Terreiro do Nanô, que era lá do lado da igreja e varava para passagem 2 de Junho. Era o point do bairro no mês de junho, porque não tinha mais festa na Sede do Terra Firme, a galera caia toda nesse terreiro.

Até que fechou, acabaram com esse terreiro. Ai não tinha mais nenhuma festa, nenhuma sede, nada de lazer na Terra Firme. O nosso lazer era ficar rodando na praça, rodando, rodando, das 7:00 da noite até às 9:00. Brincando, brigando nos brinquedos... Era a única diversão que tinha. Depois que invadiram, pronto, acabou! Ai resolveram cercar a praça.

Nessa época também tinha o campo de futebol que fica pro lado da Perimetral, perto da garagem do Tamoios. No domingo de dia os meninos, os homens iam jogar bola pra lá. E a noite servia de abrigo de namorados, quem queria namorar escondido ia pro campo da Terra Firme. Aí o pessoal falava assim: “Aonde era que tu tava, que num tava na praça? Já sei! Tava lá pro campo da Terra Firme! Com quem era que tu tava? Quem é o namorado? ”. Ou então namoravam atrás da igreja, que era escuuuuuro.

Agora vai namorar lá no campo da Terra Firme (Hahahhahah). Chega nem lá, tu é assaltado(Hahahhahah). E atrás da igreja, então? Acabou! Mas na época, quem queria namorar escondido não tinha outros lugares.

Depois cercaram o campo da Terra Firme porque tava virando ponto de drogados. Em vez de ficarem os namorados lá, já ficavam os viciados se drogando. Foi que a diretoria do Clube da Terra Firme juntou e mandou fazer um muro.

Se tu tinha saído da tua casa à noite e não tivesse na praça, não tinha como mentir que tu não tava ou atrás da igreja ou no campo da Terra Firme namorando, mas era certeeeeeiro o tiro! (Hahahahhah).

Quem queria só dá uns beijinhos rápidos e não queria demorar muito tempo, ai pra trás da antiga delegacia na Comissário. Ali também era escuro pra caramba, só que era muito perigoso de ser flagrada ou

ser vista, porque era caminho das pessoas que moravam para dentro da Comissário e varava pra São Domingos. Por isso, muitas não se arriscavam em ir namorar lá não.

Não precisa acabar com
nosso rio, com os nossos
leiteiros, com as nossas
hortas. Muito triste.

E quando a gente se mudou para cá pra Terra Firme, de noite, ouvíamos todas as preseçadas, marmotas. Era barulho de tambor de macumba rolando. Pro lado ali da Mundurucus, que a gente não sabia da onde era e que terreiro era esse. Porque não dava para ver nada, que era só mato e horta, tinha o igarapé. Tinha uma barreira terrível, que não dava para saber nada. A gente só sabia que era em Canudos e que o barulho vinha bater pra cá pra São Domingos.

A vovó dizia assim, dia de sexta-feira, “Começou o borocô praí. Qualquer dia eu vou descobrir onde é esse terreiro!”. E o papai dizia, “Vaiiii...” (Hahahahhahh). Quando não, a gente ouvia o barulho dos popopôs, que eles faziam viagens pelo rio aqui, e a gente ouvia o barulho do motor dos barcos.

Depois que invadiram tudo, que acabaram com a horta, acabaram com o igarapé do Tucunduba, a gente não ouviu mais nenhum barulho de motor.

Era um bairro muito bom nossa Terra Firme. Acabaram com o nosso bairro com essa invasão. Eu até entendo que as pessoas precisam de casa para morar, mas não precisava acabar com o rio Tucunduba. Porque ele era navegável.

Quando ele secava, que tava com a maré baixa, a gente ia lá na beira e era muito fundo, vocês não tem ideia. Eu acho que se botasse uma escada de uns 50 degraus dava a fundura.

A gente via dos buraquinhos na lama os sararazinhos caranguejinhos saindo. Era a coisa mais linda eles passeando por cima da lama, assim. Mataram tudo! Acabaram com o nosso rio!

Muito triste. Acabaram com o nosso rio Tucunduba. Acabaram com as nossas hortas. Acabaram com os nossos vendedores de leite. Eu sinto muito a falta ainda. E fico muito triste.

Para vocês terem ideia, era com essa mesma água do rio Tucunduba que eles regavam as hortas, porque não tinha água encanada e água do igarapé servia pra regar, porque o rio era limpo.

Mas com a invasão eles tiveram que acabar com a horta, porque invadiram até o terreno deles. O pessoal que tinha horta ficou com uma casinha só. Na horta deles o pessoal começou a fazer casa, não teve controle.

Foi uma invasão muito rápida. Eu lembro. Eu deveria ter os meus 13 anos. Era isso mesmo. Foi quando derrubaram a cerca de arame farpado do terreno da universidade para invadir.

Era muita gente, muita gente mesmo. Desesperados querendo um pedaço de terra para morar. Mas não precisava acabar com o rio, não tinha a necessidade de fazer casa na beira do rio, pra acabar com o rio.

Eu via muito cearense, mas muito cearense mesmo fazendo casa aqui nessa época, poucos paraenses.

Nessa história da invasão, uns ficaram. Outros, depois que faziam uma casa, nem moravam, só vendiam ela. Pra mim, com isso só estavam avacalhando o bairro e fazendo a cagada que se transformou depois.

Dos cearenses que ficaram, muitos trabalhavam vendendo prestação. Quando eles viram que o bairro tava mais evoluído, que não tinha mais quase nada de mercado pra eles, começaram a ir embora. Isso foi quando chegaram as lojas, os comérciozinhos, e acabou praticamente com a venda deles.

A vovó que dizia: “Eita, que os cearense tomaram conta do bairro da Terra Firme!”. Aí o papai respondia: “É, meus conterrâneos...”. e eu completava: “Conterrâneos que tão ajudando a acabar com o rio Tucunduba. A gente não ouve mais nem o barulho do motor dos barquinhos passando...”.

Os cearenses faziam aquelaaaaa rodada do outro lado da rua na frente da casa da vovó. Ficava uma ruma deles, com seus carrinhos cheioooooos de mercadoria. Eram pelo menos uns 15, todo dia. Tanto é, que até hoje, em uma casa ou outra tem um cearense ainda morando por aqui.

Na Perimetral tinha o Chem, que era onde o pessoal jogava o lixo deles. Mas pra chegar lá no Chem, a gente tinha que ir pela frente da garagem do Tamoios e rodear pra chegar lá no NPI. Aquele canal da Cipriano Santos não dava nem pra ver, que era só mato. Por ali assim, passando o NPI era o Chem. Era insuportável o cheiro. Até que tiraram o lixão de lá.

Tinha que dá essa volta porque não dava pra seguir direto pela São Domingos até a Perimetral. Era só mato e lama. A última área era a da escola Mateus do Carmo. E a gente não podia varar por esse caminho. Então, tinha que desviar caminho se quisesse chegar no Chem. Lá tinham muitos catadores de lixo.

Mas nesse passado, também era assim

Tinha a Francinete e os outros colegas, o picolé do seu Henrique, a japonesa, a escola, o Luar de Paquetá, a vala, a eletrola do seu Izaias, o jogo

de cemitério com dona Zica e as festas no terreiro da Brasília.

Lá onde é o Manolito era a sorveteria do seu Henrique, outro point do bairro. Nós, adolescentes, jovens que gostávamos sempre tínhamos que arranjar um dinheiro pra comprar um picolé, um sorvete lá. E ele vendia muito picolé. A gente ou ficava sentada na calçada, que era alta, ou ficava lá dentro sentadas nas mesas e cadeiras. Ficava aquela turma rodeando a mesa, só chupando picolé, na maior bandalheira.

Seu Henrique era um bom comerciante. Ele sabia como agradar os fregueses dele. Quando a gente acabava, a gente atravessava e ai pra praça. Detalhe: a sorveteria era feita de barro também, com portas de madeira bruta. Lá era o picolé, depois a gente ia pra praça passear e depois ia pra casa. Isso quando a mãe não ia atrás né!? Porque isso ai demorava muito. Como

era só até 9:00 da noite na praça, e voltava. 10:00 tinha que tá todo mundo em casa.

Ali no canto da Nossa Senhora das Graças tinha uma vala grandonaaaaa e a gente tinha que pular por essa vala.

Quando a gente entrava na igreja, que a vovó Hilda mandava a gente pra missa, a gente não gostava da igreja daqui. Porque quando a gente botava o pé na porta na igreja todo mundo olhava pra trás. Aquilo chateava, incomodava. Ai a gente dizia que não ia pra missa!

Nós deixamos de frequentar a igreja desde que nos mudamos do bairro da Matinha. Lá todo domingo a gente ia pra igreja. Ai quando nós nos mudamos não fomos mais pra missa, porque era desse jeito. As beatas viravam tudo pra trás e ficavam olhando. Chegava um ódio!

Ao redor da praça tinham uns comércios. A sorveteria do seu Henrique; do outro lado era uma fruteira, na São Domingos (onde é a farmácia Max); no canto da Comissário era a delegacia; ai tinha a igreja; pra trás da igreja não tinha nada, só a garagem do Canudos e pra trás era só mato, tinha pouquinhos residências, uma casa longe da outra, mas era mais mato.

Do outro lado da igreja era o terreiro do Nanô, que varava pra 2 de Junho; e no canto da São Domingos com a Rui Barbosa era a quitanda de uma japonesa, miseraviiiiii que só essa japonesa (Hahahahaha), ela era muito ruim de venda. Se a gente não fosse com o dinheiro certinho e ficasse faltando alguma coisa, ela não dava um desconto de nada! Ela era muito miserável! Era só uma baiuquinha, com essas portas que tu levanta e abaixa a janela, sabe?

Onde é a Universal eram umas casas residenciais. Tinha a casa do seu Balbino, tinha a casa de uma colega minha, a Francinete. Era só família ali. E o Luar de Paquetá, do seu Aldo, que é antigão. E o final da linha do Canudos que ficava bem na esquina da Celso Malcher.

Nesse corredor de casas que tem o Luar de Paquetá e que agora tem a Universal tinha casas que iam até o canto da 2 de Junho. Passando a 2 de Junho, bem no meio mesmo, antes de chegar onde hoje é a escola estadual Brigadeiro Fontenelle, era a escola municipal M^a Stellina Valmont. Eu estudei lá ainda na década de 1970.

A Stellina era só um barracão, que não era dividido. Era assim: as carteiras, aí quando era na hora do recreio a gente ia tudo pra fora, andávamos pra trás da escola, porque na frente passava carro e as professoras não deixavam a gente ficar lá, por isso

tinhamos que ir pra trás da escola. Quando derrubaram lá, fizeram outra Stellina na passagem Vitória. E depois que construíram o Brigadeiro Fontenelle.

Nessa época, as únicas escolas que tinham no bairro era a Stellina, que era o barracão; a Escola Estadual Mateus do Carmo, que continua do mesmo jeito que era; e a Escola Estadual Fonte Viva. Essas três eram primeiro as únicas escolas da Terra Firme.

Inclusive, até o presidente Médici veio na Stellina num dia pra gente fazer o hasteamento da bandeira pra essa mala. A gente criança né, era obrigada a fazer. Tivemos que prestigiar esse mala do presidente Médici.

Quando transferiram os alunos tudinho lá pra nova Stellina que foi inaugurada, e era completamente diferente do que é agora, a gente brincava cemitério lá na frente, na rua. Quando não, a gente queria ir lá pro

campo da Terra Firme brincar. Só que era muito sol. Um campo muito grande. Ai as vezes a gente ia laaaa brincar pra UFRA.

Naquelas nossas festas de adolescente na Brasilia tinha o seu Izaias. Ele ainda é vivo e mora na Cremação, a filha dele é muito minha amiga. Todo fim de semana, o seu Izaias ligava a eletrola dele. Ai quando ele não ligava, a gente ia lá na porta dele e começava a perturbar: “Bora, seu Izaias... Faça uma festa pra nós, a gente quer dançar...”

Ele começava a beber. E quando festa não era na sala da casa dele, era na sala da outra vizinha. Sempre tinha uma sala de uma casa pra ter festa no fim de semana pra nós. Ou no sábado, ou no domingo a gente dançava.

Era só pros moradores lá da Brasília mesmo e pra gente, que era adolescente, se distrair e se divertir. Porque não tinha festa no bairro e mesmo se tivesse os

nossos pais não deixavam a gente sair porque era tudo pequeno ainda, tudo de menor, 13, 14, 15 anos, a mais velha era a Neuci.

A nossa festa então era essa, na passagem Brasília, e quem fazia a festa era o seu Izais que era o dono da aparelhagem, no caso a eletrola (Hahahahaha), que era igual uma caixa. Depois que ele bebia e ficava doidão, só botava merengue, e a gente virava bicho (Hahahahaha) foi muito legal.

Às vezes os amigos dele que moravam na Cremação vinham no fim de semana. E quando era festa junina os meninos iam pro mato arrancar açazeiro, as meninas faziam as bandeirinhas. Fazíamos a decoração do terreiro, que pegava três casas. Ali era o terreiro da gente. E depois os meninos começaram a inventar pau de sebo, quebra pote, era muito divertido, muito bacana.

Nós nem saíamos praticamente do bairro, só ali naquele terreirinho que a gente fazia. E todo fim de semana a gente renovava as palhas de açazeiro. Os meninos iam pra dentro do mato da universidade, tiravam as palhas pra gente renovar o terreirinho, pra de noite ter festa.

E a gente se arrumava todinha e dançava pra caramba, até 2:00/3:00 da madrugada. Era quando seu Isaias já tava muito doida e parava a festa. Às vezes no outro dia, quando era sábado, ele já começava o som de manhã. Ai a gente ia e dançava, depois corria em casa almoçava e voltava pra dançar. Êeee que era muitooooo divertido. Foi assim que eu aprendi a dançar. Eu, a Nazaré, e o meu irmão Cabeça.

Quando era no meio da semana, a gente ligava o radinho do meu avô em casa. Ai quando não tava dançando com a vassoura, a gente dançando junto, e um ensinava o outro a dançar dentro de casa.

A vovó e o papai ficavam olhando a gente dançar lá na sala. (Hahahhahaha). E nós três aprendemos a dançar assim. Depois que a gente arrumava o terreiro pra festa a noite, íamos pro meio da rua brincar cemitério. E lá tinha a dona Zica, que era mãe de três meninas e tinha uns trinta e poucos anos, por aí. Ela já era uma senhora, mas brincava cemitério com a gente, era uma criançona.

Ela tinha um problema na perna. Tinha a perna inchada. A vovó dizia que aquilo era malária na perna dela, mesmo assim ela brincava com a gente. Rolou do pessoal invadir lá. A casa dela era a última da Brasília. Da casa dela até a Lauro Sodré não tinha como passar, era só mato e lama também. Para ir pra lá pra Lauro Sodré, tinha que arrodar a Nossa Senhora das Graças, lá na horta.

Mais para frente, dona Zica se mudou e nós ficamos muito tristes porque depois soubemos que

engravidou, já tava com mais de 40 anos, e como ela se abaixava pra lavar roupa, quebrou o pescoço do bebê e ela não percebeu. O neném já tava encaixado pra nascer, ela era parideira velha. As outras três filhas dela já eram todas moças, a mais velha já era até mãe. E por causa disso ela morreu com o bebê morto dentro dela. Assim eu soube e fiquei muito triste... Mas ainda vou procurar saber com a filha dela se essa é a verdade.

Dona Zica foi uma pessoa muito importante nas nossas vidas. Vovó deixava a gente ir pras festas com ela, até em Canudos. Ali onde é o Hospital Nazaré era a casa de uma parenta dela, uma prima, e sempre faziam festa lá.

Quando seu Izaias não fazia festa na Brasília, íamos com ela para Canudos. Ou então lá para beira do campo, para casa da Raimunda, pra dançar, que sempre tinha festa lá.

E se chegasse lá e não gostasse da festa, eu dizia assim pro finado Branco, meu amigo: “Me leva lá pra sede da Terra Firme, que essa festa tá uó!”. E ele com, com medo, respondia: “Tua vó vai descobrir, Deia...”. “Que nada! Não vai descobrir não...”. eles iam comigo, eu entrava na festa e eles ficavam na janela me vigiando e eu dançava horrores (Hahahahaha).

Essa é a minha história de quando eu cheguei na Terra Firme. Eu era muitooo atrevida!
(Hahahahahahaha).

É isso que eu me lembro, de quando eu era criança e vim morar pra cá. Eu brincava muitooooo, muitoooooo cemitério com as minhas colegas lá na passagem Brasília. Aí para festa lá, minha vó ficava só

olhando a gente dançando lá com nossos colegas. Era muito legal. Tenho saudade.

Estou com saudade das minhas amigas já, do nosso grupo. A gente já quer marcar um encontro, mas agora com esse vírus tá difícil. Todo mundo tá velha já, no risco. (Hahahahhahah). Aí tem que ficar em casa.

E essa é a história de quando eu cheguei no bairro da Terra Firme. Eu era muitooooooooooooooooo atrevida! Desde lá eu me atrevi a viver... (Hahahahhahahaha).

Quando eu era criança

Dirce Rêgo

Quando era criança tenho lembranças da casa onde morávamos, era simples mas tinha tudo o que precisávamos para uma infância feliz. Morávamos com nossos avós maternos, pois nossa mãe havia morrido bem jovem, nossa casa assim como da vizinhança, tinha quintal com árvores: cajueiro, goiabeira, bananeira etc... tinha também um poço, pois nessa época ainda não havia água encanada e nem luz elétrica, era usada a lamparina e o candeeiro para iluminar a casa.

Ao redor do poço havia muitas flores chamadas de boca de lobo, lindas, em um tom azulado parecia veludo. Lembro também de uma casa de três cômodos feita com barro e coberta de palhas que ficava no quintal atrás da casa onde nós morávamos.

Bem, nossa avó falava que foi nessa casinha que ela morava quando nossa mãe faleceu, depois foi feita essa outra a qual residíamos, e meu avô passou a usar a outra como depósito, onde ele guardava suas ferramentas e outros objetos, incluindo um pilão onde minha avó fazia paçoca de castanha de caju, pilava os grãos de café o qual ela mesma torrava, as castanhas quem torrava era a minha irmã e eu ajudava. Era uma festa que nós fazíamos quando íamos tirar as castanhas de dentro da casca as vezes até queimávamos os dedos de tão quente que estava, mas sabíamos que a paçoca estava garantida. Meu avô gostava de criar animais também: gatos, cachorros, galinhas, patos, porcos.

Escolas

Lembrando um pouco sobre as escolas por onde passei, estudei na Escola Fonte Viva, onde estudei da 1ª a 4ª série, o uniforme era uma camisa quadriculada rosa e branca e jardineira azul celeste, ao entrar no corredor

formávamos fila, mão direita no peito para cantar o hino nacional, depois então podíamos entrar na sala de aula.

Brigadeiro Fontenelle, outra escola onde estudei da 5^a a 8^a série, pra mim era tudo novidade, novos colegas, outros professores, gostava da merenda quando era sopa, só que tínhamos de levar os temperos como: cebola, tomate etc...mas isso não era sempre, quando saíamos cedo por algum problema na escola aproveitávamos para brincar de cemitério, isso no quintal da casa das colegas, porque eram duas irmãs que estudavam na mesma classe que eu. Mas, antes delas irem brincar tinham que primeiro fazerem suas tarefas de casa, pois moravam com seu pai, que era viúvo, e elas, então, assumiram a responsabilidade do serviço doméstico juntamente com outros irmãos enquanto o pai trabalhava fora para trazer o sustento de casa.

Passei para o ensino médio no Visconde de Souza Franco, tive que fazer uma prova de admissão para estudar lá. Nessa escola eu estudava no período da tarde, saía de

casa com um sol de lascar, umas 13h, pois entrávamos as 13:30, nesse tempo só tinha o tamoios de linha de ônibus que passava na 1º de dezembro (atual João Paulo Segundo), descia na frente da escola de educação física e andava até a Almirante Barroso onde se localizava o colégio o qual estudava. O horário de saída era as 17:30, às vezes eu e minha amiga que estudava na mesma sala e era minha vizinha, voltávamos para casa caminhando uma boa distância da escola para casa, mas não sentíamos cansaço pois o papo era tão bom que nem percebíamos e logo chegávamos no nosso bairro cujo o nome era Terra Firme e assim se repetia dia a dia coisa de adolescente.

Festas

Nesse tempo meus sobrinhos eram pequenos e cada aniversário deles era uma festa que minha irmã e meu cunhado faziam, muita comida, docinhos, salgadinhos, refrigerantes, cerveja para quem bebia e muita alegria, músicas etc...

Ainda hoje é assim, nos reunimos e muita alegria, viver é isso, comemorar cada ano que se passou e esperar que o próximo nos traga ainda mais coisas boas.

A rua

A rua de casa era de terra e tinha valas de um lado e do outro pra escorrer a água da chuva, depois foi que a prefeitura pavimentou a mesma.

No ano de 1988 tive meu primeiro filho e no ano de 1990 tive meu segundo filho, os quais eu amo de montão, cada um com suas características e personalidades, são trabalhadores, amorosos, ótimos filhos. Trabalhei em vários lugares antes de me concursar na prefeitura de Belém, onde trabalho até hoje.

Esse é o início de uma longa trajetória, mas fica para um outro momento.

O Círio

Célia Leite

O papai sempre gostou muito de festas, sempre que tinha alguma data comemorativa ele mandava logo comprar o refrigerante, que não era desses grandes, era aqueles pequenos de garrafa, aí não tinha geladeira, ele colocava tudo na água e deixava lá fora no quintal e no outro dia estava tudo geladinho.

Então no Círio, a mamãe sempre acompanhava a procissão, não era só essa história de ir para ver a passagem não, era lá da Igreja da Sé até Nazaré, só saía de lá quando acabava a missa, o papai providenciava tudo, o refrigerante arrumava a mesa e quando a gente chegava é que ia fazer a comida.

Mas, isso era só quando ele não ia lá para os fogos dos estivadores, porque ele era estivador e às vezes ele ia para a queima de fogos lá, aí ele avisava a mamãe.

– Rosa, eu vou pros fogos

Aí acordava de madrugada para ir, ele para os estivadores e a mamãe para a procissão e quando dava ele passava onde a gente estava e a gente vinha junto. As comidas não eram essas de hoje, eram comidas dessas do dia-a-dia, mas era tudo muito farto, a mamãe preparava tudo e a gente comia.

Caça aos pássaros e a raposa

Leonardo Ferreira

Criança não tem medo de nada, aí lá no interior dentro do mato, balando passarinho, essa era a brincadeira de criança do interior, balar passarinho, fazer armadilha pra pegar pássaro e outra e outras coisas. Aí, um belo dia, eu vinha por uma vereda, aí no caminho, antes de chegar em casa, escutei um barulho muito forte, um barulho medonho mesmo, eu corri tanto, acho que foi o dia que eu mais corri na minha vida, cheguei em casa mais pálido do que não sei o que. Aí o papai,

–Menino, o que foi que aconteceu?

–Ah! Papai eu ouvi um barulho tão feio lá dentro do mato que não consegui ficar lá de jeito nenhum

– O que foi?

Aí eu falei que tinha sido um berro, uma coisa muito medonha mesmo. Ele disse

–Rapaz, isso aí é uma raposa

E a raposa, ela faz parecido com o cachorro doméstico assim quando tá uivando, os daqui costumam fazer isso, dão uns berros de madrugada, fazem de manhã cedo também, aí eu nunca tinha visto uma raposa não sabia, aí o papai foi lá, pegou uma espingarda e foi lá junto comigo, ninguém viu mais nada. Ficou o dito pelo não dito.

Depois o próprio papai encontrou ela pelo caminho e deu um tiro nela, nunca mais assombrou criança. E ela ataca as pessoas. Ela é uma espécie de canino, cachorrinho pequeno, mas é valente, se for uma criança ela ataca mesmo, por isso, eu já sabendo mais ou menos dessa história que esses bichos existiam, a carreira não foi desse mundo.

De histórias e afetos – o tempo rememorado

Dilma Lopes Ribeiro

Penso que vivo uma espécie de *distanciamento-isolamento* há mais tempo do que consigo de fato datar. Uma situação ou sentimento que, como um vício ou a “boca entortada pelo cachimbo”, foi se formando sem ser notada. Primeiramente atingiu a mim, de modo a que consiga hoje perceber e problematizar sua natureza e suas implicações; em segundo, à minha filha, que, talvez, por ser ainda bastante juvenzinha, em tenra idade – seis aninhos, ainda – tenha lá seus modos diferentes de externar essa (que pode ser somente minha) impressão.

Residindo há nove anos no município de Parauapebas, que fica bem distante de nossa cidade natal, Belém do Pará, mantemo-nos a maior parte do tempo afastadas do restante da família e, em meu

caso, dos amigos de uma vida inteira, dos pares acadêmicos e dos lugares em que fui tecendo a vida e *sendo*. Afastadas, também, das novas histórias que vão sendo engendradas e vividas por essas partes de nós ...

Não é incomum, portanto, os apertos tristes de saudades e de algo como des-integração, e de vontade de estar perto e pertencer – o pertencimento como o filtro e o substrato que dá sentido mesmo ao que somos, ao que pensamos e a como e nos localizamos, vemos os outros e o mundo, numa visada social. O pertencimento pode nos salvar ou amaldiçoar, independe. O mais relevante é que se saber pertencente pode nos colocar em contato essencial com o ethos do(s) grupo(s) ao qual(is) somos filiados e elevar/evidenciar sentidos e significados que nos explicam ou nos fazem confrontar nossos modos de vida – lembrando as ideias de Zygmunt Bauman na

obra *Identidade* (2005) e as lições geertzianas na sua *A Interpretação das Culturas* (1989) e rerepresentadas por tantos bons pesquisadores da antropologia, particularmente.

Mas, quem pode viver sentindo-se permanentemente distanciado assim, sem adoecer? Então, para um melhor viver vamos criando as estratégias para minimizar essas janelas doloridas e transformá-las com outras cores, outros verbos, outras temporalidades. Lançamos mão do que seja mais possível em dado momento: viagens para visitas curtas em feriados ou para estadas mais prolongada nas férias do trabalho/escolares; conversas virtuais e telefônicas, mais constates – e vem logo à mão o smartphone, aliado de muitas horas.

Conscientemente ou não desse distanciamento, pressionada por ele ou não, buscando ligação com esse pertencimento (que talvez nem tenha noção do

que seja) ou não, o certo é que a pequena Ivie concorreu para tornar hábito uma prática que até então era esporádica entre mim e ela, mas que faz parte da maneira pela qual muitas das pessoas da minha geração foram “criadas”: a contação de causos ou de histórias vividas pelos mais velhos. Essa é a narrativa sobre a qual vou reportar aqui – uma *escrevivência*; expressão que tomo emprestada da escritora Conceição Evaristo.

“Mãe, me conta uma história?”



Na invenção do cotidiano com a nossa¹ menina-grande, Ivie, está, entre muitas outras coisas, a contação de histórias; seja por meio da leitura de livros, os mais diversos e desde muito cedo², seja por meio da oralização de memórias, seja por meio das mídias a que ela já tem acesso.

De um lado, a convivência com e por meio da leitura de livros é uma face importante de nossa pequena família, uma vez que sendo professores e da área das humanidades nos encontramos envoltos por uma cultura escrita. Contudo, mais do que a busca de uma cultura reificada por uma escrita, o que buscamos é a leitura de sentidos, de significados das coisas e acontecidos – e a menina não nos deixa ficar a desejar no quesito questionamentos, estimulando as explicações.

¹Digo “nossa” incluindo aí seu dedicado pai.

² As leituras começaram quando ela ainda estava na barriga.

De outro, a oralidade trazida por nossos pais e minha avó, particularmente, cujas histórias ou vivências se tornaram em ensinamentos que, na grande maioria das vezes, destinaram-se à nossa formação no campo da moral e da ética, ou seja, dos modos desejáveis (ou não) de pensar e agir informados pela família. Além disso, ouvir as narrativas dos mais velhos onde os acontecidos relatados são histórias fantásticas ou fantasiosas nos trouxe o costume pela escuta de memórias dos contadores – hábito outrora visto pelo senso comum como sendo um traço das “pessoas do interior”. De todo modo, penso que o compartilhado por meio das vivências e “causos” refletem outros aspectos das leituras de mundo e, ainda, alimentam o imaginário e aquecem o que podemos pensar, grosso modo, como o emocional. Em suma, os temas elencados lembram uma obra de Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano – Artes de*

fazer, numa edição de 2011 (que li a quando da elaboração da escrita da tese de doutorado).

E de sorte que havendo sempre espaço em nosso cotidiano para a contação de histórias lidas, algumas vezes, após a leitura de seus livros prediletos, já relidos tantas vezes, ou em nossos momentos de conversa em *dolce far niente* a pequena pediu: “conta uma história da cabeça, mãe, sem ser do livro?” E começávamos (ela contribui, interfere, conserta) um intenso exercício de imaginação e criatividade para inventar personagens e historietas críveis, porque a pessoa é exigente.

E foi assim que chegamos às minhas memórias de infância e ao “conta uma história de quando você era pequena, mamãe?”, que tem sido um pedido recorrente dessa minha companheira, uma vez que minha imaginação, esgotando-se de novidades pedia outras fontes. E lá vamos: brincadeiras, viagens,

surras, traquinagens, histórias da família, causos e histórias de visagens. E haja rememoração. E haja história! Tantas, que precisei, mais tarde, recorrer a outros membros da família para coletar mais memória/lembranças/histórias e abastecer nossas horas. Telefonei e enviei mensagens aos meus irmãos/irmãs, mãe e depois pai pedindo que compartilhassem comigo algumas de suas lembranças acerca de nossa infância no bairro do Guamá, em Belém.

**Fragmentos–compartilhando algumas histórias,
muitos afetos!**

As memórias compartilhadas convergiram nas histórias a seguir.

1. “A mamãe trabalhava fora, e houve um período longo em que trabalhou na “fábrica de castanhas” – dos Mutran. Saía sempre muito cedo e precisava levar almoço pronto, pela economia que isso

representava ao orçamento familiar, sem contar que o tempo de almoço era curto. Era quase sempre uma refeição simples e frugal – mais do que propriamente proteína. O irmão caçula acordava ou era acordado por ela para uma “provinha” do almoço, deixada especialmente pra ele, que a saboreava e depois voltava a dormir. Era só deles aquele momento, e aquele carinho, mas, dependendo da quantidade preparada, outros de nós também poderiam ser agraciados e compartilhar”.

2. “A Vovó era uma cabocla marajoara, forte e sofrida. Veio da Ilha Mexiana pra Belém em uma pequena canoa, trazendo minha mãe e tia (gêmeas) ainda quando elas tinham apenas cinco anos de idade. Não aguentou os maus tratos e a pobreza onde vivia. Minha mãe conta que trouxeram algumas peças de roupa, água, farinha e banana, que foi

com que se alimentaram até chegar. Lembro de seus unguentos, onde os mais emblemáticos eram o vidro com cabacinha embebida em andiroba, o chumaço de algodão com copaíba e mel de abelha pra curar a garganta inflamada e o amor-crescido macerado em um pilãozinho e misturado a andiroba que curva qualquer pereba. Havia também as ervas cultivadas no quintal, a arvore de vinagreira que ela colocava em várias comidas – comida caseira cabocla.

3. Durante muito tempo eu fui a favorita da minha Avó, por ter sido a que a acompanhou por mais tempo aos cultos e seguiu as regras da Igreja que ela frequentava – a Assembleia de Deus. Por causa disso eu dividi o quarto com ela, tinha uma cama de solteiro só minha, enquanto as demais irmãs dividiam beliches no “quarto das meninas”. Ficou conosco até minha juventude. Torcia muito para

que eu “não me perdesse”, dava conselhos e muitos e literais puxões de orelha – muitas surras, também.

4. Vibrou quando passei a primeira vez no vestibular, mas, não ficou nada satisfeita quando resolvi que não queria mais ser “crente”.
5. “Ir à feira com o Papai era uma festa! Acontecia aos sábados, no início da tarde, ou domingos pela manhã – horários em que ele não estava no trabalho. Havia uma pequena disputa e combinação, negociação, para ver quem iria além dele e da Mamãe, pois não dava pra levar os 5 ou 6 pirralhos de uma vez. Íamos caminhando, e chegar à Feira do Porto da Palha levava quase uma hora, apesar da proximidade. Acontece que ambos eram muito conhecidos na vizinhança e, assim, vez por outra encontrávamos um conhecido ou conhecida pelo caminho, na rua mesmo ou em suas casas, e

parávamos para um cumprimento e alguns minutos de conversa. O périplo na feira era uma animação, mas o momento especial, muito aguardado, era o da “merenda” que ocorria em uma barraca quase no final do percurso, e era à base de garapa com pastel ou bolo ou biscoito de milho. A volta pra casa é que não era tão alegre assim, devido ao peso das sacolas que cada um dos pequenos devia carregar – a condição combinada para participar da aventura semanal”.

6. “Além de outros hábitos que o ligavam à sua vida interiorana, Papai tinha verdadeira paixão pela criação de porcos, mais do que propriamente por comer a carne suína; tanto que mantinha sempre um ou dois na engorda, em um chiqueiro muito arrumadinho, que ele mesmo construiu no fundo do quintal. Acontece que pela proximidade dos imóveis, não era mais permitida essa criação, e

chiqueiro tomou outro uso: casinha para as meninas. Com a ajuda da Vovó, o lavamos muito bem, decoramos com alguns utensílios subtraídos da casa e levamos alguns poucos brinquedos. Além das reuniões diurnas, tínhamos permissão para permanecer na casinha por algum tempo à noite. Era quando nos deitávamos e olhávamos o céu noturno, contemplávamos a lua e as estrelas, conversando “miolo de pote”, até sermos chamadas a entrar em casa. É claro que as vezes dava briga.”

7. “Não lembro de festas em casa na infância, aniversários, por exemplo. A questão era a mesma de tantas outras famílias: dinheiro curto. Mas Mamãe tinha uma tradição. Ela sempre lembrava do aniversário de cada um de nós e fazia questão de que comemorássemos, mesmo que de modo simples. Comprava os ingredientes para um bolo comum, fazia o bolo na véspera ou de manhã

cedinho no dia do aniversário da pessoa. Como ela saía cedo pra trabalhar, nos acordava e todos íamos até a cama do aniversariante, que era acordado com o canto de “parabéns pra você, nessa data querida...”. Depois, deixava o bolo sobre a mesa da cozinha, para tomarmos café e saía para mais um dia.”

8. “Papai dificilmente batia em nós. Ele mesmo dizia pra não provocarmos, pois, ele tinha medo, e no dia que batesse certamente mandaria o coitado pro hospital. Vovó e mamãe não tinham essa regra e desciam o cacete – usavam cinto, normalmente, mas outros instrumentos também forma usados. Acontece que uma das coisas que Papai mais falava era de honestidade e de que não tolerava roubos. Sempre que podia alertava para que não furtássemos nenhuma quantia de dinheiro dele ou de quem quer que fosse. Um dia pela manhã saiu

para trabalhar enquanto nos arrumávamos pra escola e voltou logo em seguida, enraivecido, vermelho: “Quem mexeu no meu bolso? Quem tirou o dinheiro que estava lá? Ninguém vai pra aula até aparecer!!” Somente o caçula e o mais velho estavam fora do rol dos suspeitos, por motivos diferentes. Os minutos se passando, um olhando pro outro, corpo tremendo, alguns chorando, e Papai sentenciar: “todo mundo vai apanhar se o dinheiro não parecer agora!” e foi tirando uma corda que era usada para amarrar rede. Uma a uma tomamos algumas “lapadas” e fomos nos encaminhando pro banheiro, por ordem da Vovó, para tomar novo banho.... que certamente atenuaria as dores dos machucados. Terminada a sessão, Papai voltou ao quarto para nova busca, terminando por encontrar o dinheiro que julgava ter sido furtado, dobrado da mesma forma, sendo

que certamente teria lhe caído do bolso sem perceber. Pedido de desculpas, narizes fungando, rostos vermelhos e folga da escola foi o saldo.”

9. “Na época de milho Papai trazia triunfal e alegremente uma quantidade enorme de espigas de milho verde da feira do Ver-o-Peso ou de suas idas a Castanhal. Todos éramos recrutados para a tarefa de “tratar do milho” para produzir pamonhas, canjica e mingau, que seriam consumidos por nós e por alguns dos “vizinhos mais chegados”. Evidentemente nem todos encavam o serviço sorrindo, mas, a não ser que estivesse acamado, não havia escapatória! Por longas horas nos reuníamos na cozinha de casa e púnhamo-nos a escutar histórias, alguns rindo, outros torcendo para terminarmos. O cansaço era certo, mas a recompensa também! Deliciosas iguarias de milho que os mais velhos temperavam

tão bem, acrescentando os outros ingredientes que dariam para alguns dias.”

10. “Nossa Avó morava conosco e cuidava de nós enquanto Papai e Mamãe trabalhavam fora. Muito rígida e até mesmo muito dura, conduzia com mão de ferro os ensinamentos. Algumas coisas não percebíamos como justas ou positivas no momento, sendo que tudo parecia castigo. Uma das coisas que ela me fez sem que eu percebesse foi me ajudar a melhorar a leitura. Nos sentávamos próximas a uma janela e ela pedia pra que eu lesse a Bíblia para ela. Apesar de não saber ler (era analfabeta), conhecia de ouvido todas as passagens e, ao menor sinal de erro na leitura, corrigia-me, fazendo com que eu conhecesse mais e melhor as palavras. Acabei gostando de ler, melhorando e leio muito até hoje, um pouco de cada coisa.”

Podia contar muitas outras, pois, de fato, foram muitas as lembranças trazidas à tona nesse exercício que começou despretensioso e tornar-se-á uma etnografia. Mas isso é uma outra história.

Foi bonito, prazeroso, esclarecedor e pude conhecer um pouco mais de minha própria infância e história pelas memórias e perspectivas de outras pessoas. Histórias que eu não conhecia ou não lembrava. Coisas emocionantes, que acabaram por acionar afetos escondidos. Obvio que nem todas as histórias que colhi foram de eventos agradáveis, por outro lado precisei pedir mais de uma vez a duas de minhas irmãs para contribuïrem com seus relatos, e, ainda, não recebi de uma delas...

Contudo, tenho certeza de que os ganhos foram maiores, mais importantes. As risadas nas ligações telefônicas com minha mãe, as risadas de minhas irmãs e irmãos nos áudios enviados por aplicativo de

celular, a curiosidade da minha filha pelo passado e sobre “como eram as coisas no meu tempo” e, principalmente, o brilho em seus olhinhos quando diz: “Mamãe, me conta uma história de quando você era criança?”

Travessia

Aline Mota

Todo mundo que resolveu sair do seu lugar/fazer uma viagem, sendo ela para longe ou perto, têm histórias para contar.

Eu arranjei algumas. As vezes boas e outras vezes nem tanto.

Tive uma “sorte estranha”... tive a “estranha sorte” de poder trabalhar e viajar tudo em um mesmo pacote. Tarefa que julgo difícil, mas que aceitei de bom grado por tê-la pedido.

Sendo assim, meu trabalho exige um longo deslocamento que, dependendo de a quem devo atender, pode ser feito de carro, barco, avião ou a pé. Este último, caso o tempo e principalmente a disposição resolvam me visitar (ainda não aconteceu nem uma coisa, nem outra).

As três possibilidades – terra, água e ar – me são extremamente agradáveis... gosto do deslocamento, simplesmente. Mas confesso... sempre confesso algo... que a viagem de barco é a que menos me atrai... apenas por uma única razão, o enjoo, a maresia e a sensação de ainda estar no navio mesmo depois dele já ter desembarcado. Bem, foram três razões no final das contas.

Apesar das três, agora bem esclarecidas, razões, este tipo de viagem, a de barco, quando acontece (ainda que evitada ao máximo), é a que mais aprecio... apreciar no sentido literal da palavra. É durante esse tipo de viagem que me é dada a possibilidade de melhor contemplar a paisagem e me encher dela... seus tons, sua rotina, sua amostra de vidas que muitas vezes são apresentadas e dadas em forma de presentes para mim. E assim, me sinto apropriar-me de algo, de toma-las para mim, ainda que não sejam

minhas... as vidas... aquelas que admiro, ora dentro, ora fora do barco.

E é por estar em um barco, hoje, em mais uma travessia, indo de algum bom lugar, para outro melhor ainda! Que a vejo. Uma garotinha... Ela está aqui, pertinho de mim, entre as muitas redes (pois é início de férias e nesses períodos os barcos vão sempre lotados e quiçá, por vezes, também superlotados), entretida a brincar com seus bonecos.

Sim... são bonecos, com O, bem no masculino mesmo... Não são barbies ou bebês que exigem sempre, das pequenas mães inocentes, trabalhos e atenções demais que, suas tenras idades, ainda não são capazes de doar.

E já que assim é, ela, a menininha dessa história, delega, aos seus bonecos (pequenos em tamanho, mas grandes em músculos, como boa tartaruga ninja e... fico devendo o nome do outro personagem do Dragon

Ball que não me vem a memória nesse momento, talvez por não ter feito parte de minha quase inocente infância... Ah! Lembrei! Goku!), a responsabilidade sobre suas filhinhas, que ao menos já não mamam mais. Devem comer biscoitos, como a dona dos brinquedos.

Os dois, na brincadeira da menina de cabelos e olhos claros e que deve ter no máximo – penso eu – 7 anos de idade, cuidam com esmero e levam no colo as bonequinhas: Lols (miniaturas de boneca de 7cm), que talvez as mães tenham precisado deixar com os papais para que pudessem ir trabalhar.

Eles, Goku e Rafael (quem sabe), têm algo que em muito me lembram mochilas, creio que para por dentro as filhas que, a garotinha caucasiana, ao lhes dar vida, chama-os de papai.

Os pais, não das bonecas lols, mas da pequena garotinha (são para eles que mais direciono minha

atenção agora), assistem a brincadeira de sua filha de um dos lados de nosso transporte, sem expressar qualquer preocupação e não lhe tomam os brinquedos que, mais tarde, descubro serem de do irmão. Há apenas o olhar de cuidado que todos nós, que temos a função de mães e pais, cumprimos com satisfação (quase sempre): nos assegurar que tudo esteja bem com os nossos.

Não percebo sinais de preocupação. Não há cenhos franzidos ou sobrancelhas arqueadas. Só vejo dois rostos plácidos, tranquilos ao verem sua menina brincando e sendo feliz

Essa cena me faz pensar que talvez estejamos caminhando realmente para algo bom. Lembro que quando criança, havia no meu universo de brincadeiras e existência, de modo geral, grandes restrições. No mundo dos brinquedos, os bonecos não podiam chegar perto de mim. Era bom, porque eu não fazia

questão deles, nem de bonecos ou bonecas. A responsabilidade da maternidade me parecia muito cheia de exigências que eu claramente não queria cumprir.

Gostava de me arriscar nas “brincadeiras de meninos”, nas quais me saía muito bem com exceção das brigas de rua, nas quais eu apanhava sempre.

Por conta desse meu “estranho jeito de ser feliz”, era regulamente batizada e rebatizada por apelidos que questionavam minha sexualidade. Era chato, e como escudo, eu usava short (sempre) por baixo da saia... na rua temos que estar prontas pra tudo!

Das brincadeiras taxadas de “brincadeiras de meninas” a casinha era uma constante e convencionalmente bem aceita para o meu gênero (me “preparando” para meu “destino” talvez). Por ser a mais velha entre as amiguinhas, recebia o título de mãe do qual eu tratava de dizer que, naquela casa, tal figura

não existiria. E que o papel a ser representado naquela família de brincadeiras por mim seria a de irmã mais velha. E assim, eu escapava da maternidade que sempre me queriam impor.

É bom ver que agora as meninas e meninos podem se divertir com o que tem a mão ou com o que sintam vontade ao invés de ficar sem brincar (o que seria meu caso, neste caso. Pois minha mãe diria, como ainda hoje a ouço dizer, agora para minha filha: “isso não é brincadeira de menina”. Para a qual, sempre que estou presente, lembro a minha garotinha, que não existe brincadeira de menino ou brincadeira de menina. “Existem brincadeiras, meu bem, e todas podem brincar do que quiser”).

Voltando para nosso barco, vejo o irmão da garotinha se aproximar (é quando descubro o dono dos bonecos). Ele olha de cima. Verifica a cena que se desenrola diante de seus olhos: a irmã sentada no chão

do transporte a brincar e transformar seus “soldados” em cuidadores de crianças e do lar. Penso: “ele vai tomar os bonecos dela”. Ele acocora de frente para a irmã, pega um pai e uma filha. Agora cada um com uma família nas mãos, ambas com mães ausentes, ou sem mães, e entra na brincadeira.

É bom perceber que apesar de algumas ideias que ainda nos perseguem, já existem sinais de libertação de tantos juízos limitantes que tudo o que querem é nos cortar as asas da vida e da imaginação.

Em: 05/01/2019

19:35h

Em um navio sobre as águas da região amazônica. (voltando pra casa).

Contos

Era uma vez, eu Katarine...

Lyah Corrêa

Travesti, negra, pobre e prostituta. Em mais uma noite de batalha, enfrento as ruas, o frio e a violência. Preciso alcançar o valor necessário esta noite, pois tenho aluguel e várias dívidas para pagar. Mas, meus sonhos são inegociáveis. Entre carros, "michês" e transeuntes, meu close é certo: estabeleço meu valor, mergulho no mundo das fantasias dos clientes e retorno à avenida. Aprendi a sobreviver nas noites, criei estratégias de defesa para lidar com esse misto de prazer, dinheiro e vulnerabilidade.

–"Viado vagabundo!", grita o motorista de um ônibus que passa quase por cima da calçada. Respiro fundo e quando vou retrucar, vejo minha imagem refletida em tom reluzente em um corsa prata que acabara de parar na minha frente e percebo a materialização da resistência corporeificada em mim.

Não é fácil enfrentar o paradoxal mundo das opressões em que estou inserida.

Saber que o mesmo cliente que me paga, é o mesmo que pode me matar. Ser a mulher fascinante dos desejos mais ardentes que a ambiguidade do meu corpo pode refletir à meia-luz, mas não suportar a dor das segregações sociais do dia seguinte. Sei que preciso resistir a cada dia, pois minha existência é um ato político. Bem, já são cinco da manhã, preciso voltar para casa. Não consegui o suficiente, mas estou viva, é o que importa. E assim sigo, sem moralidades, culpas e muito menos, vergonha. Aprendi desde muito cedo que ser travesti é andar sobre o fio da navalha sempre, é resistir, é puxar cotidianamente o véu da hipocrisia que ainda insiste em tapar as caras das mais nojentas línguas maldizentes.

Que mundo é esse?

Vanessa Alves

Certo dia, Diana, uma garota muito vaidosa, acordou em um mundo completamente estranho, ela estava completamente confusa, na rua não havia barulho, porém os mercados lotados e pessoas brigando para ver quem conseguia levar primeiro o quilo do açúcar, então ela voltou para casa, tomou um chá e decidiu ir ao shopping, mas estava fechado. Diana, então, resolveu olhar os jornais e o que ela viu a deixou em pânico, o ano que acabara de começar estava com vírus, e não havia como reiniciar, mas havia uma saída e parecia simples, as pessoas deveriam se manter em casa, isoladas da sociedade até que tudo passasse. Bom, o vírus era altamente contagioso, e o simples ato de não sair de casa salvaria muitas vidas. Diana que adorava bater pernas no shopping, cinema,

barzinhos e afins ficou chateada, logo, resolveu ir para o interior para casa de seus pais e irmãs.

Os primeiros dias com a família foram os melhores, muita risada, colocação de assuntos em dias, tinha comida em estoque, internet para distrair-se, cachorros para brincar e gatos para mimar, toda a família reunida enfim tudo parecia muito bom, mas o mundo lá fora estava um caos. Muita gente sem ter o que comer, as escolas fechadas, os hospitais congestionados, as notícias jornalísticas espalhavam terror, mas era tudo realidade e assim o tempo passava e nada se normalizava.

O momento era de empatia, mas alguns seres humanos deixaram suas máscaras carnavalescas caírem por terra de uma só vez. Como a sociedade precisava estar bem higienizada com álcool em gel, mascaras e afins logo os donos de comércios e farmácias aumentaram o valor desses produtos, e logo

quando a sociedade mais precisava, o preço de tudo subia, enquanto a economia caía. Por outro lado, havia pessoas trabalhando para arrecadar cestas básicas para os menos favorecidos, profissionais da saúde colocando a própria vida em risco para salvar, ou pelo menos tentar salvar, a vida dos demais. Enquanto isso, Diana que não era fã de jornais, não conseguia parar de assisti-los, bem como, não parava de refletir que mundo era esse? E em qual mundo ela vivia antes? O cenário era propício para vários questionamentos... quanto vale uma vida? Até onde alguém pode ir por dinheiro e poder? Como as pessoas não fazem nada enquanto estão bem, mas o próximo não? Não teria, no Brasil, pesquisas avançadas? Os investimentos educacionais? Pois o vírus precisava ser morto, parado, e Diana entendeu que um tiro não poderia mata-lo, nem se fosse a arma mais poderosa.

O caos continuava, muita gente desesperada que precisava trabalhar, saiam para as ruas e desobedeciam a única regra, mas alegavam que ou eles morriam de fome, ou morriam pelo vírus, a situação parecia fora de controle. Diana rapidamente percebeu que logo também seria atingida, pois sua família não era rica, a comida não duraria para sempre, uma hora ou outra até o básico acabaria, e não iria aparecer um super-herói igual aos filmes e salvar o mundo. Ela então sentiu pavor e se agarrou a DEUS mais que nunca, afinal tudo aquilo teria aproximado mais os seres humanos a DEUS. A fé, as correntes de orações e a religiosidade de cada um estava muito forte. Sim, era um momento difícil, bem como, de muita aprendizagem.

Momento propício para aprender que a vida não tem preço, que empatia e respeito ajudam a salvar vidas, e a religiosidade juntamente com fé, coragem e atitude ajudam o ser humano a romper qualquer

barreira, que a educação é primordial na vida do cidadão; logo deve ser um dos maiores investimentos de um país, que ficar em casa e rir com a família é bom, mas fazer isso sem pressão é melhor ainda.... Diana aprendeu tanto em tão pouco tempo, ela percebeu que assim igual a milhões de brasileiros ela era consumista em excesso, ficou triste consigo mesmo, pois percebeu que a natureza gritava por ajuda mediante ao consumismo exacerbado dos seres humanos, ela não queria mais ser aquela pessoa, e rapidamente começou seu processo de mudança, usou o tempo livre para assistir documentários sobre minimalismo, consumismo, assistiu até sobre a indústria da carne, e logo passou a ser vegetariana. Ela tinha total ciência que não poderia mudar um país inteiro sozinha, mas entendeu que poderia começar mudando a si mesma, e para ela foi uma transformação maravilhosa!

Mas, ela não esquecia o caos que o mundo estava enfrentando, e mais perguntas surgiam em sua cabeça do tipo: como um vírus que havia vindo da china ainda não tinha sido controlado, sendo que na China tudo já estava em ordem? Sempre que ocorre catástrofes no Brasil, os pobres e os menos favorecidos são os mais prejudicados? Então, ela compreendeu a dimensão da desigualdade social brasileira. E, falando em desigualdade, o pai da Diana era autônomo, e desesperado que o básico estava acabando ele tomou a decisão de sair para trabalhar. Nem Diana ou qualquer outro membro de sua família conseguiram fazê-lo mudar de ideia, bom ele conseguiu um serviço de pedreiro e foi... Diana, completamente inconformada com a situação, convidou a irmã para tentar descobrir quem era o proprietário da casa onde o pai delas estava trabalhando. Sem muito esforço logo descobriram quem era o dono da obra, de longe

perceberam que se tratava de um sujeito bem-sucedido financeiramente. Porém, sozinho e meio grosso! As irmãs, então, tentaram fazer um acordo com o tal homem, pediram-lhe para que dispensassem o pai delas somente enquanto esse quadro de pandemia diminuísse, e ainda pediram uma cesta básica, sim pediram! Para que o pai ficasse em casa tranquilo, mas ele foi firme e seguro em sua resposta, ele falou que se o pai delas não quisesse o emprego teria uma fila esperando a vaga, e quanto a cesta, ele não costumava dar esmolas, é, ele foi bem grosso com as meninas. E antes que elas deixassem o local, o homem ainda exclamou que tinha histórico de atleta, e por isso, se fosse atingido pelo vírus nada aconteceria com ele, as duas se foram espantadas com tanta arrogância. Arrasadas pelo pai que corria risco para trazer o básico para casa tanto Diana, quanto sua irmã Antonieta entraram em profunda oração.

Os dias passaram-se e nada se falava sobre uma cura, ou vacina para o vírus e o mundo, bem o mundo, continuava um caos. Pessoas com medo, pessoas ansiosas e pessoas morrendo por conta do vírus aterrorizante, o clima no mundo era de melancolia, como se nada no mundo fosse voltar ao normal. Bom, mas certo dia o pai das garotas chegou em casa triste, pois o seu patrão havia contraído o vírus e estava muito mal, e antes de saber que estava infectado, passou para seu pai, sua neta e sua filha, ah o pai das meninas também havia sido infectado. Essa doença reagia de diferentes formas no organismo, apesar de ter um grupo maior de risco, que era os idosos, não deixava ninguém imune. O pai das meninas rapidamente foi isolado e curou-se bem rápido, como uma gripe normal ele não teve sintomas fortes, assim como o seu patrão, porém o pai, o neto e a filha do

dono da obra não obtiveram a mesma sorte, e vieram a óbito.

O homem com a consciência pesada culpava-se muito, e foi difícil ajudá-lo a recuperar-se dessa tragédia, ele se lamentava dizendo que aprendeu pelo método mais difícil que todas as pessoas estão interligadas entre si, e que o problema de um era também de todas. Disso tudo ele aprendeu a respeitar a si e ao próximo.

Diana, lembrou dos conselhos de sua mãe, onde falava que a vida é uma luta diária, uma constante de diretos e deveres, perdas e ganhos, erros e acertos. E cabe a cada um fazer essa relação, na vida não existe um ser humano perfeito, mas sim pessoas que estão dispostas a melhorar a cada dia. E sempre terá também aquele que estará preso na zona de conforto e sempre criticando o que outrem faz. Logo, tem gente que sofre muito para aprender a evoluir. Por isso, ser melhor por

nós e pelo planeta é uma das melhores coisas que o ser humano ainda tem muito para aprender.

A história da Diana está em continuação, pois até determinado momento ela ainda se encontra presa em um mundo que mudou da noite para o dia, será que depois que tudo isso passar ela irá continuar a ser como era antes, ou levará outro estilo de vida, mais ligada a empatia, natureza e ao universo como um todo? Bom, isso somente o tempo dirá.

Menina

Leila Leite

Seus cabelos estavam lhe tirando a felicidade, não exatamente seus cabelos, mas aquelas pessoas que olhavam para ela com indiferença e achando que tudo nela parecia fora do lugar. Quem sabe ela fosse mais branca e mais bonita se seus cabelos não fossem daquele jeito.

– Menina, porque tu estás chorando? – Ela, que estava de cabeça baixa e soluçava, levantou bem lentamente os olhos, procurou por todos os lados e se assustou –Acho que tô ouvindo vozes, melhor correr para casa.

Tudo ficou muito silencioso por alguns segundos, ela enxugou as lágrimas, pensou consigo “Eu tô mesmo escutando vozes, melhor eu correr”. E quando se preparava para correr, ouviu novamente:

– Então, menina, porque tu estás chorando?

-Eu tô com muita fome e frio, acho que morro logo, assim o mundo se livra de mim - Foi então que percebeu que o som daquela voz tão fraquinha estava vindo lá de baixo, não era uma voz humana.

Ela se abaixou novamente, era um serzinho tão pequeno, todo sujo de lama, seus olhinhos estavam inchados de tanto chorar, tão fraca, assim que ela a segurou nas mãos foi se encolhendo e parecia mesmo querer morrer.

-Qual teu nome? - Mas, não obteve nenhuma resposta, o serzinho já estava dormindo ou talvez tivesse morrido tamanha era a sua falta de força e de vontade de viver. Ela pensou rápido e saiu correndo.

-Preciso te salvar, preciso te salvar, preciso te salvar - Ela repetiu isso muitas vezes enquanto corria. Não estava muito distante de casa, mas pareceu uma eternidade o tempo que levou para chegar, suas

lágrimas escorriam, mas agora de tristeza por outro serzinho e não mais por ela.

–Ninaaaaaaaaaa– Gritou sua avó, mas não obteve respostas, ela passou direto para o quintal, encostou no tanque, pegou um pouco de água, encheu uma vasilha e ofereceu para aquele serzinho.

– Que bicho é esse Nina? Já disse que não quero nenhum animal aqui dentro dessa casa, eles só servem para sujar tudo, quem tem todo o trabalho para limpar tudo aqui sou eu – A avó se aproximou e percebeu que Nina chorava em silêncio.

– Minha filha, o que te fizeram? ?

–Agora não importa, depois conto pra senhora, agora tô chorando por causa dela, ela me disse que tá com muita fome e que já vai logo morrer e a senhora fica dizendo que não quer que ela fique aqui, se ela morrer eu morro junto – E o pranto foi coletivo, as três

choravam e o serzinho não conseguia tomar a água oferecida.

A avó, compadecida de tamanha tristeza, voltou no tempo e lembrou da época em que ela tinha seis anos de idade e seu pai não deixava que tivesse nenhum animal, ela chegou a ouvir sua voz gritando.

–Anaaaaaaaaaaaaaa, eu já disse pra tirar esse cachorro imundo daqui, ele fede, não quero que ele fique dentro de casa, não gosto de bicho, só serve pra trazer doença, um horror.

Dona Ana chorou mais um pouco por suas tristes lembranças, seu pai não deixou que ela criasse seu cachorro e ela aprendeu que não deveria mesmo ter nenhum animal, entendeu que eles fazem o mal e nunca quis nenhum. Mas diante daquele pranto que lhe trouxe tão triste memória, olhou aqueles dois sereszinhos e se compadeceu.

Foi até o fogão, pegou o resto do leite do café da manhã, esquentou, pegou um algodão, já que o serzinho não conseguia mais lambe nem a água que lhe foi servida, pegou ele das mãos de Nina, molhou o algodão no leite, deu gota por gota para ele, ao perceber que ele engolia o leite, Nina começou a enxugar as lágrimas, foi parando de soluçar, sua avó também foi parando de chorar e as duas começaram a sorrir, parecia que haviam salvo uma vida naquele dia tão difícil para as duas.

Dona Ana havia passado o dia todo sem água nas torneiras, na verdade não caía uma única gota fazia quase uma semana, ela já não sabia o que fazer, os vizinhos com poço até cediam a água, mas ela já estava com vergonha de pedir e com o corpo muito cansado para carregar.

Ela passava a manhã toda sozinha, limpava, lavava a roupa, arrumava tudo, fazia comida para esperar

todo mundo chegar, sua primeira companhia era Nina, ela chegava da escola por volta das onze horas da manhã, geralmente chegava correndo e falando muito, contava tudo o que acontecia na escola e a avó lhe oferecia toda a atenção possível enquanto a panela de pressão cozinhava o feijão, tudo corria na ordem em que ela estava acostumada e gostava, meio dia chegava o marido, o avô de Nina, seu Antônio, era pedreiro, um homem calado, usava um bigode e se dizia apaixonado por dona Ana até hoje, quando tomava sua cerveja de final de semana então, só ai se tornava falador e repetia isso sempre – Minha Ana é a minha paixão. Eles se conheceram ainda muito jovens, não chegaram nem a namorar muito tempo, uma semana no máximo, ele deveria ter uns dezessete anos, ela uns quinze, ele chegou em casa catou suas poucas coisas e colocou numa sacola de feira e foi para a casa dos pais dela.

O sogro expulsou, a sogra escorraçou, todo mundo reclamou, a mãe dele foi atrás, ameaçou de dá uma surra, mas ele era tihoso, quando queria uma coisa queria e ele queria ficar com Ana, então ficou, tiveram cinco filhos, todos foram embora, só a mãe de Ana permaneceu com eles, ela até chegou a ir embora com um namorado, mas ao contrário da história dos pais, a sua não deu certo. Deni trabalha de empregada doméstica, não vem para o almoço, só chega na hora do jantar. E assim dona Ana vai levando o seu dia e não se sente exatamente triste, mas cansada por viver essa rotina mesma por toda a sua vida, mas não reclama, ama a neta, gostou muito quando a filha voltou grávida, deu todo o apoio, principalmente para que ela não voltasse para o ex, violento e sem um rumo certo na vida.

Nina, adora a avó, tem seis anos, é uma menina negra que está aprendendo com a mãe e a avó o que

significa ser uma mulher negra e na escola sempre enfrenta muitos problemas por conta de seu cabelo Black e sua cor de pele. Certo dia a professora chamou sua mãe na escola e “sugeriu” que Nina deveria ter seus cabelos cortados. Ela estava presente, ouviu tudo e uma lágrima escorreu de seu rosto, ela se aproximou da professora, aquela mulher com aspecto tão cansado, um nome tão bonito, Rosa, professora Rosa, a sensibilidade de Nina fazia com que percebesse o quanto aquela mulher era triste.

Rosa não gostava de ser professora, na verdade exercia aquela profissão por não ter encontrado formas de realizar seu sonho de ser médica, mas quem sabe um dia encontrasse esse caminho, um dia ela havia sido uma sonhadora como Nina e nem fazia tanto tempo assim ela ainda sonhava, fez a faculdade com muita esperança, trabalhou muito para conseguir cursar pedagogia com bolsa integral, sempre ajudando

a mãe com as despesas, mais velha de quatro irmãos, sempre tentou ter uma realidade diferente e conseguiu, agora estava concursada, era um trabalho fixo, plano de saúde inclusive para a mãe e para o filho, mas todos os dias pela manhã, antes de levantar para o banho, se pergunta onde está sua felicidade.

Nina não sabia de tudo isso, mas sabia que sua professora, a quem chamava de tia Rosa, não era feliz, era evidente, estava em seu olhar triste, em sua fala irritada. Nina se aproximou de Rosa, puxou sua mão para que se abaixasse na altura de seus olhos e também percebesse a tristeza que provocou.

–Tia Rosa, não quero ter um olhar triste como o seu, deixe meu cabelo ser como ele é, como eu gosto ou vou ser tão triste como a senhora, é isso que a senhora quer que aconteça comigo?

Rosa olhou bem fundo nos olhos de Nina e por um segundo o silêncio se fez para ela, uma mulher de 25

anos, uma menina negra, que mora na mesma periferia desde que nasceu, na mesma casa desde que nasceu e que no fundo sente que pode realizar seus sonhos, mas que também foi obrigada por sua professora a mudar sua aparência, não chegou a cortar os cabelos, mas passou a sempre amarrar para não parecer tão feia quanto sua professora e suas colegas de escola e de rua diziam que era, quando foi crescendo pediu que sua mãe alisasse seu cabelo, sua mãe achou normal, natural até, e assim ela faz até hoje.

Nina a despertou de seus pensamentos dizendo o quanto se acha bonita.

–Eu sou muito bonita, sou igualzinha aquela menina do desenho, tenho vários laços que minha vó enfeita meu cabelo, sou igual minha boneca, num é mãe?

Deni não sabia o que dizer, não sabia que sua filha já possuía tanto argumento assim, ela mesma não conhecia tantos.

-Verdade filha, tu tá certa.

Olhou para a professora de Nina e argumentou com a firmeza que ainda estava aprendendo no movimento feminista negro que estava começando a conhecer através de uma amiga e de vídeos na internet, mas na verdade estava impulsionada pelas certezas de sua criança de seis anos, pegou sua filha pela mão e levou para casa, as duas conversaram muito nesse dia, Nina explicou para a mãe sobre o desenho, a boneca que ganhou do avô e as duas convidaram a avó para a conversa.

Mas, naquele dia em especial, em que Nina encontrou aquele serzinho tão frágil, ela não estava se sentindo com força e nem com vontade de reagir, foi rejeitada por sua melhor amiga, ela não quis mais

brincar com Nina porque seus cabelos eram feios e sujos demais. Nina saiu arrastando os pés, se sentiu pesada, cansada, não pensava em argumentos, nem sua melhor amiga a achava bonita, então não servia para mais nada, não queria mais brincar, só chorar, foi aí que se abaixou ali naquele cantinho onde encontrou aquele serzinho ou melhor foi encontrada por ele.

Quando seu avô chegou para o almoço ela contou para ele e sua avó de toda a tristeza que sentiu naquele dia e do quanto sua gatinha a encorajou, afinal ela redescobriu que não é feia, nem sua gatinha.

–Ela é tão bonita quanto eu vovô.

O avô achava graça dos trejeitos da neta afirmando sua beleza e mexendo nos cabelos.

–Sim, ela é mesmo, mas precisa comer e ficar tão forte quanto tu, vou ajudar, quando voltar do trabalho mais tarde trago uma mamadeira pra ela tomar leite, o que tu acha?

A avó perguntou qual nome daria a sua gatinha.

– O nome dela vai ser Menina, nós vamos brincar muito e ela vai ser minha melhor amiga.

Nina sorriu um sorriso sem dentes, o avô e a avó se sentiram reconfortados com aquele momento, a inocência que tomava de conta de suas vidas naquele instante era mais importante que qualquer problema externo que pudesse alcançar sua casa.

Em: 10-04-2020

Às 10:58

Sonhos do planeta Preto Lilás

Gê Dias

Celeste sempre sonhou demasiadamente. Desde criança seu sonho mais recorrente era com comida. Enquanto dormia, curtiá aquele festival de sensações que passavam por sua mente.

Debatendo-se entre o lençol e a rede, tinha um estalo de tempo e surgia em um salão amplo, com uma mesa enorme e posta para todos. Sobre o móvel via o quanto sua vista pudesse alcançar. Lá estavam comidas da mais variada culinária amazônica-brasileira: doces, salgados, sucos, frutas e folhas. Tudo fresquinho e muito cheiroso.

A menina rodeava a mesa com a velocidade de quem parecia se perguntar: por onde começar? Por onde começar? Ficava eufórica, esperando que alguém lhe convidasse ou que simplesmente a permitisse degustar.

Celeste nem sabia o que era uma degustação, mas em suas papilas circunvaladas sentia gota-a-gota cada sabor que aquela mesa posta a sua frente poderia lhe propiciar, antes mesmo de comer os alimentos ali preparados.

Uma vez convidada, planejava por onde começar. E então ia devagar dividindo em sua mente qual seria a melhor fórmula para “encher seu bucho”. Muitas vezes começou pelas frutas. Mas depois partia ferozmente para os salgados. A menina nutria secretamente esta preferência.

Bebia um pouco d'água, e contraditoriamente calma e habilidosamente a garota comia em quantidades de impressionar a qualquer um. Seu corpo já começara a ficar esguio, porém só servia para enganar os mais desatentos ou os que a conhecessem a pouco.

Sua vó Laura a ensinou que estando diante de uma boa mesa se deve comer devagar e ser educada, para se aproveitar “de um tudo” e não passar mal. Mesmo porque uma mesa, sendo farta ou módica, deve ser bem dividida igual e civilizadamente entre os que têm fome. E todos, sem exceções, têm fome!

Por longos anos Celeste sonhou e acordou com as mesmas sensações. Cresceu e continuou sonhando. Vieram alguns acréscimos nesse meio do caminho. A moça conheceu culinárias de outras cidades e até de outros países.

Quando acordada fitava programas de culinária na TV. Chegando a ser fã de carteirinha de realitys shows de culinária mundo a fora. Cassava tanto, que via seu histórico de pesquisas na internet, passou a notar que além de outros sites sobre comida, a navegação já a sugeria até receitas rápidas e propagandas sobre o gênero, tipo aquelas já bem divulgadas, “pratos

rápidos para fazer em 30 minutos” ou “baixe grátis o melhor e–book de comida caseira do Brasil” e etc.

Agora que já chegou a fase adulta compartilha com as amigas as receitas que cata pela internet. Ela ainda sonha, mas hoje também realiza seus sonhos de comer pratos suculentos e bem temperados. Tudo light. Afinal, aprendeu com a mãe que gordura se descarta, álcool é para brindar e não para transformar o corpo em um alambique ambulante e que os excessos fazem mal a saúde, entopem as veias e levam a pessoa a convalescença rapidamente.

Aliás, por falar na mãe de Celeste, que sopa, que carne assada e que caruru essa senhora faz? Rapaz! Quem provou é que é feliz! E nem precisa dormir para aproveitar, basta estar de banho tomado, roupa limpa e cabelo penteado por perto dela na hora do almoço. É comilança das boas na certa!

Celeste ainda hoje é uma mulher de muitas histórias, mas não era uma menina distante de nós. Esta criança apenas sonhava, e em seu subconsciente fugia.

Não tinha ódio ou rancores. Só carregava em si a inocência e a felicidade.

Quando cresceu, um dia estava ouvindo Elza Soares, uma cantora que ama. De repente, se entendeu. Notou que enquanto dormia não apenas sonhava, só corria, corria e corria em disparada para longe de seu mundo, o planeta fome.

Sonhos do planeta preto e lilás. Parte 1.

Belém/Pa/Amazônia/Brasil, 10 de abril de 2020.

Girassol de Setembro

Danillo Pietro Craveiro

Em uma manhã agradável de domingo na cidade de Belém, um erê passeia pela praça da República, no bairro da campina, pega a bicicleta que acabara de ganhar da sua mãe, presente de aniversário. O garoto de 5 anos, brincava tranquilamente enquanto a Tia lia uma revista, ele chega próximo ao coreto que está rolando um carimbó, não reconhece a música, mas gosta do que ouve, desce da bicicleta e senta no degrau enquanto observava os movimentos das moças e rapazes naquela dança de alegria envolvente e chamativa.

Uma menina preta, de olhos castanhos brilhantes, lábios grossos e bem desenhados, sorriso ardente e inocente se aproxima do garoto e o cumprimenta, ele, branco, quase pálido e de olhos esbugalhados se

afasta da menina como se tivesse medo, ela percebe e o questiona de o porquê ter medo dela.

– O que foi? Não precisa ter medo de mim, não sou ruim. Ela diz enquanto sorri.

Os olhos do garoto só faltavam pular do seu rosto de tão assustado, a garota continua.

– Cadê sua mamãe? Tu tá bem menino? Eu hein?! Parece que teu olho vai pular da tua cara.

O garoto responde em tom muito baixo quase inaudível.

– Você vai me roubar agora?

Incrédula a menina fala.

– O quê? Acha que eu sou ladrona? Claro que não! Por que tu achas isso?

– Meu pai diz que pessoas da tua cor não são confiáveis e que sempre roubam e se aproveitam de pessoas boas como eu e minha família. O menino responde.

– O teu pai é um idiota, eu não vou te roubar, não tenho porque fazer isso. E isso que ele te falou é errado, a gente chama isso de racismo, minha professora falou sobre isso na minha escola, dá até cadeia isso, mano! A menina falava enquanto enxugava a lágrima disfarçadamente.

– Por que você está chorando? Pergunta o garoto incomodado.

– Porque racismo dói, as pessoas veem gente preta como uma ameaça sempre e a gente não é. A gente é gente como o branco e só queremos viver em paz, ninguém gosta de ser maltratado e julgado por algo que não fez. Eu tenho 8 anos e já ouvi muita coisa ruim sobre minha cor, meu cabelo, meu nariz, minha pele e ninguém faz nada sobre isso, ninguém se importa com a gente, o racismo vem de tudo que é lugar, de todas as pessoas, principalmente de gente burra, racismo é burrice. A menina se altera ao falar.

– Eu não sabia disso, de–des–desculpa, não vou fazer de novo. O que posso fazer pra você sorrir de novo? Pergunta o menino enquanto coloca a mão no bolso e pega um pirulito. Você aceita? Como pedido de desculpas, por favor!

– Tá bom, mas se tu quer ser melhor e não quer mais fazer mal pra gente? Não adianta só não ser racista, tem que ser antirracista. A menina fala enquanto tira a embalagem do doce.

Confuso, o garoto pergunta.

– Onde compro esse “antirracista”?

– Menino? Tu é besta é? Não dá pra comprar, tu tem que ser, ser antirracista, é não deixar que pessoas como teu pai fale coisas feias de gente preta. Tem muita gente branca que faz coisa errada mas não falam deles como falam da gente que é preta, tem que deixar de ter medo de gente preta, não pode ficar falando mal do cabelo crespo como se fosse ruim, duro e essas

coisas, meu cabelo é muito macio e cheiroso e nem fazer graça da nossa pele.

Ele interrompe a garota.

– Tua pele brilha, falar isso é errado?

– Acho que não! Nossa pele tem um brilho diferente, é por que a gente tem mais cor que vocês.

Responde sorrindo.

– Olha! Eu tô vendo que tu não sabe de muitas coisas, tu é daqui? Ela pergunta.

– Eu mudei faz pouco tempo, morava em santa Catarina, mas meu pai arrumou outra família e largou eu e a mamãe, aí a gente veio morar com a minha avó.

Responde o menino já muito à vontade.

– Tua avó mora por perto? A menina indaga.

– Sim, ela vem me buscar daqui a pouco de carro, vem pegar eu e a Sheila. Ele diz.

– Quem é Sheila? A garota pergunta curiosa.

– Sheila é a menina que cuida de mim, porque minha mãe nunca tem tempo pra ficar comigo e minha vó já é velhinha. Minha mãe trabalha muito e eu quase nunca vejo ela porque ela diz que trabalha muito pra dar o melhor pra mim, ontem foi meu aniversário e ela me deu essa bicicleta. O menino fala em tom triste.

– Nossa! Que legal! A menina fala animada.

– Nem tanto, o menino diz muito triste, ela não foi no meu aniversário, disse que tinha uma reunião importante e não poderia participar, então mandou a bicicleta pra ficar no lugar dela.

– Caramba! Pesado! Tu sabe dançar carimbó? Pergunta a menina enquanto se balançava no ritmo do batuque.

– Carim... O quê? O menino pergunta fazendo uma cara de quem não estava entendendo nada.

– Carimbó menino, vem bora dançar! A menina sai puxando o garoto para o meio do povo.

– O que é pra fazer? Eu não sei. O menino pergunta.

– Dança! Se diverte! A menina fala enquanto gira.

O garoto observou como os adultos se movimentavam e começou a tentar fazer igual, depois de muitos tropeços e passos sem sentido, acertou a marcação do carimbó e dançou alegremente.

Não tão distante, Sheila procurava o pequeno desesperada.

– Caramba, mano! Cadê esse menino?! Viado! Agora me lasquei! No meu primeiro dia, mano! Que desgraça! Égua não! Tu é doida?!

Sheila tem por volta dos 22 anos, era o primeiro dia que saía com o guri, ela é filha de uma grande amiga da avó do menino, a madrinha Sandra, assim Sheila a considera.

Sheila já trabalhara anteriormente como garçonete em um restaurante pequeno no Benguí, o

bairro que morava com sua mãe e seus 2 irmãos, mas precisou sair desse trabalho após ser desrespeitada e agredida por um cliente, que foi transfóbico com a moça.

Sheila é uma mulher travesti, sempre se expressou de forma feminina e por conta do preconceito da sociedade, sofria agressões e humilhações constantemente na infância. Iniciou a transição com 15 anos de idade, por conta própria e até tentou ir para a “pista” para ajudar em casa a mãe que não entendera o que era ser transgênero, mas tentava ao máximo apoiar a filha em tudo, tanto que o primeiro vestido que teve foi sua mãe que lhe deu no seu aniversário de 15 anos e era tudo que precisava para iniciar a transição, o apoio da sua mãe.

Sheila é uma moça muito esforçada quando o assunto é trabalho e estudos, seu grande sonho é ser defensora pública “para defender as pessoas que não

tem como se defender”, assim ela justificava o seu grande desejo de se tornar defensora pública, sua madrinha Sandra trabalhava na defensoria pública de Belém e achava muito lindo o esforço e vontade de Sheila, mas, sabia que era muito difícil, viu a garota ficar muito triste quando tentou o Enem em 2018 e não conseguiu passar em direito na UFPA, se ofereceu para pagar o cursinho da afilhada para conseguir fazer o curso que desejava, ofereceu sua casa para a garota ficar por conta do cursinho.

Sandra soube da separação da filha e logo procurou ficar a par de toda a situação para ajudá-la, sua filha Brenda tinha saído de um relacionamento extremamente abusivo, o ex marido fez com que ela cortasse contato com toda sua família por conta de ciúmes infundados durante 7 anos. Constantemente ele agredia a mulher, estuprava, não a deixava trabalhar, estudar, ter amigos, controlava com quem

ela falava na internet e nunca podia visitar seus parentes em Belém, ela só podia conversar com as irmãs dele que sabiam de toda a agressão e diziam que era bobagem, ele só estava com ciúmes porque a amava e ela tinha dado motivos.

Ele mantinha um outro relacionamento há 3 anos com outra mulher, que estava esperando o segundo filho dele e mandou a ultrassom para Brenda no dia do aniversário dela, Brenda não aguentava mais ser feita de boba por esse homem e decidiu que queria se separar, mas ele não aceitou e a agrediu na frente de todos, inclusive do filho deles, os vizinhos assustados chamaram a polícia que levou o Ex de Brenda preso, mas foi liberado após pagar uma fortuna de fiança, Brenda registrou queixa e entrou em contato com sua mãe Sandra pedindo urgente que a tirasse dali, ela não tinha nada de bens materiais e nem dinheiro, só tinha o filho e muito medo. Sandra não perguntou muito e

fez o que a filha pediu, depositou o dinheiro na conta da filha que veio de Santa Catarina para Belém, fugida, com medo de morrer.

Em terras Belenenses só conseguia chorar no colo da mãe, rosto todo desfigurado, marcas por todo corpo, muito magra e abatida. Em casa, calma, limpa e alimentada, após colocar seu filho Miguel, para dormir, decidiu contar todo o inferno que vivera nos últimos 7 anos, as inúmeras traições do marido com as secretárias e cuidadoras de crianças que ela contratara para a casa, as amantes que se envolvia e maltratava após se satisfazer sexualmente, e o relacionamento que estava tendo há 3 anos, o qual preparava-se para união estável em cartório, contou das inúmeras vezes que foi estuprada por não querer fazer sexo quando o marido chegava da rua, bêbado, drogado e com cheiro forte de sêmen, pois ele fazia questão de dizer que tinha “comido puta na rua antes de comer a puta de

casa", humilhava e maltratava Brenda sempre que tinha vontade e o filho deles já não era mais "desculpa" afim de poupar que a criança assistisse as agressões e até ser agredido também por não expressar uma masculinidade que o pai desejava.

– Mãe, eu comecei a enlouquecer quando via meu filho sendo agredido por aquele homem asqueroso, ele falava pra ele ser homem, que tinha que meter pica nas meninas da escola, na professora, em todo mundo, porque filho dele era comedor de buceta, nada de querer ser viado, que ele ia quebrar ele todo se começasse a agir como baitola, era horrível! Disse Brenda com os olhos cheios de lágrimas.

– Miguelzinho só pediu um abraço do pai e ele espancou meu filho, mãe. Eu não podia fazer nada, só podia gritar e implorar que ele parasse, graças a Deus ele recebeu uma ligação da outra e foi até o encontro dela e a noite, na minha festa foi tudo pior. Ela mandou

a imagem da ultrassonografia com um bilhete me chamando de coisas horríveis e dizendo que meu filho era bastardo, não aguentava mais tanta humilhação e fui tirar satisfações afim de acabar, ele só faltou me matar, me esganava e socava enquanto as irmãs e mãe dele só diziam para ele se controlar, que não podia se expor daquela forma, os vizinhos que foram na minha festa que ligaram para a polícia, depois de quase duas horas sendo espancada, a polícia chegou e as irmãs e mãe dele disseram que a culpa era toda minha, que eu era uma vagabunda, deveria agradecer por ter uma boa vida e que era minha obrigação aguentar tudo porque ele me tirou da pobreza, que se não fosse por ele eu estava fodida, morrendo de fome, tendo que chupar muito pinto pra ter o que comer. Ai mãe... Eu não aguentava mais e sabia que se ele voltasse ele me mataria, a mim e meu filho... Desculpa mãe não te escutar... Tu sempre disse que ele não prestava e eu

não quis acreditar... Brenda foi amparada pela mãe e o choro e soluço a fazia perder o ar.

Sandra tentou aconchegar a todos na sua casa, conversou com alguns amigos que imediatamente se dispuseram a ajudar Brenda como advogados na sua causa. Brenda conseguiu um trabalho como secretária de consultório de uma grande amiga sua e passou a se dedicar inteiramente ao trabalho, colocou Miguel no colégio marista e o encheu de atividades para não ficar sem fazer nada durante a semana. Gostava muito de Sheila e ficou muito contente por ela está sendo quem realmente era, uma mulher incrível, elas sempre conversavam muito e passaram a sair sempre que tinha uma folga para distrair. Sheila sabia de toda a situação delicada que Brenda estava passando e sentia uma grande vontade de ajudar a amiga, e por isso ficava com Miguel aos domingos para que Sandra e Brenda descansassem. Porém, o garoto quase nunca

via a mãe e achava que ela não gostava dele por ele não ser um bom menino.

Miguel era um menino que adorava fantasiar um mundo lindo e perfeito e na cabeça dele, meninos podiam ser sensíveis, carinhosos, chorar quando se machucam e bons com todo mundo, mas sentia muito medo do pai e teve que afogar essa doçura, mas sempre escapava uma fala doce, um gesto delicado e uma performance afeminada e o pai não tivera pena e o machucava muito para ele “virar homem”.

Já passava das 12:00 horas e Sheila ainda não tinha encontrado Miguel, trêmula e desesperada não sabia o que fazer, perguntou para as pessoas por perto se tinham visto o menino e a resposta era sempre negativa, ficou com medo de ligar para Sandra e ela ter um “troço”, então ligou para Brenda e falou que havia perdido o garoto. Brenda saiu em disparada do apartamento e foi para a praça encontrar Sheila.

Encontraram-se e saíram juntas chamando por Miguel, procuraram em volta do Teatro da Paz, nas barracas de lanches e de coco, nas barracas de brinquedos e artesanatos e nada, em prantos as duas não sabiam o que fazer e decidiram ligar para Sandra, que calmamente veio ao encontro das duas e foram procurar o menino novamente nas barracas, nos amontoados de brinquedo.

Sandra de longe reconheceu os cabelos loirinhos e bagunçados do garoto, calmamente foi até a roda de carimbó, olhou e teve certeza de que era seu neto, e ele estava muito feliz com uma colega que havia feito amizade. Sandra chamou:

– Miguel?

O menino vermelho e todo suado foi até a avó muito contente.

– Oi vó, tu veio me buscar? Olha a minha nova amiga. Foi correndo trazer a amiga para a avó conhecer.

Sandra toda cheia de orgulho do neto que estava muito feliz sentou no banco cimentado do coreto e apertou a mão da moça lhe perguntando.

– Oi minha linda, tudo bem contigo? Qual é teu nome?

– Oi, sou Ester. Tô bem sim. A senhora é vó dele? Perguntou a menina curiosa.

– Sim, sou sim. Respondeu Sandra sorrindo agradavelmente.

– Miguel! Miguel! Pelo amor de Deus menino! Não faz mais isso. Brenda corria gritando.

– Eu tô bem, mãe. Miguel falava sem entender.

– Essa é a minha mãe e tia Sheila, te falei dela.

Miguel olhava para Ester.

Ester demonstrando confusão perguntou:

– Não me entendam mal, mas como o Miguel pode ser filho e neto de vocês? Ele é branco e vocês são pretas... Ele é adotado?

Risos.

– Não minha flor, Miguel puxou para a família do pai dele a cor. Sandra falava mansamente.

– Ah tá. Riu Ester.

– Ester, onde estão seus pais? Você pode ir almoçar em casa comigo. Sugeriu Miguel.

– Ahn.. É... Acho melhor não, meu pai não gosta. Outro dia Miguel. Respondeu Ester com uma voz trêmula.

Sheila e Sandra olharam-se e a desconfiança tomou conta das duas.

– Então eu te levo até ele pra você não ficar sozinha aqui na praça. Sheila disse.

– Não precisa, ele tá bem ali, vou já já. Tchau gente. Tchau menino.. Digo.. Miguel. Ester saiu

correndo em meio à multidão até que a família perdesse de vista.

Foram todos para a casa rindo da situação depois de muito nervosismo.

Semanas depois Miguel já havia desistido de encontrar Ester na praça novamente, voltando para a casa depois da aula de inglês, algo lhe chamou atenção, então ele disse muito surpreso.

– Vó! Olha a Ester ali.

Sandra olhou e viu uma garotinha na parada de ônibus, disputando espaço com outros ambulantes para entrar no ônibus e fazer sua venda. O motorista do pedreira UFPA não deixou e começou uma grande confusão, pois tomou a mercadoria da mão dela e disse que chamaria a polícia, curiosos começam a dizer que a “pretinha estava roubando”, outro dizia “esses pretos não podem ver uma oportunidade, raça ruim”, entre outras falas racistas. Um grupo já falava em

linchar a garota, assustada e chorando ela pedia para que a soltassem, que não tinha feito nada.

O trânsito havia parado, Miguel sai do carro e corre em direção a menina, Sandra também desce e vai até o meio da confusão, enfrenta os marmanjos covardes e fala mais alto que todos eles.

– Ninguém vai bater em ninguém aqui! Solta a menina agora!

– Ei sua doida, vai passar pano pra esse tipinho? Claro que ela tava roubando, olha a cara dela. Um deles falou.

– Não interessa! Ela é uma criança e vocês são um bando de adultos, racistas e preconceituosos. Ela retrucou.

– Que é? Tu é advogada dela? Claro que gente que nem vocês vão se defender né?! Não dá pra ser diferente com esse povo que se vitimiza porque é

preto, mas não perde a chance de roubar gente de bem. Outro disse.

– Tia, eu não roubei nada, tava trabalhando. Ester falava com dificuldade por conta do choro e medo.

– Sim, sou advogada dela e daí? Prova que ela roubou algo, tem como provar? E se eu sou preta e ela também, é, a gente vai se proteger mesmo, porque de onde eu vim não baixo cabeça pra marmanjo covarde igual tu não meu senhor, o senhor me respeite e respeite essa criança, porque se fosse cidadão de bem não queria agredir essa criança que nitidamente está vendendo amendoins, os senhores deviam ter vergonha pois não sabem nada dessa menina e a agridem dessa forma, se alguém encostar nela ou em quem quer que seja aqui, vamos todos para a delegacia.

Rapidamente a situação foi controlada, as pessoas calaram-se e começaram a perguntar se alguém tinha

visto ela roubar, como a resposta foi negativa, o motorista soltou a criança com violência, subiu no ônibus xingando em tom baixo Sandra e foi embora. Ester só sabia chorar, Sandra agarrou as mãos das crianças e foram até o carro, Miguel juntou a sacola de amendoins e balas e trouxe em suas mãos. Ester entrou no carro em prantos e foi deitada no banco enquanto Miguel acariciava seus cabelos.

Ao chegar na casa de Sandra, tomar banho, comer e se acalmar, sabia que devia explicar o que estava fazendo naquela confusão. Explicou o que havia acontecido mas Sandra queria saber o motivo dela estar na rua, suja e provavelmente desde cedo. Depois de muita insistência de Sandra, Ester decide contar sua vida.

– Moro no Jurunas com meus 4 irmãos e minha mãe, eu saí pra vender amendoins e bombom pra alugar um kit net e morar com a minha mãe, ela não

pode trabalhar e meus irmãos não gostam de trabalhar, ficam em casa o dia todo, eles batem em mim e na minha mãe, tem filhos e mulher, mas não fazem nada e... Silenciou Ester.

– E o quê Ester? Pergunta Sandra.

– Nada não. Disfarça Ester.

– Ester, pode confiar em mim, me diz... Sandra pega na mão de Ester. Eles “mexem” com você?

Ester cai em prantos e Sandra a abraça e consola.

– Xii... Xii... Vai ficar tudo bem... Vou cuidar de você minha flor.

No dia seguinte Sandra vai com Ester na defensoria pública, elas contam toda a situação de Ester. Junto dos colegas defensores, Sandra inicia um processo contra a família de Ester que quando procurada disseram não conhecer a garota e após alguns minutos de conversa a sós de Sandra com a mãe

da garota, ficou tudo confirmado e a mãe fez um pedido a Sandra,

– Quero que a menina vá morar em outro lugar, com outras pessoas e outra família, amo minha filha, mas não quero que nenhum dos meus “meninos” sejam presos, ela que quis, ela se oferecia e eles são homens, sabe como é né?!

Aterrorizada e sem saber o que dizer saiu daquela casa e no carro chorou inconsolavelmente, ligou para seu zelador de santo e contou o que estava acontecendo, ele aconselhou ela a ir na sua casa. Chegando no terreiro, o pai de santo pediu para entrar, ela pediu sua bênção e sentou-se em um apoti enquanto o pai se balançava na cadeira e escutava. Sandra parou seu relato quando percebeu que havia chegado um caboclo em cima de seu pai, bateu cabeça e pediu bênção do encantado que a abraçou e lhe disse:

– Eu vim só pra te ouvir e te dizer o que fazer.

Sandra ficou com os olhos cheios de lágrimas e balançou a cabeça fazendo gestos de positivo.

O encantado disse:

– Minha filha, a senhora sabe o que é pra fazer né? Seu coração tá dizendo? Eu só vou te explicar uma coisa. Na vida a gente encontra muita gente que a gente já encontrou outras vezes, essa menina veio pra ser cuidada pela senhora, a senhora não sente uma coisa boa quando abraça ela? Pois é, o destino como, vocês dizem, né? Quer que vocês fiquem juntas e outra coisa, ela vai ser cuidada nessa casa junto de ti, faça o que puder pra ela ficar contigo e cuide muito bem dela porque se vocês conseguirem consertar os erro do passado, vocês serão grandes amigas e vão sempre cuidar uma da outra. Mantenha a calma, seja firme e tenha fé que tudo dará certo, confie em Deus, no seu vodun Lisá, em azili tobossi e na encantaria.

Sandra, em soluços, apenas estendeu as mãos pedindo bênção ao encantado que a abençoou e lhe deu mais conselhos.

Dias depois, Sandra estava no conselho Tutelar solicitando a guarda de Ester que já havia sido recolhida para o orfanato, porém Sandra havia se inscrito para ser madrinha solidária e com isso visitava a menina e ela passava feriados e férias na casa de Sandra, toda a comunidade religiosa de Sandra conhecia e amava a menina, Miguel estava muito feliz por conviver com a sua melhor amiga.

Sandra estava muito nervosa, pois não sabia se o juiz deixaria ficar com Ester, era praticamente impossível que ela não ganhasse a guarda, visto que todos os parentes da menina haviam aberto mão da guarda da garota. Na terça-feira, Sandra foi até o barracão para dormir e se acalmar, pois estava muito nervosa, acendeu vela e se apegou aos santos, voduns

e orixás que podia, passou a noite inquieta até que seu encantado lhe apanhou e começou a conversar com os irmãos que estavam ali em solidariedade. Pelas 5 da madrugada o encantado subiu e Sandra conseguiu dormir, na quarta-feira, às 8:00 da manhã, a defensora que acompanhava o caso e amiga de Sandra, ligou para ela e estava muito animada para dar uma notícia.

– Sandroca, tu nem sabe menina?! É sobre o caso da Ester.

– Ai meu pai! O que foi menina? Me diz logo, ai... Eu vou ter um troço... Sandra entrava em desespero e começava a chorar.

Os irmãos e pais de santo observaram e ficaram atentos caso ela passasse mal.

– Menina, te acalma pelo amor de Deus, amiga... Saiu a sentença. A Ester é tua filha agora.

Sandra só sabia chorar, ajoelhou-se e tentava falar mas não conseguia. Os irmãos e pais de santo

trouxeram água e a colocaram sentada na esteira. Após umas goladas de água, ela conseguiu dizer.

– Pai, eu vou buscar a minha filha, pai. E o choro tomou conta dela de novo.

Quarto pronto, casa arrumada para receber Ester. Brenda e Sheila que se apaixonaram e começaram a namorar arrumaram tudo para receber Ester. Na chegada da menina foi uma festa, abraços, beijos, choros... Ah! E como teve choro. Sandra interrompe a festa e diz que precisaria levar Ester ao terreiro, pois queria agradecer e já tinha comunicado ao pai, surpreendentemente, Brenda e Sheila perguntam se poderiam ir, elas nunca antes aceitaram ir ao terreiro, por medo, Sandra achou o máximo e foram todas e Miguel no carro.

Ester estava muito contente, a menina pensara que nunca havia sido feliz assim.

A irmã de Sandra abriu a porta, estava trajando sua roupa de ração e voltinhas de vodum. Ester, Miguel, Brenda e Sheila ficaram na sala enquanto a mãe tomava banho e colocava sua roupa de ração para entrar na casa, aparentemente tinha algum evento na casa. Depois de alguns minutos chamaram os 4 que ficaram na sala para adentrar o barracão junto de Sandra e quando chegaram na porta foram surpreendidos pelos irmãos, ekejis e pais de santo que haviam preparado uma pequena celebração para receber Ester, era setembro e o amor ali presente estava tão radiante quanto um Girassol.

Ester e Miguel não tiveram mais notícias dos seus parentes, as crianças estudavam na mesma escola, Miguel sempre estava próximo a Ester e eles não se desgrudavam, diziam que eram irmãos e tia e sobrinho, Brenda podia cuidar do seu filho e da sua irmã pois estava de licença maternidade, Brenda

casou-se com Sheila e tiveram um bebê, Sheila conseguira passar no vestibular e estava cursando pela UFPA Direito e se destacando, se envolveu em movimentos sociais em prol dos direitos humanos e era um ícone em termos de militância trans, lésbica, feminista.

Sandra havia se aposentado e estava muito feliz pois podia estar mais presente na roça onde toda a sua família se cuidava. A vida dela com certeza era cheia de amor e felicidade.

Incondicionâncias

Leno Rocha

Ao observar o matinal percurso ao trabalho, ele inferiu que para algumas pessoas; a vida moderna tem seu encanto, sua parcela de vislumbres. Seus olhos são como pérolas lunares sob um rígido sol. A tecnologia nos faz entorpecer em máximas de glória pelos avanços científicos e pela conexão com pessoas desconhecidas. Um sentimento de liberdade embebeda e faz crê que estamos em plenos vapores da evolução humana – Não obstante, outra parcela apenas existe – Dizem alguns. Apenas trabalham, bebem, dançam, fogem com suas amantes ou dormem o resto das horas após longas jornadas braçais. Caso a evolução seja realmente um fato; a violência, a corrupção, a pobreza e outras mazelas; garantem que talvez, não seja para todos. O homem utópico é um homem moderno.

Francisco Brota se enquadrava em algum grupo social, talvez oculto, subliminar. Outras vezes, imaginava-se numa capsula onde o tempo gira apenas por fora. Tal evolução lhe era como um parente distante e sem intimidade. Era um sujeito de temperamento calmo com raras demonstrações de raiva ou desespero por qualquer coisa. Contudo, seu colega de trabalho, Matias, percebeu em um dia em especial, que um estresse subiu pelas golas do colega como se embaralhasse as letras da canção dos Beatles de sua camisa e o apoderasse ocultamente. Neste caso, não poderia demonstrar o que lhe causara a perturbação, porém, relevou depois, para Matias, que foi um bebê de colo a causa. Brota apenas queria entender como alguém no meio daquele calor pulverizador, entre conversas fúteis de adolescentes apaixonadas, no aglomerado de apitos no celular da jovem ruiva, no estilo de andar das moças da academia,

o vestir, o falar, a troca de carícias das moças por entre os polegares, nas demonstrações performáticas de maturidade de homens, mulheres e crianças, como aquele bebê – no alto de sua passividade cristalina – colocava seu rosto magnífico, com pequenos pontos vermelhos de calor na bochecha, nos ombros da mãe e dormia angelicamente.

Naquela manhã escaldante, onde até uma moeda caída no chão da avenida, poderia causar um engarrafamento; o sono do inocente, para Brota, em sua natural neutralidade e impenetrável leveza, vasculhava lhe os pensamentos. Brota, era conhecido por sua passividade, gentileza e distância de laços afetivos no trabalho. Matias, um dos raríssimos a se aproximar e tentar fazer amizade, não poderia ler seus pensamentos; talvez nem precisasse, o colega olhava para algum ponto distante: braços esticados na barra de ferro do ônibus, um bafo de vômito alcançava o

rosto espinhoso e irritado de Brota que divagava: *O trabalho a exigir dedicações, os amigos a exigir companhia, o padeiro a exigir o bom dia...* E confessava às vezes seu cansaço, sua vontade de viajar para outros planetas, sua ânsia desmedida em pensar além daquele corpo físico: *É um sufocante pensar que em cada fração de segundo rumamos para um precipício, um estado de selvageria; um instante de medo poluído de incredulidades, um estado máximo de alerta para ninguém perceber o afundamento; aquilo que somos parece banal, as poeiras dos carros engasgam qualquer grito de socorro; os prédios opulentos, as casas cheias de grades não impedem o tiro no peito do comerciante, o jovem ladrão fugindo da fúria de uma população sedenta; Belém, São Paulo, Manaus, o único abrigo possível para a bomba em forma de aurora que estoura no invisível, está implícita na passividade; está tatuada no aceitar à força. As razões são meras*

desculpas: A filosofia é uma desculpa; a religião; a rotina...

Matias, por outro lado, parecia feliz e não se importou com o silêncio lúgubre do colega de trabalho. Mesmo dias depois, ao ouvir as inquietações do companheiro de trabalho, não parecia animado em compartilhar tamanho exercício de reflexão, para si, tola, passageira, juvenil. Matias não entendia como Brotas, em sua condição de empregado, com família e agora pai, ainda cultivava esses delírios fracassados. *Essas ambições medíocres, essas conversinhas malditas.* Para Matias, Brota só precisaria pagar algumas moças para diverti-lo – um conselho que ele guardou para si, mas que praticava algumas vezes – comprar uma vodca, rir um pouco de algumas piadas, tirar umas selfs de vez em quando, que na segunda feira estaria renovado. Seu manual do bom viver não ficou explícito. Tinha dificuldades para aconselhar,

para persuadir, para dar um abraço ou chamar para uma conversa franca. Preferiu naquele dia lhe oferecer a amarga companhia de um café.

Antes de descer do ônibus, ele olhou novamente para a criancinha que já acordara. A mãe, paciente; dava-lhe tapinhas nas costas e leves balançadinhas. Porém, o bebezinho se pôs a chorar. Brota soltou um pequeno sorriso imperceptível transfigurado em uma pequena tosse logo coberta pelo barulho das tagarelices de algumas moças. *Estais vendo, a vida não é fácil rapaz.* Pensou. Quando voltou para casa, abraçou o filho pequenino e neste dia, trouxe de presente; um ursinho panda de algodão cor azul provocando um rápido acesso de espirros no bebê. Brota desesperou-se.

Poesias

Clandestina

Évora Borges

Existências paralelas

Realidades suspensas

Referências subvertidas

Transgredida

Entre desejos e desassossegos

Tempo que acelera

Espaço pulsante

Onde

Ébrios. Suspiro. Ardo.

Em: 24-03-2020

Presente (ou Atenção Plena)

Juliana Phillipp



Estou mais atenta às delicadezas do mundo,
Aos detalhes das formas
Da leveza das nuvens
Das nuances discretas da cor azul no céu.
Das curvas sinuosas e assimétricas das folhas ganhando

tons de verde,
suas veias, suas linhas, sua dança ao vento
Estou mais atenta a delicadeza da água,
de sua música, seu movimento, sua pressa de não ter
pressa...

Tudo é melodia e movimento diante dos meus olhos
nesse dia de vento intenso

Posso sentir os dedos gentis da brisa se aventurando
entre os fios dos meus cabelos

Estou mais atenta a delicadeza das penas cobrindo as
aves de cor,

formando asas que bailam

nessa música perfeita que trazem os ventos ao meus
sentidos.

Todas as criaturas dançam diante dos meus olhos
nesse mesmo instante, com o seu próprio ritmo, os
seus próprios passos...

Estou mais atenta a presença de todas essas criaturas
nesse momento,

momento quando cada fração de mim se perde nessa
melodia do vento...

eu danço, eu sinto, eu existo.

Reencarnação

Juliana Philipp

Quero provar tua pele macia de carne de caju cujo suco vai banhando meu corpo e deixando as manchas da tua presença na minha camisola de puro algodão.

Me incendiarei no fogo dos teus dedos se perdendo nas curvas irregulares do meu corpo, deixando um rastro de calor intenso.

Permitirei que teu desejo pulsante escreva nosso segredo nas linhas da palma da minha mão.

Quero me enroscar em tuas pernas e me nutrir da tua energia masculina como um cipó que entrelaça a árvore mais imponente.

Vou deixar que suas palavras embalem meu delírio e façam do meu ser um rio tranquilo onde teu barco navegará sem receios.

E permito até que o som melódico de tua voz me embriague como vinho doce da melhor safra.

Ao final, depois de ver meu sonho consumado e meu sono acabado, esconderei a mim mesma em tua essência

como perfume que sai do corpo mas se eterniza na memória dos nossos sentidos.

E quando o tempo correr distâncias e o cotidiano das obrigações nos impuser o esquecimento, vai haver um dia em nossa maturidade que a brisa carinhosa das lembranças soprará em nossos ouvidos que nem eu nem você, nem aqueles momentos foram esquecidos.

Pois que o corpo poderá até se desfazer como areia levada pela tempestade do deserto, sem deixar evidências, mas a memória do que foi vivido carregará nossos momentos para outras existências.

Ante o caos

Franci Barroso

O medo
A desesperança
A descrença
O desânimo
O grito silencioso da alma
A carne trêmula
O coração acelerado
A mente inquieta
Sonhos perdidos
Sonhos esquecidos
Sonhos ressignificados
Sonhos sonhados
E por fim...
O renascer da esperança

“COVID: não convite”

Paulo Nunes

Na crispação do planeta,
terra, húmus e sumiço,
uma tela é pintada em marrom toscó-infinito;

há de se ver o solistício
no risco do inclinado dia;

alfaiates em marca
ourivesaria
trancafiados no (de)talhe da sede,
mar-amaro trança,
o ab-sorvido;

alentados estão os elos
ar teso e desprovido;
há que haver
manuscritos em prenhã pia:

rinha de galo
rede de amante
e flauta de vidro;

vida na gaiola,
sol nasce quadrado
em cantos, sumo, sustenido;

és substantivo?
oh, nome pomposo
que de um vírus
faz-se transido:

- C#R#N@-Covide -

abutre, passarinho,
afastas-nos tu,
é favor,
do teu ciclo e
e,x,p,e,l,e-nos,
do farpado-ninho.

Em: 02.04.20.

Na contra-mão

10 poesias

André Leite Ferreira

insinua um pensamento sem
a vida é uma estrada cheia de descaminhos
que a cada dia surpreende mais
embora todos os percursos existentes
sempre nos sugere sua sutileza e grandeza
de itensa luz cintilante
como uma poesia que nos arrebatava
em seu colo amoroso

12/08/18

luzes incendeiam os meus sentidos
me sinto embriagado de sonhos
a rua é longo labirinto
eu perscruto teus desejos
me fecho em silêncio profundo
e te aguardo na entrada da floresta

aqui deste lado da margem
tudo se apresenta turvo
para mim parece infinito: ilusão
meu horizonte só chega até onde inicia a escuridão
o som do barco lunar
esclarece a noite
uma garoa se impõe sobre a cidade
a viagem é sempre a mesma
adiando sempre a passagem
me perco no verde da fumaça
daqui tudo parece vivo
sua expectativa pode até aumentar
mas essa luz opaca
ofusca sem nenhuma piedade o outro lado da
margem.

12/04/2016.

sondar o insondável
traduzir o intraduzível
dizer o indizível
decifrar o indecifrável
pensar o impensável
desvelar o véu do mistério
apagar as pegadas
perder-se no caminho
e ir adiante sem rumo certo
mergulhando nas areias desse imenso deserto
persistir na sombra da língua
e permitir o desvão da palavra
escrever sem medo
o livro do desespero
ora céu ora guerra
traçar linha esférica
perceber o abismo
uma traça uma hera
ecart pode ser o traço embaraçado de uma fera.

rosas atômicas
nasceram em meu jardim
elas são lindas
e cheias de vida e de cores
eu fiquei meio desconfiado mas o que fazer se elas

exalam a poesia do submundo?
elas sorriem todas as manhãs
e sempre são gentis
a minha ignorância faz mais estragos do que elas
que indiferentes a tudo
continuam poemas
a cidade amanheceu horrivelmente cinza
e os homens mais mecanizados que nunca
anunciavam murmúrios e abandonos
e toda sorte de devastação
minhas rosas atômicas permaneciam impávidas
sem reclames ou imposições
livres de nossa amarga sorte
trilhando seu universo de sonho e solidão
os desertos de meu peito agora são enormes
as trilhas sonoras de minha vida silenciam vez por
outra
e eu me perco nesse imenso jardim do nada.

os quintais de minha infância jamais os verei de novo
antes sem cercas livres e com a vegetação silvestre
belas frutas suculentas e verdejantes
música do vento flamejante
no fundo do tempo dormem minhas imagens únicas
vertigens do meio-dia ensolarado e colorido
uma dança oculta e antiga da natureza permanece no

fundo ancestral da minha memória
um canto xamânico ecoa na poesia
as cores do mundo e dos velhos quintais infelizmente
estão desaparecendo agora
mas o céu nunca irá se calar

uma poesia cálida queima
tudo a sua volta
um calor escaldante
nos trópicos úmidos
o rio calado se dilacera impoluto
na densidade de uma tarde alada de calor
um imenso burburinho de terror
ação celeste carregada
os anjos ainda não caíram sobre nós
mas eis o incrível o insondável o inaudito
o cadafalso
somente a música acalenta o desencanto
o mito já retornou
a sua velha morada
a memória
o silêncio

até as sombras se escondem por entre as frestas do
pensamento de tão convulsivo que tá todo esse calor
do sol esquentando a cuca de todos o dia inteiro
e com muito concreto e asfalto a cidade se torna um
forno ou melhor uma verdadeira sauna um violento
inferninho de segunda categoria
indesejavelmente para todos os farsantes nós nos
balançávamos gostosamente nas redes
ora água ora brincadeiras
não estamos fazendo nada de errado então
me pergunto por que nos perseguem?
o silêncio e o calor barulhento da tarde insular da
cidade se colocam como iguais cada um à sua maneira
em um processo continuum de ser
a poesia transcende qualquer realidade mesmo
a do não ser sempre livre de qualquer preconceito
essa fornalha medonha que me consome agora
é um estranhamento do ser e carrega em sua imensa
bagagem uma qualidade infinita de prazer
tarde quente de maio tarde quente e surreal
primeiro silêncio
agora um imenso batuke tropical
uma poesia uma explosão de cores e muito mas muito
mesmo lisergia marginal

poema soturno
tudo está oculto assim de forma tão revelada
o que vem adiante é só magia
diante de um desejo eu me perco em meu próprio
sonho
uma luz opaca nos revela a noite
as vezes sinto uma imensa vontade de chorar todos os
choros engolidos
a lua também é uma esfera oculta
a memória esquecida novamente vem à tona
a madrugada avança sobre nossos corpos
eu diviso antigos quintais vazios
existe nessa mágoa um espelho que se partiu
a sombra juvenil da tarde carrega apressada nossa
energia
nossa experiência é apenas um fôlego
o que se vai além é sempre o insondável desejo de
transcender

poema paranóia
desato o nó da memória
e me ponho de súbito
a perceber os encantos do sonho
límpida a noite se insinua
eu perco a concentração
a leitura se embaralha e seu sentido
rapidamente se perde
ou eu me perco dentro dessa
imensa escuridão
dentro desse imenso abismo: o conhecimento de si e
dos outros
uma velha canção ressoa no ar
distante de toda ilusão
procuro tatear no escuro do meu ser
a vida
qual pesadelo que insiste em permanecer na gente
mesmo quando acordamos
procuro a saída de incêndio
que se oculta nas profundezas das heras
uma velha casa que resiste ao tempo
se refaz no imaginário
eu te espero afobado e nervoso
e me proponho
a mergulhar no inevitável
é claro que o sol queima minha cuca

mas a sombra do caminho
afaga o meu corpo
e o desejo de transcender se consolida
em meu peito
ao longe meu olhar divisa o teu
e eu esqueço por instantes todas as mazelas
sufocantes e obscuras do tempo

Sábado

Preto Michel

Quando tudo isso acabar
Vamos nos abraçar
Vamos nos ver
Bater fotos
Pra assistir na TV

Quando tudo isso acabar
Vamos juntos declamar
Os poemas que escrevemos
Esperando o tempo passar
Na janela do quarto ou na varanda
Escutando um RAP PA
Com saudades da mãe e do pai
Que estão longe do lado de lá

Quando tudo isso acabar
Vamos juntos no igarapé
Se banhar
Voltar as 18;; correr na tia Maria
E tomar aquele tacacá
Uma cocada gostosa de maracujá

Quando tudo isso acabar
Vamos juntos de mãos dadas
Fazer uma oração
Pelas almas e as partidas dos irmãos
Olhar pro futuro, e tirar de tudo isso
Uma grande lição
Que a beleza da vida
E ter você dentro do meu coração.

Segunda

Preto Michel

Ouvi no rádio que tenho que
Estocar comida e ficar de quarentena
Cadê o dinheiro
Em casa só tem um pouquinho
De açúcar e um pacote de maisena
A rica da TV faz campanha
Pra mim ficar em casa
Sem saber se temos algo pra comer
Ela diz que vai sobreviver
E que for pra rua logo vai morrer
Eu tenho que trabalhar
Ou meus filhos não terão o que comer

A vizinha está preocupada
Com o novo vírus
Fico aqui pensando nos meus filhos
Um já teve dengue, outro sarampo e febre amarela
Égua, ainda tenho que me preocupar
Com essa doença que tirou minha novela

Já vivemos em quarentena dentro da favela
Meus filhos já pegaram
Dengue, sarampo e febre amarela

Todos os dias sem comida na panela
Sobrevivendo só com chá
De cidreira e canela
Mais uma preocupação
Na minha cabeça
Deixa eu vender minhas pupunhas
E não me aborreça.

Pensamentos inacabados de sentimentos imperfeitos

Cícero Pereira Neto

Tantos livros perdidos e em suas páginas nada escrito
Um livro de páginas em branco
Perdido em uma estante vazia
Quase o encontro em um canto escuro
No meio de um corredor eu não tem fim
Todos sabem quando procurar
Como procurar
Onde procurar
Mas, sem saber o que procurar.

Seus olhos refletem a nossa felicidade
Quando digo alto o quanto é pura a nossa
cumplicidade
De mãos dadas sinto o calor do nosso amor
O durar na eternidade os nossos beijos
Posso ouvir e confundir as batidas

Do teu coração com as do meu
Que agora é só seu.

Às vezes queria apenas sentir saudade
O que sinto agora é muito mais que saudade
Saudade é o que sinto
Quando ainda estou num forte abraço,
Me despedindo de você
Mesmo estando longe de você por pouco tempo,
Sua falta já traz um grande desalento
Mesmo a menor das distâncias
Já é capaz de causar a mais triste desesperança

Fiquei pensando na sua chave
ela não é de nenhuma porta e não abre nenhuma
fechadura
Fiquei pensando na sua chave, na ironia,
Ter algo que você não precisa e não vai usar
Fiquei pensando na sua chave, algo que você vai
guardar por guardar
Talvez ela abra algo que você queira e por isso a
guardará até encontrar
Fico pensando nessa chave e se ela abre seu coração
Você fica trancada dentro dele, enquanto eu estou
aqui fora tentando entrar
Mas, sem solução
Tudo de adorável e apaixonante eu conheço de você
É apenas o que consigo ver pelas frestas da única
porta que me leva a você

Penso nessa chave e não importa tudo o que eu tente
Só você pode me deixar entrar
A sua chave...
E se ela for a única que abre o seu coração?

O que é tudo isso que acontece?
NINGUÉM PERCEBE
Como pode ser assim?
NÃO MINTA PARA MIM
Onde isso vai parar?
ACHO QUE VOU CAMINHAR
Por que teve que acabar?
DEIXE-ME FALAR
Quando tudo se perdeu?
ERA VOCÊ OU ERA EU
Quem disse esse não?
SOMENTE ILUSÃO

Diga-me o que pensas
A respeito de nós
Se somos um do outro
Ou sempre ficaremos sós
Quando digo o que vejo
Só vejo você
Perdida em nossos beijos
Quero cada vez mais te conhecer
Encontro-me em teu desejo
De juntos viver?

Um vento de frio cortante
Na noite mais importante
A jura de amor de dois amantes
Tudo tão claro e intrigante.

Tudo o que realmente importa perdeu o valor
Tudo o que eu acreditava desmoronou
A verdadeira você se mostrou
O que de bom eu sentia se transformou.

Reflexões

Desejo

Carmem Davis

É tempo de
Partilhar;
Ajudar;
Não hesitar;
Doar; ter
Empatia; e,
Mostrar
Incondicionalmente o
Amor ao próximo.

Que o mundo saia dessa Pandemia contagiado por essas ações e sentimentos. E que essa seja a nossa Nova Normalidade depois que tudo isso passar.

Em tempos de individualismo

Jennifer Sales

Em tempos de individualismo, autosserviço, autogestão, “homem empresa”. Flexibilização dos contratos e relações de trabalho... o liberalismo cultivado. Fragilização de instituições criadas para defender o interesse de trabalhadoras e trabalhadores, com a lógica da “desburocratização” das relações de trabalho, regramentos jurídicos (burocracia) criados para regulamentar a “liberdade” de negociação entre indivíduos e empresas. A jaula de aço perfeita! As pessoas estimuladas para viverem ensimesmadas, suposta liberdade que oculta a fragilização das relações sociais, apoiada sem que se tenha a real visão do que significa.

A proteção de territórios indígenas e reservas ambientais fragilizadas. Estimula-se a exploração dos recursos naturais refazendo-se novas normas que

autorizam tal movimento, tornando os vulneráveis ainda mais vulneráveis. Como uma sociedade que estimula a fragilização dos laços sociais, poderia ter empatia pelos que sofrem veementemente com as desigualdades? Com a pobreza, racismo, desterritorialização, sexismo...?

Eis que surge um vírus que ataca todas as nações (sem considerar classe, raça, crença, idade ou gênero), o modo de enfrentamento exige, o que vem sendo desestimulado veementemente neste sistema, a solidariedade entre nações e em cada sociedade. Ironicamente, um governo que defende a privatização de empresas públicas, um governo liberal precisa tomar medidas que devem volta-lo ao povo, ao cuidado com o povo, o Estado tendo que ocupar seu lugar de proteger, cuidar, assegurar o direito à vida.

A população mais pobre (favelas, periferias, baixadas) fortalecem ainda mais seus laços, criam

políticas públicas (resistência, sobrevivência) para si mesmas como enfrentar o vírus, a fome, o medo. Cadê o Estado? A questão é que apesar de o vírus não escolher a quem infectará, o modelo de governo de cada país define quem morrerá e quem será assistido. Basta analisar as condições de vida de cada grupo, o acesso ou não à água potável, os espaços e condições de alojamento, quem pode e quem não pode seguir as recomendações de prevenção (ou morre contaminado com o vírus ou de fome). Sabemos quem tem condições de sobrevivência.

A equação é “simples”! Sabemos como trilhar um caminho para minimizar os efeitos de tudo isso! Permitir que o vírus corra essa “lógica” que afasta as pessoas, essa racionalidade que valoriza o lucro, o acúmulo em detrimento de vidas. O Covid-19 nos apresenta a oportunidade de ressignificar nossa própria existência, a solidariedade, a empatia,

tornando latente a grande importância que cada uma e cada um tem na sociedade, inclusive o poder de destruição e de cuidado ... seja individualmente, enquanto grupo/comunidade (espírito que precisa ser restaurado), seja como Estado.

Isolamento e Quarentena

Ana Almeida

Minha geração nunca tinha passado por momentos tão complicados como esses que estamos passando nessa pandemia, tendo que ficar em um isolamento total e trazendo à tona ainda a diferença social e o privilégio de quem pode e tem uma casa para ficar. Demonstrando assim ainda mais o abismo social no qual vivemos.

Um vírus que veio se alastrando mundo a fora passando pelos países mais ricos deixando um rastro de morte e, de certa forma, mostrando que nem todo dinheiro no mundo poderia com ele, pois, revelou um colapso nos seus hospitais, agências funerárias, cemitérios e crematórios, sem conseguir comportar tantos mortos por um vírus que diferente das principais mazelas do mundo não veio através dos mais pobres

(pelo menos no Brasil e alguns outros países mais pobres).

Voltando a realidade do país onde inúmeras pessoas moram nas ruas, uma outra grande parte da população não tem saneamento básico, o vírus veio mostrar o abismo que existe em nossa sociedade. Um vírus que conta principalmente com a higiene das mãos e a população que não vive na rua, vive sem saneamento básico, sem água. Acho que a forma que esse vírus veio devastando os países mais ricos nos traz um certo pânico pela realidade brasileira, por sua letalidade e o alto grau de contágio. Esses dias têm sido um terror por saber que talvez ainda não chegamos ao pior momento e o isolamento social termina trazendo alguns sintomas de maior estresse, irritabilidade e mal humor. Então, além de todos os cuidados que devemos tomar para não sermos surpreendidos por esse vírus que não é apenas lavar as mãos, é todo um ritual para

entrar em casa, ultimamente estamos precisando usar máscaras e as recomendações são para que cada vez menos as pessoas saiam de casa, ou seja, a vida fica cada vez mais difícil, para quem precisa sair para trabalhar, para quem mora em cubículos com 7, 10 e as vezes mais pessoas.

A saúde mental está sendo colocada em foco por especialistas que estão alarmados, pois hoje em dia há um aumento no número de pessoas com depressão e ansiedade e precisando ficar em confinamento por causa desse vírus e vivendo nessas condições de moradia, não conseguem buscar ajuda necessária, é preocupante. As pessoas estão acostumadas a sair de casa nem que fosse para ir na casa de um conhecido, tomar uma cervejinha no final de semana e quem tem um pouco mais de condição ir a um cinema, um barzinho, uma festinha com amigos, parentes. Não estamos podendo fazer mais nada, claro, algumas

peessoas não estão respeitando a quarentena, mas porque ainda não perceberam a gravidade da situação. Entretanto, os que estão respeitando têm a sensação de serem prisioneiros numa sociedade que o direito de ir e vir nos foi tirado por um vírus e que o medo e a paranoia que toma conta de nós neste momento está sendo algo normal devido as circunstâncias. E como cuidar da saúde mental nessas condições?

Minha conclusão desse período é que ainda não chegamos no pior de tudo, no pico da pandemia. Então, temos um problema a se considerar, pois além de aumentar esses casos de ansiedade e depressão, surgirão, principalmente, em pessoas que já as apresentam, problemas emocionais. No momento, além de tomarmos as precauções e cuidados que o isolamento e pandemia exigem temos que mais do que nunca cuidar de nossa saúde mental.

Alguns pensamentos

Nádia Carvalho

A existência se não é o grito silencioso por mais um dia daqueles cuja garganta abafa a excitação do já não existido.

Era esse teu dom, o de reunir dons, sons, corações, todos esses tons, muitos graves, outros intensos e agudos. Meu coração recebeu cada nota e batida que o amor desprezou e o matou, mas, aqui ele reviveu, nasceu e se apaixonou por ele mesmo (o amor).

O olhar que muitos acham vazio, na verdade viaja por paisagens e momentos que jamais serão descritos na mente tão finita de quem o acha vazio.

Se eu soubesse que iria ser tão dura essa vida de amargura que com o tempo nutri, deixaria lá na infância os sonhos e as constâncias de uma vida feliz.

Ele me disse:

–Acorda!

Sem perceber era a corda já preparada em meio a risos e piadas, lançadas em uma quinta-feira abafada.

Ser forte é dizer a verdade, é confiar e acreditar naquela que está ao seu lado. Se a lealdade for abalada,

a sinceridade precisa ser reconquistada, mesmo que isso lhe cause incomodo, o amor sempre será a melhor terapia em um mundo cheio de caos.

Oh! Mestre ou mostre-me o mestrado, leituras de mundo, teorias, amarguras não superadas em egos inflados em detrimento do quão sábio era esse ser.

Oh! Vazia infindável, essa vida insuportável, que já não me ensina a viver, apenas morrer e nesse partir te levo lentamente comigo, ou ficas sem querer voltar, pulsando ainda ao sufocar ou libertar.

Mãe

Mulher forte à frente de seu tempo, deixou para trás qualquer contratempo, levando os filhos a tempo para a cidade na tentativa de ser feliz.

Desigualdades sociais em tempos de Corona Vírus

Denise Machado Cardoso

Introdução

O objetivo deste texto é apresentar algumas reflexões sobre as desigualdades das relações sociais de gênero em tempos de pandemia ocasionada pelo Vírus SARS-CoV-2. Pretende-se ponderar algumas situações que evidenciam as desigualdades sociais presentes no Brasil, e em particular no município de Belém do Pará diante do isolamento social como estratégia para impedir o avanço desta pandemia. A observação incide nas dinâmicas cotidianas de homens e mulheres nas vias urbanas deste município e nas leituras de obras que tem como tema a questão de gênero e sua interface com outros marcadores sociais da diferença. Propõe-se um breve debate sobre as

desigualdades que persistem há séculos e que nesse contexto de pandemia estão sendo evidenciadas das mais variadas formas.

Assim, pontuo a situação dos espaços delimitados culturalmente conforme o sexo biológico, naturalizando proibições e prescrições conforme essa distribuição binária. Além disso, indico como importante questão para esse debate as condições de trabalho que as mulheres vivenciam, e as implicações de classe diante das recomendações que se mantenham em casa. Destaco, também, as implicações que envolvem a possibilidade de aumento da violência doméstica quando na convivência com o próprio agressor na casa onde, muitas vezes, coabitam com seus próprios algozes. Por certo, a permanência de homens e mulheres de modo concomitante na mesma casa, sem a possibilidade de saídas que garantam a distensão dessa relação, acirra conflitos.

Nessa proposta de ensaio, considero importante incluir o processo histórico marcado por um sistema escravocrata e colonizador, que perpetua ainda nos tempos atuais violências nas relações sociais³. Observamos que, além das situações que envolvem racismo, desigualdade e discriminação de classe, as diferenças como homens e mulheres vivenciam esses tempos de isolamento social apontam para as desigualdades nas relações sociais de gênero em variados aspectos.

Ressalto que as reflexões ora propostas incidem sobre as observações realizadas ao longo de semanas, cujo início ocorreu em meados de março de 2020. Embora reconheça a importância dos usos de tecnologia de informação e comunicação⁴ nesses

³ Uma primeira versão desse debate sobre as desigualdades de gênero foi apresentada no Blog “Não me Khalo”, em 06 de abril de 2020: <<https://www.naomekahlo.com/onde-estao-as-mulheres/>>

⁴ Em tempos dos usos de aplicativos há serviços, por exemplo, que estão sendo oferecidos via telefonia celular. Nesse espaço virtual se encontram muitas mulheres oferecendo seus dotes culinários, suas produções artísticas e serviços das mais variadas

tempos de confinamento, e suas implicações no cotidiano, detenho-me nas considerações baseadas nas práticas daquilo que ocorre presencialmente no âmbito dos espaços da rua, na qual o fluxo de pessoas é evidenciado em suas frequências no tempo e espaço de áreas citadina.

A observação para efeito de uma descrição dos movimentos e atividades em meio à pandemia se deu a partir das possibilidades de uma etnografia em situação de isolamento social, o que denomino como "etnografia da janela"⁵, ou seja, uma investigação de acordo com as limitações impostas no cenário de Corona Vírus, ou COVID-19. A partir do olhar de quem

características. Também há homens nesse mundo de WhatsApp, Instagram e outros aplicativos, pois não há distinção entre gênero para quem tem na telefonia celular o meio para se conectar e estabelecer redes sociais que até há pouco tempo só ocorriam presencialmente. O mundo virtual está repleto de possibilidades e nele são observáveis as diversas ações, narrativas, redes de apoio e de solidariedade. Nesse mundo do ciberespaço, ainda não detive meu olhar para procurar, de modo mais acurado, as mulheres que atuam *on line*.

⁵ Reflexões sobre o que defino como Etnografia da janela foram publicadas em 10 de abril de 2020 no Blog "Cofinaria: etnografias em tempos de pandemia": <<https://confinaria.hypotheses.org/category/textos>>

vive numa área urbana, mas que traz consigo traços marcantes da vida ribeirinha, como é o caso da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, realizo o registro das práticas cotidianas desse município da região amazônica. Desse modo, estar perto leva-me a pensar sobre as possibilidades que este confinamento proporciona ao olhar distanciado proposto pela antropologia (Lévi-Strauss, 1990). Muito já foi dito acerca dessa questão que se coloca para quem pertence à própria realidade estudada (Velho, 1978; Magnani, 2013), notadamente em espaços urbanos. Por certo, o distanciamento e a aproximação debatidos na prática antropológica permeiam as reflexões na escrita desse texto.

Essa reflexão parte, portanto, do ato de observar mais atentamente sobre as realidades que se impuseram desde os primeiros tempos de intensificação da campanha para ficarmos em casa. O

olhar e observar proposto na etnografia, juntamente com o ouvir e escrever (Oliveira, 1996), tornou-se uma prática rotineira tanto no visualizar mensagens e postagens nos aparelhos de telefonia celular, quanto nas telas de computadores e intensificando-se nos olhares pelas janelas.

Na atual conjuntura, lembro-me da situação de mulheres do Brasil Colônia, relatadas em diversos trabalhos sobre a sociabilidade desse período da história (MARTINS, 1994), a partir do cotidiano de pessoas não escravizadas em seus ambientes domésticos nas cidades. Nas janelas havia treliças para que as mulheres pudessem ver o movimento das ruas sem serem notadas e resguardadas de cobiças de quem caminhasse nos passeios. Atualmente, as janelas e varandas de apartamentos de bairros de classe média e alta se tornaram o lugar propício para a observação

do mundo lá fora, embora sem as mesmas motivações e proteções como aquelas em tempos pretéritos.

Embora, como já dito, possa-se observar os acontecimentos via internet, esta proposta de reflexão se baseia nas observações de quem está olhando para fora a partir das aberturas físicas que as janelas e portas de uma casa possibilitam. O que se segue são alguns apontamentos de uma observação participante, de dentro e de perto, com o objetivo de registrar as situações impostas a quem vive o ano de 2020.

Olhar a rua, olhar a casa

Desde meados de março passei a trabalhar em casa devido à suspensão de atividades presenciais na Universidade Federal do Pará, instituição na qual atuo como docente. A partir da decisão colegiada pela interrupção de aulas, eventos acadêmicos e administrativos no molde presencial, a maneira como

passaram a ser exercidas as funções de docente e pesquisadora foi, predominantemente, via internet. Desse modo, a escrita de artigos, elaboração de relatórios de pesquisa, orientação de trabalhos acadêmicos em diferentes níveis, foram sendo feitos em casa, alterando significativamente minhas práticas cotidianas.

O local de meu trabalho passou a ser a sala de casa, onde coloquei uma mesa, um notebook e, ao lado, na estante os livros e documentos necessários para aquelas tarefas anteriormente elencadas. A partir desse ajuste comecei a atuar diariamente como sempre o fazia no campus da universidade, mas em espaço doméstico assim como fizeram outras tantas pessoas.

Durante esses dias passei a olhar pela janela de frente de casa e perceber o que ocorria lá fora. Havia poucas pessoas nas ruas e todas elas eram homens. Essa constatação me fez questionar onde estariam,

onde estão as mulheres. Olho pela janela nos dias que se seguem para ver o que esses homens fazem lá fora, e evidencio que são os vendedores de lanche em suas *bikes*, os frentistas do posto de gasolina, o dono da mercearia da esquina conversando com outros homens, motoboys passando velozmente, homens indo e vindo. Não há crianças passando para a escola e é raro ver pessoas idosas na rua. Será que todo mundo está em casa e só ficaram alguns homens nesse espaço? Retorno aos meus pensamentos e busco explicações para tal situação.

As mulheres estão, provavelmente, seguindo à risca as regras de confinamento devido ao que foi estabelecido para efetivar o isolamento social. E onde elas estão, questiono-me? Em suas casas, ou na casa de suas patroas? Trabalhando como caixas de supermercado ou como diaristas? São médicas e enfermeiras nos hospitais? Olho novamente para a rua

e reflito sobre o espaço público e as questões de gênero. Busco respostas para tais questionamentos, deparo-me com mais perguntas e possibilidades de investigação do que propriamente resoluções. Certamente, nas práticas acadêmicas há que se colher bastante estudos neste solo fértil das dinâmicas sociais provocadas intensamente pelo Corona Vírus.

No espaço da rua, lugar que tanto já foi trabalhado por Roberto da Matta (1997) em suas pesquisas, e que dão conta de explicações sociais a sociedade brasileira, volta a ser lembrado por mim nesse momento de reflexão. Casa como lugar de mulheres e a rua como o lugar dos homens, cuja explicação se molda nas perspectivas dualistas que corroboram com os binarismos da sociedade patriarcal. A casa é o lugar para as mulheres, crianças e pessoas idosas? E os homens, permanecem nas ruas? A inquietude por explicar como se dá essa distribuição de espaços,

tarefas e lugares sociais leva-me, portanto, à seguinte discussão: O que delimita esses espaços sociais não está exatamente na naturalização de que um deve estar dentro e o outro fora, mas nas estruturas sociais que imprimem ao masculino transitar para fora e ao feminino o recolhimento dos espaços domésticos.

As explicações vêm de diferentes tempos e cristalizam de tal modo essas definições que as naturalizam com solidez quase inabalável. As leituras de obras clássicas de diferentes ciências oferecem tais explicações e condizem com as relações de poder entre homens e mulheres. Em Engels ([1884]2014) temos, por exemplo, explicações com bases evolucionistas indicando passagens de modos de produção cujas condições naturais estabelecem às mulheres atividades que permitem conciliar a produção com as realidades impostas pela maternidade.

Desde os primórdios da sociedade humana nesse planeta se tem evidências de que atividades de reprodução do grupo social implicam a divisão sexual do trabalho. Estaríamos ainda hoje repetindo essas mesmas justificativas para as mulheres permanecerem no espaço doméstico nesses tempos? Penso que não é apenas isso, pois o confinamento recomendado pelo Estado, baseado em razões científicas, estabeleceu o distanciamento físico entre as pessoas como uma prática comum. Fiquem em casa! Esbraveja de todo o lado a multidão assustada com a ameaça do vírus Corona. Mas, ficar em casa não é para todos, pois devido a uma série de fatores sociais há que sair, circular e expor-se aos riscos que esse momento evidencia.

E volto a atenção à minha inquietude. Onde estão as mulheres? E ao invés de observar a rua passo a observar os prédios vizinhos a partir do quintal de

minha casa. Vejo mulheres, ouço o burburinho de crianças brincando. Sim, elas estão em casa, mulheres ficam e homens saem (é o que parece acontecer). Observo mais atentamente e percebo que as mulheres nas varandas estão trabalhando estendendo roupas, limpando e, provavelmente, cuidando das crianças em suas brincadeiras.

Há mulheres em casa, mas algumas estão trabalhando como domésticas e não puderam estar com suas famílias nesses tempos de quarentena. Mais uma vez trago em minhas reflexões as explicações da sociedade pela via das Ciências Sociais, pois não há igualdade nesses tempos em que se busca a proteção da saúde e da própria vida permanecendo em casa.

As mulheres estão em casa, na companhia de nossos companheiros, filhos, filhas e outros familiares, poderia se afirmar algumas delas. Mas, essa não é a realidade para uma parte considerável da sociedade.

Algumas necessitam trabalhar fora e não apenas desenvolvendo tarefas em seus próprios lares. Muitas moram com seus filhos e filhas e é dela a responsabilidade exclusiva do provimento, cuidados com a saúde e educação.

Onde estão as mulheres? Quando nesse momento de pandemia a recomendação é o recolhimento ao ambiente da casa, quem efetivamente segue essa recomendação? Nos prédios onde moram pessoas das classes média e alta, elas continuam a trabalhar como se isso fosse um serviço essencial para as vidas de seus patrões e patroas. E nesse contexto, remeto-me à notícia das primeiras mortes de uma pessoa no Brasil decorrente do Corona Vírus, era uma mulher, uma empregada doméstica.

Esse e outros episódios me fizeram novamente refletir sobre o passado, não tão distante, da escravidão no Brasil. Trabalhos análogos à escravidão

são comuns e revelam que a prática escravocrata permanece como algo desejado pela elite econômica e social brasileira. Se fosse possível, certamente voltaria a prevalecer o trabalho sem remuneração e com toda a sorte de violência contra os trabalhadores e trabalhadoras. Ser escravocrata, racista e com práticas misóginas são, portanto, marcas nem sempre assumidas nas relações sociais no Brasil, mas que estão latentes e prontas para virem à tona a qualquer instante.

Assim, mesmo em tempos de recomendação de permanecer em casa, as diferenças socioeconômicas da sociedade brasileira “saltam aos olhos”. Em Belém, um olhar desavisado na rua de um bairro de classe média dá a entender que somente os homens estão circulando. Contudo, dependendo do horário do ir e vir para trabalhar, que ocorre ainda nas primeiras horas das manhãs, são vistas as mulheres movimentando-se

para seus locais de trabalho. As mulheres que saem de suas casas para trabalhar em outros lugares estão nos espaços reclusos de outras famílias ou nas lojas e nos estabelecimentos onde ainda permanecem as chamadas atividades essenciais.

Novamente me volto para as ruas e cruzo meu olhar pretensamente distanciado para os homens que não sossegam em suas casas e que não atendem ao chamado para o isolamento. Ouço algumas vozes vindo de longe e percebo que há homens trabalhando na construção civil. Confinados nos espaços de moradas ainda em construção, estes homens estão em casa, mas em casas que não são e não serão suas. Lembro-me da canção de Lúcio Barbosa, interpretada por Zé Ramalho e tantos outros cantores brasileiros, na qual um operário relata essa impossibilidade de utilizar-se dos espaços que ele ajudou a construir. “Cidadão” é uma daquelas canções que trazem na sua poesia o que

não é dito nas relações de trabalho do mundo capitalista. Percebo mais uma vez que a situação que ora vivenciamos aponta para a desigualdade de classe.

A questão sobre quem fica e quem sai de casa, quem permanece confinado e quem sai para trabalhar, permite ponderar se realmente são os homens que saem e as mulheres ficam? Homens trabalhadores saem e mulheres trabalhadoras também saem? Homens pobres e mulheres pobres ficam ou saem? De acordo com Lélia Gonzalez (1988), estas perguntas revelam que para explicar as relações sociais de gênero no Brasil há que se considerar que esta sociedade só pode ser explicada, necessariamente, pela via na qual se incluem, também, a questão racial e de classe. O que nos motiva a intensificar o estudo ora proposto e seguir de modo mais detalhada as dinâmicas e permanências sociais na presente conjuntura.

Além dessa questão sobre os lugares que ora ocupam as mulheres em contexto do Corona Vírus, há evidências de que quando em casa, e independentemente da classe social, muitas delas sofrem violência doméstica. Ou sentem aumentar a intensidade das mais diferentes formas de violência que se tornaram quase rotina em suas vidas? O espaço da casa nem sempre é o lugar mais seguro e acolhedor. Violadores de crianças estão no mesmo ambiente e tem relação de parentesco próxima com elas, aumentando a proporção de violência a que são submetidas. Ficar em casa, portanto, não é uma situação desejada por muitas mulheres, porque esse não é o espaço mais agradável, seguro e afetivo.

A casa é lugar para ficar em períodos de Corona Vírus, afirmam profissionais de saúde, cientistas e gestores. E quando não se tem esta opção devido ao fato de quem sustenta a família são as mulheres, estas

necessitam sair para o trabalho? E quando a casa é o lugar de morada de seu próprio agressor? Essas questões trazem a desigualdade de classe e gênero (e pelas evidências irrefutáveis também a desigualdade de raça) como algo intrínseco às dificuldades que são e serão sentidas pela sociedade brasileira nesses tempos.

Para além dessa questão do espaço físico, há que se pensar no espaço público enquanto aquele onde se vivencia, ou não, a cidadania. A oportunidade de participação política, com deveres e direitos estabelecidos em documentos que garantem o Estado Democrático de Direito, em vários ambientes que não se concentram apenas nos ambientes públicos (como as praças, instituições de ensino, hospitais e casas do poder legislativo, por exemplo) ocorre em todos os momentos e circunstâncias, inclusive no espaço doméstico.

O espaço público é, conforme indica Hannah Arendt ([1958]2007), o espaço no qual os seres humanos manifestam-se na sua condição humana. Seja na casa ou na rua, o espaço público não é apenas o não doméstico, pois ele vai além das fronteiras entre um e outro. Em termos de cidadania, estar na casa ou na rua deve ser algo indiferente no que concerne aos direitos e deveres. Contudo, assistimos pela janela, ou nas ruas e avenidas, a fatos que nem sempre condizem com a igualdade preconizada na Constituição brasileira.

No Brasil, mulheres são a maioria das responsáveis pelo sustento da casa. E para sustentá-las elas se lançam em situações de risco elevado, como é o que está ocorrendo em tempos de pandemia. As desigualdades de gênero (somadas às desigualdades relativas à cor e classe) tornam-se mais evidentes, basta olhar pelas janelas, ou para si mesmas.

Nesse contexto, cabe ainda destacar que nas ruas há homens nas portas das mercearias e nos bares, no jogo de dominó na calçada e em outros espaços da rua. O que os leva a isso? Seria uma ignorância das recomendações trazidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) ou seria o fato de que dividir o espaço da casa gera uma situação insustentável para ele? Por certo, se a sociedade brasileira indica o espaço da casa como aquele no qual o domínio é exercido pelas mulheres, a permanência de homens em longo período gera conflitos que dantes não existiam, pois, estes mesmos homens saiam sem impedimentos para as ruas, mesmo que fossem desempregados? Esta inquietação emerge no debate e leva-me a refletir sobre o que não está evidente nas ruas, mas possivelmente ocorre em muitos lares desta e de outras cidades.

A clausura não é algo novo no processo de socialização das mulheres, e está presente tanto na literatura de ficção quanto nas obras científicas. O trabalho desenvolvido por Maria do Carmo Salazar Martins (1994) é exemplar no que se refere aos costumes sobre mulher e trabalho em tempos provincianos. Embora sua pesquisa se detenha nas realidades de Minas Gerais, muito se pode inferir sobre as práticas dessa época e região para outros momentos do Brasil, ainda em tempos atuais. Em seu estudo há registros de costumes que embora não tenham a mesma carga simbólica que outrora, ainda se fazem notar quando é praticamente determinado às mulheres uma série de preceitos sobre seus comportamentos.

Posso, portanto, afirmar a partir das observações feitas e pelos estudos já realizados acerca das relações sociais de gênero que, atualmente, as ruas estão com maior número de homens porque este é o espaço

reservado a eles, inclusive quando não tem trabalho formal a desenvolver e buscam realizar “bicos”. Por outro lado, é importante mencionar que mesmo quando há o exercício de um trabalho formal pelos homens, quem exerce a administração da casa são majoritariamente as mulheres, ou seja, as decisões sobre educação dos filhos e gestão do ambiente doméstico são tomadas por elas. Ficar em casa é algo não previsto no desenho da estrutura social brasileira e, muito menos, da sociedade belenense.

Notas conclusivas

A observação sobre a permanência de homens e mulheres nas casas ou nas ruas durante o contexto da pandemia do Corona Vírus nos leva a refletir sobre as relações sociais de gênero, aliada a outros marcadores sociais. A partir da prática antropológica, observou-se que a discussão sobre espaços da casa e da rua é um

interessante modo de pensar as práticas exercidas conforme as diretrizes sociais estabelecidas aos gêneros.

A maior incidência de homens nas ruas de um bairro de classe média no município de Belém do Pará, levando-nos a inferir que eles estão trabalhando fora de casa ou estão nos espaços da rua para evitar situações conflituosas em casa devido ao domínio de mulheres nesse ambiente. Por outro lado, a permanência faz aumentar a violência doméstica que já existia ou gera as situações que culminam com atos violentos.

O que essa atual conjuntura nos permite refletir é que homens em casa geram maior conflito e se por um lado há recomendações para o confinamento voluntário para bem da saúde pública, esse mesmo confinamento pode gerar o aumento da violência doméstica e dos conflitos inerentes às questões de

gênero no espaço doméstico. Dessa maneira, as realidades que ora se enfrenta demanda mudanças nas relações intrafamiliar e, principalmente em relação às mulheres que veem o aumento das horas e situações de trabalho, somado aos conflitos com homens que passaram a ter mais tempo convivendo no espaço da casa.

A sociedade que ora se apresenta está assistindo como se dá o machismo, dentre outras formas de discriminação conforme os marcadores sociais da diferença. Independentemente da classe social a violência e o conflito estão se acentuando nas relações impostas pela proximidade que o confinamento impõe. Se por um lado há que se pensar no distanciamento físico nas ruas, a aproximação imposta nas residências é importante tema de reflexão.

Referências

ARENDRT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1958] 2007.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

DA MATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Doméstica morre com suspeita de corona vírus enquanto trabalhava para patrões em quarentena. Jornal Esquerda Diário, São Paulo, 18 de março de 2020. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Domestica-morre-com-suspeita-de-coronavirus-enquanto-trabalhava-para-patroes-em-quarentena>

ENGELS, Friederich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo: BestBolso, ([1884] 2014).

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. Raça e Classe. v. 5, n. 2, nov./dez. 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. De perto e de longe. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: um novo olhar sobre a cidade. Espaços urbanos. v. 2, n. 2, 2013.

MARTINS. Maria do Carmo Salazar. Janelas de treliça: mulher e trabalho na província de Minas Gerais. Belo Horizonte UFMG/CEDEPLAR, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista De Antropologia, v. 39, n. 1, 1996.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

Confinamento...

Maria Inês Ferreira da Silva
Elivaldo Serrão Custódio

De repente tudo mudou, todos mudaram. Hábitos comuns, rotinas (às vezes até exaustivas), costumes banais...foram modificados drasticamente. Quantas perguntas sem resposta. Quantos medos. Quanta gente. Quantos números. Quanta coisa acontecendo ao mesmo tempo. Em meio aos desafios de querer de volta a vida de antes, é hora de pensar na vida, no amanhã.

Contudo, vez por outra me pego fazendo uma retrospectiva de momentos vividos e também de projeção para o futuro: abraçando amigos, filhos e netos, fazendo planos de viagem para ver familiares que estão distantes, entre outras situações que hoje me parecem a cada dia mais difícil de concretizar – pelo menos enquanto perdurar a “quarentena”.

Mas, o que fazer? O que pensar? Como agir? Estar refém de si mesmo, pra muita gente parece brincadeira. Ser prisioneiro dentro de sua própria casa realmente é inovador.

Nesta hora de intenso isolamento social é que nos mostramos estar mais perto do outro. Doações, entrega, voluntariado...o ser humano é assim. Quando o “bicho pega” todos se unem por uma causa em comum: ajudar o próximo, mesmo que isso ponha em risco a sua integridade física e possa lhe causar danos à saúde. Mas, como fazer diferente se o outro pode ser meu ente, meu sangue, meu amigo, vizinho,...todos merecem o mesmo tratamento.

Os noticiários bombardeiam reportagens trazendo cada vez mais números alarmantes de um momento que não quer nos deixar, nos abarrotamos de informações que muitas vezes não são reais, são *fake news*. E na era da “pós-modernidade” o acesso a

tudo às vezes se torna tóxico. Não sabemos mais em quem acreditar, no que acreditar.

No entanto, algumas coisas são verdadeiras. Um amigo me disse: “tudo vai passar”, “vai ficar tudo bem”. É tão bom ouvir isso, nos dá esperança de dias melhores.

Em tempos de pandemia, o “normal”, agora, é outro. “#FicarEmCasa”. Quem diria que ficar em casa poderíamos estar salvando vidas, a nossa e a do outro. Claro, sem deixar de fazer o bem a quem precisa.

E quando passar, os dias serão melhores, os abraços serão mais apertados, o olhar no olho será prolongado, o aperto de mão bem mais forte, o beijo demorado...depois do confinamento.

ENSAIO SOBRE EU MESMO: reflexões de boteco sobre o protagonismo medíocre e coadjuvante da nossa vida!

Felipe Bandeira Netto

aviso:

ESTE TEXTO PODE SER UM ENORME EQUÍVOCO, MAS SE DE ALGUM MODO ELE FIZER SENTIDO, SAIBA QUE VOCÊ ESTARÁ POR SUA CONTA E RISCO!

Quando escrevia a primeira versão deste texto eu nem imaginava que um dia estaria eu aqui, em um isolamento social voluntário. Então este texto que antes daqui não fora publicado, sofreu modificações condizentes a esse momento, afinal, me encontro em um outro momento, mesmo que as ideias presentes neste texto sejam, a meu ver e entender, atemporais até este momento.

Mais uma data comemorativa se aproximava, passos apressados e um mar de gente não mais são vistos nas ruas de Belém e ainda nem estava próximo o segundo domingo de outubro para eu pensar nesta analogia, a noite estava realmente “escaldante”, o termômetro marcava 32° C, mas a sensação térmica era de 34° C; segundo o aplicativo do celular.

Em meio a esse calor paraense, infernal, comecei a rabiscar algumas linhas em um guardanapo de papel na sala de casa, minhas anotações iam ao encontro das percepções sobre conversas que eu costumava ter com amigos sempre às vésperas e/ou em data comemorativas, tocava “*The Police*” – *Every Breath You Take*⁶ –, ao fundo e a cerveja no meu copo esquentava.

O resultado destas reflexões é este texto, mas como deixei claro antes de inicia-lo, antecipo, que este

⁶ Música da banda The Police, que compões as faixas do lado “B” do álbum Synchronicity, que foi lançado em 20 de maio de 1983 pela gravadora A&M. Música foi escrita por Sting e Andy Summers; mas oficialmente atribuída somente a Sting). O single foi um dos maiores hits de 1983.

texto pode ser um enorme equivoco; parcial ou total, uma “bagunça” de palavras organizadas com a pretensão de que sejam entendidas, que para alguns pode não vir a fazer sentido algum, mas, ainda assim, um desabafo silencioso!

Solitário, eu tomo o que resta da minha cerveja e penso em tudo, em muitas coisas, observo as pessoas nas redes sociais reclamando do isolamento social e de não poderem ir a lojas e shoppings, e dentre todas as coisas que me veem a mente, reflito sobre a carga egoísta; natural ou não, que torna nosso caminho muito mais pesado e doloroso, a razão de sempre acharmos que temos razão, e o quanto isso nos cega, no fim não dividimos o peso das perdas e nem o fruto dos ganhos com ninguém.

Somos egoístas, acreditamos saber todas as verdades, ignoramos as mentiras e equívocos e os tornamos “verdadeiros” e esquecemos que não importa

o número de pessoas que acreditem em uma inverdade, ela ainda assim não será verdade. Mentimos para nós mesmos na esperança de sermos melhores do que fomos ontem ou seremos amanhã, mentimos para os outros na expectativa de que estes acreditem que somos melhores ou diferentes dos demais, não importa onde ou quando, sempre estaremos mentindo ou vivendo uma mentira, de modo parcial ou não, tentando sempre encontrar uma justificativa lógica para argumentar e nos convencer do modo ilógico em que vivemos.

Nos tornamos pessoas quase que “incapazes” de amar o próximo e a nós mesmos; mesmo que isso seja difícil de admitir, nos foi ensinado e aprendemos bem, diga-se de passagem, que objetos sem vida tem mais valor que uma vida humana e perpetuamos isso, nossos filhos, sobrinhos, netos, afilhados e outros, possivelmente, repetirão nossos ensinamentos e nós

não nos daremos conta do que fizemos com eles, antes que seja tarde, pois certas coisas são imperceptíveis ao consciente.

Caminhamos preenchidos por um vazio que acreditamos e por vezes desconfiamos de que seja de fato, amor. Nossas dúvidas nos enganam, as certezas nos enfraquecem, as verdades são mentiras, e por fim, perdemos a capacidade de ver, a cegueira racional se espalha como esta pandemia, e infecta a todos que estão próximos; assim como uma função na matemática, que liga elementos de dois conjuntos diferentes, sem se importar se pobre ou rico, afinal o feito pandêmico não escolhe classe, raça, gênero, sexualidade ou carne.

Não percebemos que nossas atitudes têm impacto direto em outras pessoas, estamos amplamente conectados uns aos outros, querendo ou não, pois isso

independe da nossa vontade (BAUMAN 2003)⁷. E diante das dificuldades, é mais fácil caminhar em linha reta sem se importar com o que nos cerca, olhando sempre para frente, ignorando quem ajoelha diante de nós e implora migalhas dos resquícios de sentimentos que ainda trazemos conosco, sem nunca olharmos para dentro de nós.

Nos tornamos frios e sem perceber vagamos, acreditando que somos melhores que nossos antepassados, mas o que um dia fomos? O que estamos fazendo com a nossa existência? Tentamos entender a complexidade da sociedade na qual estamos inseridos e que nos consome, sem buscar compreender o que nos move e/ou por que nos movemos dentro dela. O “não se importar” torna as coisas bem mais fáceis, um

⁷ BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Ed. 1., Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2003. 138 p.

“não” que eu digo hoje é mais simples do que o “sim” dito ontem.

Vivemos em uma época em que estamos cegos diante das telas de LCD⁸ dos Smartphones e computadores, tabletes e seus variados, e como tal, aceitamos o consumo que nos é imposto, juramos ter o controle e pouco percebemos que vivemos em uma sociedade altamente consumista (BAUMAN 1998)⁹, e o quanto somos doutrinados por ela. Esta sociedade nos ensina o que é “amar”, pelo que devemos nos “apaixonar”, em posse de nossos smartphones, tabletes, etc. Mas o problema não está em consumir e sim no esforço sobre-humano de/para consumir (BAUMAN 2001)¹⁰, a busca insana por preencher o

⁸ "Liquid Crystal Display" (tela de cristal líquido). Painel fino utilizado para exibir imagens, vídeos e textos em suportes como monitor de computador, televisores, GPS, câmeras digitais, celulares, calculadoras e outros dispositivos. As telas são feitas de duas lâminas de vidro, seladas e separadas por um cristal líquido, em geral transparente (quando não ativado por uma corrente elétrica).

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Ed. 1., Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2001. 246 p.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. 1 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 272 p.

vazio que existe em nós e que se torna mais evidente em dias não usuais como estes nos quais nos encontramos.

Caminhamos com o portfólio digital dos preços, ofertas e promoções, uma infância inteira de treino, uma adolescência de aprendizados estratégicos e agora, adultos, somos soldados, onde a missão é comprar e esvaziar as lojas e preencher nosso vazio nessa guerra moderna do consumir, precisando ou não (MORAIS 2015)¹¹, precisamos consumir, para assim, preencher nosso vazio de si, tentando deste modo esconder nossos medos, covardes com o mesmo brio que lemos um texto de Immanuel Kant¹² na ânsia de entender. Desde que nascemos somos moldados pela sociedade (na qual vivemos), aprendemos de modo inconsciente que devemos seguir as leis, a ordem

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Ed. 1., Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2003. 138 p.

¹² Filósofo prussiano considerado como o principal filósofo da era moderna. Aqui faço referencia ao livro Lógica, escrito por este autor.

(BAUMAN 2003)¹³, que nos são impostas, não importando o “valor pago” no final disso tudo.



Imagem- 01. Zumbis de Shopping

Deste modo, desde a infância, buscamos essa felicidade e nem nos damos conta de que não sabemos o que ela é, sua complexidade é tanta que se sobrepõe a nossa ideia do que vem a ser, não percebemos que ela é muito peculiar e única, cada indivíduo a significa e a defini de seu modo! Pensar na a existência dessa

¹³ MORAIS, Erick. Servidão voluntária: o olhar de Bauman e Huxley sobre a sociedade de consumo 2015.

felicidade parece objetivar a sua não existência, ao passo que à conquistamos e ainda a queremos. Compramos as promessas etiquetadas na esperança de nos sentirmos melhores, mas acabamos nos sentindo mais vazios.

Somos caminhantes solitários em uma estrada deserta, buscando sempre a felicidade plena e sendo sabedores disso, eles, “os donos da ‘suposta’ felicidade” nos atraem com placas de ofertas, com anúncios sobre a possibilidade de obtermos o que tanto desejamos ou não, nos alienam ao ponto de acreditarmos que somos realmente infelizes e passamos a crer que o que desejamos é parte fundamental da nossa vida e que só através da realização desse desejo conseguiremos nos tornar completos e assim não nos reconhecemos, aos poucos acabamos nos tornando secos de vida, alimentamos um ego fútil e esvaziamos os laços de amizade, seria

então nossa felicidade a solidão e o isolamento do mundo virtual do qual somos “escravos”?

Necessidades criadas, não/por nós, tampouco de modo inconsciente/consciente, a mídia se encarrega de fazer com que façamos o sistema funcionar (BAUMAN 2001)¹⁴. A mídia fomenta nossos desejos, a propaganda serve bem aos interesses dos “donos da nossa felicidade” e nós os servimos de bom grado, não basta saber o que está acontecendo, é algo bem mais complexo do que somente entender o processo que está se dando, entender o capitalismo e a mais valia relativa não nos condiciona a liberdade de não consumir (BAUMAN 1989)¹⁵. Compreender o que estamos vivendo e a real necessidade de não

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Ed. 1., Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2001. 246

¹⁵ p BAUMAN, Zygmunt. **A liberdade**. Ed. 1., Lisboa: Editorial Estampa., 1989. 165 p.

necessitarmos dos mais vaiados, não nos condiciona automaticamente a não consumir.

Nos escravizamos de modo voluntário, servimos de bom grado a quem nos açoita com muxingas invisíveis, o que Ettiéne de La Boétie definiu tão magnificamente de *servidão voluntária* (LA BOETIE 2010)¹⁶ e não nos damos conta disso, até que sejamos chamados a nos atentar para este fato. Nada de chicotes ou tortura, somos escravos dos “nossos desejos”, das necessidades que acreditamos ter, das necessidades que as propagandas e a mídia; de modo sutil, mas bastante incisivo, insistem em nos fazer crer que temos, e acabamos por ter.

Para darmos conta do que nos é imposto, para nutrir a falta do que não deveria nos fazer falta, para alcançar essa “felicidade” idealizada que almejamos

¹⁶ LA BOÉTIE, Etienne. Discurso da servidão voluntária. Martin Claret. 2010. 120 p.

tanto e que nunca alcançamos; não importando o que venhamos a consumir, nos deixamos ser seduzidos pela promessa da compra da felicidade, pois esta passou a ser medida e quantificada. Se em datas comemorativas não ofertamos presentes as pessoas a quem amamos, nós supostamente não as amamos e não são elas que nos dizem isso, quem nos fala isso é nosso inconsciente, nos sentimos mal (ou a grande maioria de nós), muitos dizem que não, para tentar aceitar o fato e amenizar o desconforto de não presentear.



Imagem - 02. Trocas de Amor.

O amor deixou de ser uma complexa e quase incompreensível emoção; construída socialmente, e se transformou em algo tão palpável quanto um livro, um simples bem material produzido em série e em larga escala industrial, o que sentimos passou a ser somente a sombra do pó do que um dia se acreditou ser amor. Nos dias de hoje o “amar” está condicionado a dar presentes em aniversários de namoro, casamento, nascimento e etc. dia dos pais, das mães, crianças, natal.

Não percebemos, mas o valor pago em nada tem a ver com os sentimentos que trazemos conosco, com o que sentimos por quem presenteamos. E se há essa relação, então não há amor, há apenas uma relação de troca superficial de carinhos, um prostituir-se em palavras bonitas, um dar e receber, presentes seriam então pagamentos? Promessas? Acorrentamentos?

Talvez Shakespeare talvez tenha um indício de resposta em seu texto “O Menestrel”.

Somos enganados e drogados, viciados e a cada segundo nos tornamos mais e mais entorpecidos. No fundo sabemos que precisamos de ajuda e mesmo assim, mesmo com “óculos”, não conseguimos enxergar a realidade do que acontece. Acreditamos sempre ter controle e dominar o que nos domina. Somos servos do que nos serve, desfrutamos de uma pseudoliberalidade dentro desse sistema consumista e altamente capitalista, que de modo consciente nos “força” a obedecê-lo, onde não criticamos e tampouco fazemos uma autorreflexão sobre nossos atos e posturas diante de nós, das pessoas e da sociedade.

Vivemos em uma sociedade onde qualquer coisa que cause prazer e que destoe do consumismo é visto como desviante, nos tornamos assim um “outsider”. Não há lugar na atual sociedade para quem não cumpre

seu papel social: ser consumidor, estejamos nas ruas, ou em casa. Passamos a ser vistos e avaliados por nossa capacidade e voracidade em comprar, o que você é, e o que “vale”, está atrelado ao que você pode comprar e o quanto pode comprar, se somos o que os outros enxergam, uma roupa de grife ajuda; de algum modo, outrem a pensar de maneira “positiva” sobre você.

O dinheiro passou a comprar o seu “eu”, e a “felicidade” com a facilidade de quem compra um cafezinho, e neste caso não me refiro aos momentos de felicidade que ele, o dinheiro, pode proporcionar, onde ele não é a fonte e sim um mecanismo supérfluo de uma idealização criada socialmente. O dinheiro passou a comprar a felicidade como bem material, vendida em shoppings, a simplicidade que foi esquecida ontem, hoje volta gourmetizada, o gratuito se tornou sem graça e caro. O que antes nos fazia bem, hoje nos causa

dor, o que a algumas décadas atrás era sinal de bem-estar, hoje nos adoece, física e mentalmente.

Os que se dispõem a fugirem do ato de consumir são excluídos socialmente, e nós em micro ou macro escala, um dia já excluimos alguém, um exemplo é nossa postura de nutrir críticas à pessoas que não estão conectadas a alguma rede social, deste modo somos nós os sentenciadores das penas e executores da exclusão.

Nessa sociedade, nos tornamos primeiramente e essencialmente mercadorias, para depois sermos sujeitos. Nas redes sociais online, nos vendemos o tempo inteiro sem etiqueta de valoração, vemos nossos sorrisos, lugares visitados, títulos acadêmicos, conquistas, e até mesmo derrotas, para que se compadeçam e percebam que ainda somos humanos. Outro exemplo é a crescente, de modo exponencial, utilização de sites de relacionamentos, nós vendemos

a tal ponto de esquecer como é ter uma relação pessoal mais próxima e não online. E fazemos tudo isso acreditando que somos livres e que de fato temos escolha, Bauman nos diz em seu livro “ O mal estará da pós- modernidade” que:

A escolha é o atributo do consumidor e a natureza cooperativa da comunidade de consumidores significa *liberdade* de escolha. [...] A escolha é um tubo de ensaio da vida individual, em que se pode observar o processo ocorrendo no grandioso universo da cultura. A liberdade de escolha assenta na multiplicidade de possibilidades. No entanto, seria uma liberdade vazia que negasse o direito de colocar uma possibilidade acima das outras – de reduzir a multiplicidade de perspectivas, de bloquear e rejeitar as possibilidades indesejadas –; em outras palavras, de podar ou cancelar totalmente a escolha. Tal como no caso dos signos repletos de possibilidade enquanto permanecem livres de significados, a essência da livre escolha é o esforço para abolir a escolha.

Nisso, na minha opinião, pode ser encontrado o

segredo da perpétua não-satisfação do desejo de mais ampla escolha dos consumidores (e, de modo mais geral, da eterna não-satisfação do desejo de liberdade). O ímpeto de consumo, exatamente como o impulso de liberdade, toma a própria satisfação impossível.

Necessitamos sempre de mais liberdade do que temos – mesmo que a liberdade de que achamos que necessitamos seja liberdade para limitar e confinar a liberdade atual. A liberdade é sempre um postulado e expressa-se numa constante reprodução e reaguçamento de sua força postulativa. (BAUMAN, 1998, p. 175)¹⁷.

Passamos a acreditar nas verdades que outrem nos impõe e não percebemos a tirania por trás das nossas crenças, e o quanto propagamos essas verdades “absolutas” e obsoletas, penso no que disse Aldous Huxley (1979, p. 31)¹⁸, “Sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade [...]”. A ditadura perfeita terá a

¹⁷ ALDOUS, Huxley. Admirável mundo novo. Ed. 4., Porto Alegre: Editora Globo. 1979.

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. 1 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 272 p.

aparência da democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão sequer com a fuga (ALDOUS HUXLEY, 1979). Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão. ”, as repetições do dia a dia, nossa rotina de mentiras e verdades, na qual não sabemos mais discernir onde uma começa e outra termina, determina nossa atual condição, um amplo sistema de consumo democraticamente perfeito em sua imperfeição maquiada de desejos, que não existem, nos tornamos escravos e adoramos ser flagelados pelo ar condicionado, vitrines, cores e promoções, em promessas que nunca serão cumpridas, pois não existe o que é vendido, o que existe é somente a ilusão que alimentamos.

Todos os mecanismos de controle da sociedade escondem um entrelaçado das três nuances do autoritarismo; descrito por Norberto Bobbio (BOBBIO

1983)¹⁹ em seu dicionário de política, como base fundante da dominação, nuances estas as quais estamos acostumados e aceitamos de bom grado sem reclamar, afinal, a sociedade que criamos e o discurso que fortalecemos e perpetuamos nos moldou para aceitar o fato de sermos vistos por outros olhos como uma roupa de grife, um sapato caro ou simplesmente um pacote de biscoito.



Imagem - 03. Ninguém se importa.

¹⁹ AUTORITARISMO. In: Dicionário de Política VOL. 1. Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. 11. ed. Brasília: Editora UNB. 1983. p.94.

Preferimos caminhar em linha reta sem nos importar com o que nos cerca ou quem caminha a nosso lado, nosso falso altruísmo esconde nosso profundo egoísmo e o desejo de reconhecimento, nos condicionando a um sistema que nos cega moralmente sem que nos oponhamos a ele, o comodismo é um mal-estar que precisa ser eliminado dessa sociedade e de outras que virão.

Nossa vida se tornou uma linha de produção seriada, e ilimitada, deixamos de ser únicos e nossas diferenças são tão poucas que não sabemos quem somos, se ainda os mesmos ou os outros. Racionalizam nossas emoções e elas se tornam frágeis e fúteis, dão vida a dor e ao amor, as paixões e frustrações, as transformam em algo mais palpável que expressões e palavras, e com isso colocam a etiqueta e as vedem, somos livres prisioneiros do nosso EU em uma vida desejada vista na televisão, gostamos de ser

coadjuvantes da nossa própria história, pura e simplesmente por não nos darmos conta disso, mas será que gostaríamos de protagonizá-la?

Nosso drama ficcional real de todos os dias pode nos responder, mas e aí, o que poderíamos comprar com isso? Somente nós temos a resposta e elas são muitas e diferentes, pois, somos seres individuais e assim devíamos ser, não individualistas, mas individuais, sermos o que somos na essência. E qual é a nossa essência mesmo?

Há muitas respostas para o problema e todas se diferem, o que demonstra que esquecemos de ser, e sua conversão a um único ponto, mostra o que nos fizeram crer que somos, todos iguais. Isso me leva a um outro questionamento, ao qual, também, não tenho uma resposta e nem busco, o que é a vida? Eu nem posso oferecer possíveis argumentos, mas acredito só saberei o que é a vida quando morrer, mas percebo que

ela é bem mais do que regras sociais do politicamente correto e incorreto, bem mais que a universidade e títulos, portfólios de produtos em promoção, redes sociais e dígitos na conta bancaria, ela não é somente essa escravidão auto imposta, ela está além das verdades e mentiras criadas e eternizadas por nós e pelo que nos cerca, vai além do discurso de ódio instaurado, maquiado muitas vezes de busca por igualdade e a seletividade do que se repudia e do que se ama.

O tamanho da tela de LCD não condiz com o tamanho das verdades ocultadas e das mentiras promulgadas. Há um medo de se viver nesse mundo caótico de escolhas impostas e eu sinto este medo, nos falta a coragem para viver e sermos protagonistas da nossa vida e não viver a vida de um personagem de novela/filme/serie/etc..

Ao ler esse texto, muitas coisas podem ter sido percebidas, ou nada, talvez ele esteja confuso, talvez ele incomode, cause discordância. No fim, como escrevi no começo, ESTE TEXTO PODE SER UM ENORME EQUÍVOCO, MAS SE DE ALGUM MODO ELE FIZER SENTIDO, SAIBA QUE VOCÊ ESTARÁ POR SUA CONTA E RISCO!

O olhar de incertezas

João Neto

Falar sobre este momento em que todos nós de alguma forma estamos passando nos remete a uma série de questões que ainda levaremos muito tempo para responder e talvez algumas destas nem conseguiremos nos debater sobre as possíveis respostas.

É um tempo de profundas reflexões e disso ninguém tem dúvida.

Imaginemos que de repente ao abrir a porta de casa e sair para o trabalho numa cidade como esta com baixo índice de criminalidade se tornou algo tão perigoso e como compreendermos que o simples fato de ficarmos em casa e ao mesmo tempo, deixarmos de fazer tudo que tanto gostamos em nosso cotidiano, como celebrarmos os encontros com um aperto de

mão, um abraço passa a custar a segurança de nossa vida e dos demais sejam familiares, amigos ou não.

O sentimento de impotência diante da fragilidade da vida mais do que nunca se evidencia diante dos nossos olhos e com isso, a iminência da morte que parece aguardar a todos ali bem naquela curva da estrada, faz com que os planos e a vontade de realizá-los nos leve a querer parar o tempo ou mesmo retardá-lo e desesperados por não termos mais certeza do que virá (nunca tivemos...mas alimentávamos) nos coloca em choque diante do espelho que irrompe um olhar de incertezas abissais.

Entre as reflexões que nos vem à cabeça está aquela em que somos cobrados a fazermos cotidianamente e com frequência algo que até então parecia ou deveria ser algo natural: cuidarmos da higiene pessoal com muito rigor, ou seja, nos demos

conta que não fazíamos este cuidado com o zelo necessário por puro descuido de nós mesmos.

Que absurdo se tocar sobre algo tão simples e tão necessário, mas que por alguma ou muitas razões deixamos de lado ao longo do tempo antes do flagelo da pandemia.

E quando olhamos para além da nossa higiene e cuidado pessoal e passamos a olhar a pandemia num sentido mais amplo dentro do aspecto das políticas públicas, percebemos com muito mais clareza o quanto estão aquém a oferta dos serviços básicos de saúde em nosso país e como, estes nos ajudam a entender a clara relação de desigualdade social e econômica que vem sendo imposta ao nosso povo desde a nossa mais tenra idade enquanto país.

Assim, o isolamento social tão necessário, nos mostra que de fato ele é o grande ponto de ação como forma de abaixar a curva da disseminação do vírus e ao

mesmo tempo, nos coloca diante do triste quadro dos que vivem na informalidade e sem salários frente ao absurdo, caótico e burocrático estado brasileiro no que se refere em assegurar o mínimo dos direitos individuais e coletivos, ou seja, os direitos ligados ao conceito de pessoa humana e à sua personalidade, tais como à vida, à igualdade, à dignidade, à segurança, à honra, à liberdade e à propriedade, todos eles previstos no artigo 5º e seus incisos da nossa tal constituição cidadã.

Da mesma forma em que resta evidenciado que o estado brasileiro ao se empenhar no sentido de apressar a ajuda aos grandes empresários, exatamente sobre estes que são os grandes causadores dos infortúnios deste país e por outro lado, ao retardar um mísero auxílio aos necessitados com medidas provisórias, votações e mais votações, cálculos e mais cálculos sobre impactos no orçamento, mostra assim,

o estado brasileiro a sua face letal sobre a sua própria população.

A pandemia que a priori nos colocou diante de profundas reflexões já começa a dar sinais que a polarização na política brasileira, não irá permitir que possamos enquanto sociedade, sairmos melhores como as lições que o isolamento social poderia provocar no conjunto da sociedade, ou seja, o desejo de ver o outro na rua em nome da defesa das asneiras que vem das bandas do palácio presidencial mostra o quanto o pessoal do “sim senhor, sim senhor” sempre presentes na porta do referido palácio de fato estão dispostos a continuarem suas vidas de ignorantes adoradores do mito da terra plana.

A mim, bem... a mim, cabe ir lavar as mãos e por enquanto, ficar por aqui diante deste notebook se deliciando com o sabor do malte em goles estupidamente gelados e torcer pela vida sem olhar

muito pelo retrovisor, mas tentando enxergar a extensão da rua ainda que neste momento o meu ângulo de visão a partir da porta da minha casa não passe dos 75°.

Fotografias

Entardecer.

(Alter do Chão- Rio Tapajós)

João Neto



Benditas sejam todas as mães

João Neto



Serenidade em águas barrentas

João Neto



Conotação/ Denotação

(Casa de Cultura – Óbidos– Pa)

João Neto



Eternas paixões diante do rio mar

João Neto



jnsr.jn@gmail.com

Que nunca nos falte o alimento sagrado nosso de cada dia

(Peixe jaraqui)

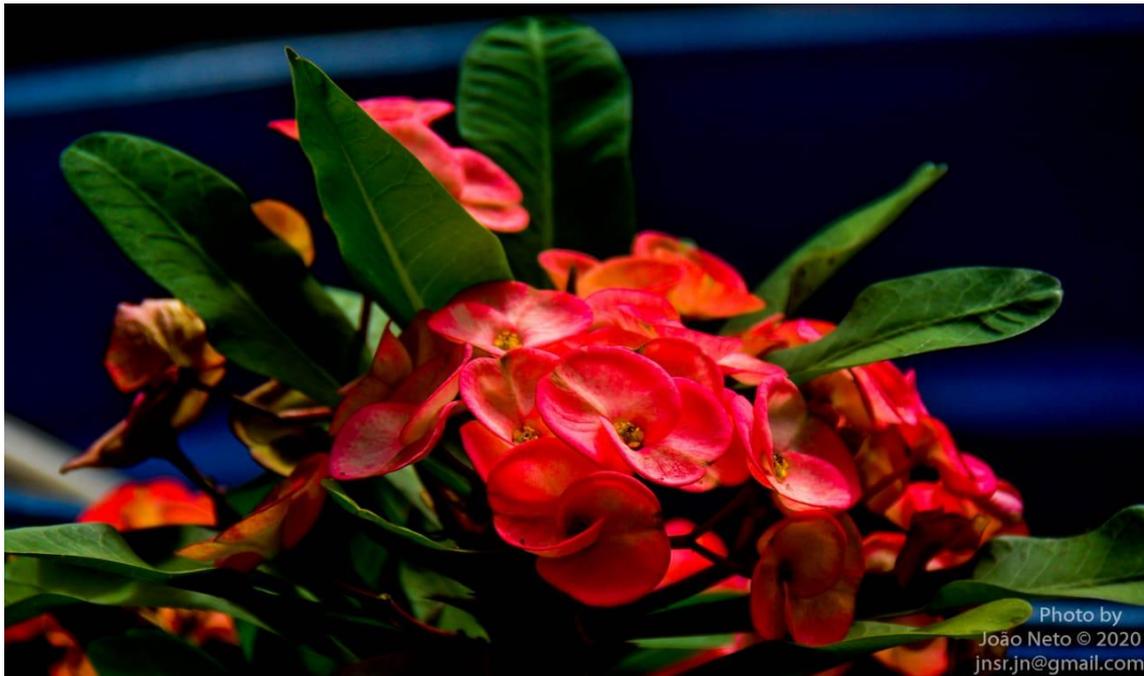
João Neto



Photo by
João Neto © 2020
jnsr.jn@gmail.com

Mais flores e menos armas

João Neto



Espelho de dor, fome e riqueza e miséria

João Neto



Poder e glória silenciados (Mercado Municipal de Óbidos)

João Neto



Círio

Denise Sá

Em Belém











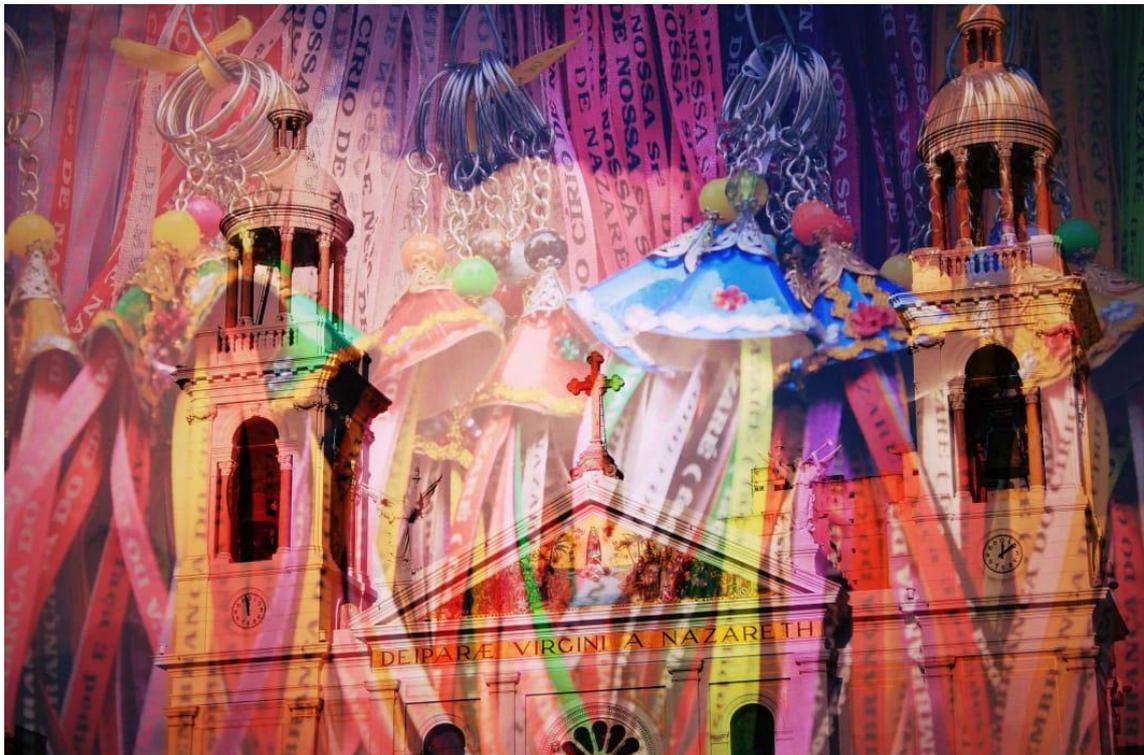












Em Vigia de Nazaré





Cotidiano

Lucélia Leite Ferreira



























Autoras

E

Autores

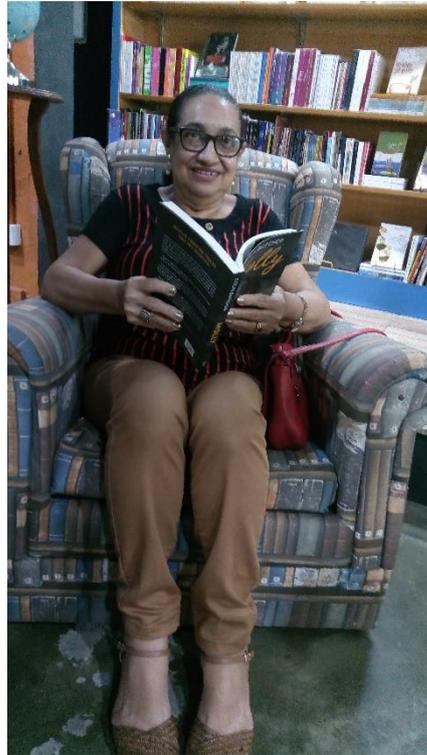


Ivonete da Silva Dias, Deia, nasceu em Belém do Pará, no ano de 1960. Até os 10 anos viveu no bairro da Matinha, atual Fátima, próximo de São Brás. Na década de 1970 se mudou com os pais-avós para outro bairro da cidade, a Terra Firme, onde reside até hoje. Deia é noveleira de carteirinha e gosta de palavras cruzadas. Tem mãos boas para jardinagem e em casa cultiva em sua pequenina varanda um micro, mas magnífico jardim, com flores e folhas de chá e para temperar a comida. Do lírio, a cidreira, ao manjeriçõ,

até as outras espécies que ela cultiva com tanto carinho. Ela adora plantar. É uma pé de valsa e tanto. Se saindo na saudade e nos merengues. Trabalhadora autônoma, é também dona de casa, mãe, avó e escritora da Editora Gato Ed.



Dirce da Silva Rêgo, funcionária pública, mãe, irmã, tia, sogra, gosta de um bom livro e de uma boa conversa com a família ao redor da mesa e nos momentos de festa, gosta de passeios aos igarapés, praias e de conhecer outros estados. É, atualmente moradora do bairro do Curuçambá, em Ananideua, mas não perdeu os laços com o bairro onde nasceu e cresceu, a Terra Firme, onde moram muitos familiares e amigos



Raimunda Célia Leite Ferreira, é uma cozinheira de mão cheia, é religiosa, devota de Nossa Senhora de Nazaré e participa de um grupo de novenas no bairro da Terra Firme, gosta de assistir filmes românticos e histórias com animais, as novelas sem violência são as que mais lhe prendem a atenção, gosta de ler romances, é uma observadora e crítica da sociedade e seu comportamento diante da política.

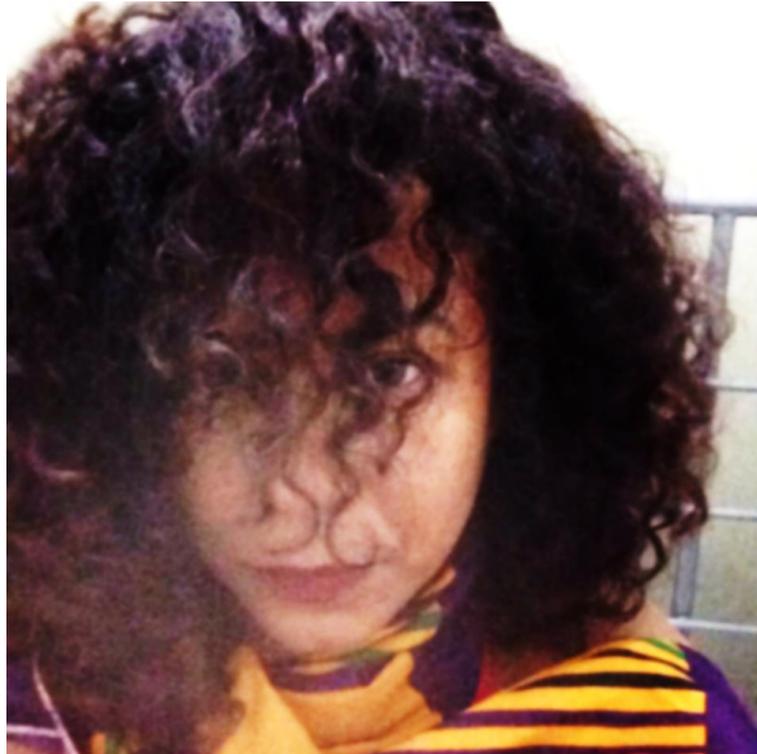


Leonardo Guilhermino Ferreira,
gosta de futebol, de uma boa conversa
na calçada e de silêncio, mas também
gosta de uma cervejinha para
comemorar a vida. Gosta de filmes
sobre a Segunda Guerra Mundial e de

Faroeste, aprendeu a maratona séries
na netflix.



Lyah Corrêa, um conglomerado de átomos e moléculas. Mas também, uma matéria recheada de afetos e desejos. Um ser residente entre a magnitude das margens e a profundidade fétida da normalidade. Vinda de uma progenitura com base moral, cresceu, sobrevive e resiste brilhantemente nas ventanias da ilegalidade.



Évora Borges é graduanda em Letras Língua Portuguesa na UFPA. Sua relação com a escrita começou ainda na infância ao escrever cartas, hábito que conservou até o aparecimento do orkut. Mais tarde, na adolescência, sua paixão pela música a estimulou a escrever letras de música. Hoje, essas letras viraram poemas, mas ela ainda pretende voltar às letras. Neste mesmo período escreveu muitos diários, deixou de escrevê-los já na fase adulta por desilusão. Está aproveitando o isolamento ocasionado

pela pandemia para estreitar sua relação com a escrita. Évora é feminista, apaixonada por política, gateira e interessada por todas as expressões artísticas, especialmente cinema e música.



Paulo Nunes é professor da Universidade da Amazônia (curso de Letras e Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura); pesquisador das literaturas da lusografia, tem diversos livros publicados; ensaísta, colabora com diversas revistas e sítios brasileiros; é autor de *FalsFala* (Twee editorial, 2020), entre outros livros.



Me chamo **Danillo Pietro Craveiro**, tenho 22 anos, sou virginiano, amazonida, afroreligioso, graduando de administração pela UFPA, voluntário da ONG Olivia e do Gepem, aspirante a escritor, homem transgênero e artista.



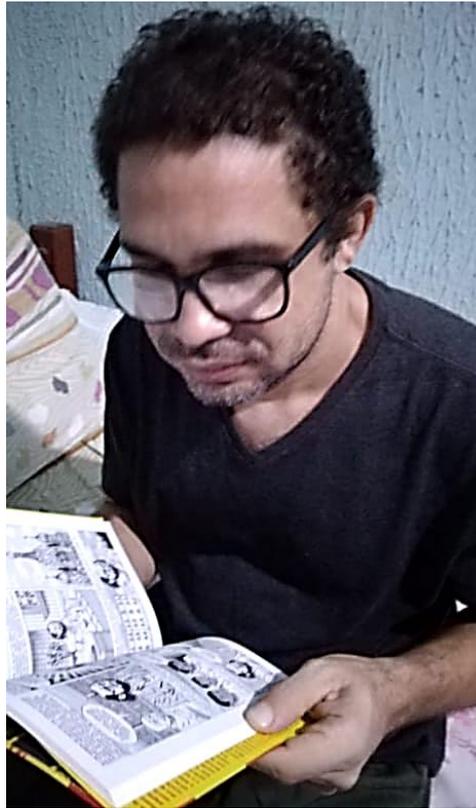
João Neto Sousa Rodrigues, um apaixonado por fotografias e cactos que em 2019 numa parceria com a professora Idaliana Marinho e outras pessoas publicaram o livro “Pousada Escola Mocambo Pauxi”.



Meu nome é **Vanessa De Abreu Alves**, tenho 29 anos, nasci no dia 12 de dezembro de 1990 na cidade de Parintins/ Amazonas. Sou sagitariana, e atualmente curso letras- língua portuguesa. Filha de pais cearenses, tenho duas irmãs, um sobrinho, tenho três gatos e quatro cachorros, evito comer carne, porque amo muito animais, procuro levar um estilo de vida minimalista. Sempre que posso viajo para conhecer novos lugares, tenho um espírito livre e aventureiro, então, prazer!



João Leno Rocha, contista, poeta, publicado no caderno de prosas da revista *Subserva*, revista *Trino* e revista digital *Aversa*. Finalista do concurso literário das universidades federais do Pará na categoria Prosa, curador da revista *Kasmurro* e membro do grupo *UIVO*. Servidor público federal da UFRA e apaixonado por livros, histórias, música, cinema, fotografia e desenho.



André Leite Ferreira é livreiro, poeta e músico experimental faz parte do corredor polonês atelier e da gato ed editora faz som com os grupos a bruma etérea & cidade submersa também tocou nas bandas anarcopunx sacco & vanzetti e sem deus nem pátria assim como na banda pós-punk pianuts e no projeto de música experimental e eletrônica brihat, também participou da exposição fotográfica rosários da campina tem um projeto de música estranha

escândalos & absurdos e também gravou poemas-
sonoros-experimentais como alf.



Preto Michel. Nasceu na cidade de Salinópolis – PA em 05 de janeiro de 1977. Michel Jackson Moraes Sarmiento ganhou esse nome do seu pai em homenagem ao cantor Michael Jackson famoso no ano de 77 com o grupo Jackson Five. Hoje atua como militante do movimento negro e da literatura negra periférica na cidade de Belém do Pará.



Carmen Davis, paraense, de Belém do Pará, casada com um americano, mãe de três filhos e morando em Chicago nos EUA há quase 8 anos.



Sou **Dilma Lopes Ribeiro**. Mãe, filha, irmã e amiga. Pessoa do mundo, que ama conhecer a diversidade humana. Antropóloga, atualmente sou professora na UFRA, no campus de Parauapebas, a maior província mineral do mundo.



Maria Inês Ferreira da Silva, paraense, natural de Ourém amante da literatura brasileira, em particular, a amapaense. Escrever crônicas é um dos hábitos saudáveis. Atualmente, servidora do quadro estadual da Secretaria de Educação, desempenhando atividade laboral na Escola Estadual Prof. José Barroso Tostes, no município de Santana-AP, bem como professora do Curso de Letras na Faculdade Madre Tereza em Santana-AP. Com formação em Letras

Português/Francês pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá; Pedagogia pela Unicesumar; Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar.



Elivaldo Serrão Custódio, ribeirinho marajoara, filho de uma família de sete irmãos, nasceu no inteiro do município de Breves, no estado do Pará. Filho de pais analfabetos, aos oito anos de idade já lutava pela sobrevivência, ajudando seus pais, numa pequena fábrica de palmito no Rio Buiussú-PA. Somente aos dez anos de idade teve o primeiro contato com a escola, quando sua família se mudou para a cidade de Breves em busca de melhores condições de vida. Daí em diante, o gosto e o prazer pelo conhecimento científico não pararam mais. Ainda na

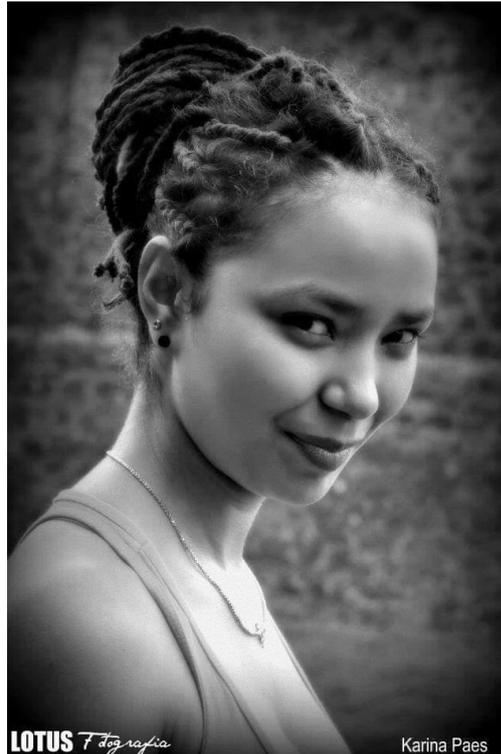
educação básica, descobriu ser descendente de negros/as que foram escravizados/as na região Amazônica, mais precisamente na atual região de Afuá-PA no século passado. E nessa busca por pistas e vestígios de sua memória e raiz negra, percebeu o quanto poderia contribuir com a população negra na luta por melhores condições de vida, dignidade, oportunidades e respeito. Em 2012, já no estado do Amapá, por ocasião de seu ingresso no Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), foi possível intensificar novas leituras, discussões e compreensões quanto à questão da população negra região amazônica, bem como, fazer parte do rol de pesquisadores/as, educadores/as, militantes e simpatizantes das lutas históricas do povo negro brasileiro, contra o racismo, preconceito étnico-racial, intolerância religiosa, entre outros assuntos de âmbito social, econômico e

educacional. Em 2017 fez Doutorado em Teologia (Religião e Educação). Em 2018 fez Pós-Doutorado em Educação Quilombola. Atualmente é professor permanente no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP) na linha de pesquisa *Educação, Culturas e Diversidades*.



Juliana Phillipp. Em 2003, sai de Santarém, no Pará, para viver em Chicago nos Estados Unidos. Em 2004, após concluir o curso de Ciências Sociais pela UFPA, fui contratada pelo Field Museum (Museu Field de História Natural) para trabalhar no Departamento de Antropologia desenvolvendo pesquisa e digitalização de coleções da América do Sul (especialmente Brasil, Colômbia e Peru). Em 2009, mudei para o Departamento de Meio Ambiente e Cultura, conhecido

hoje como *Keller Science Action Center*. Atualmente, coordeno um projeto conhecido como "Field Guides Initiative" que visa democratizar o conhecimento biológico e cultural da natureza através da publicação de catálogos de fotos, conhecido como guias de campo. A paixão humana me inspira. Escrevo uma coisinha aqui e ali, entre uma e outra viagem no metrô de Chicago.



Gê Dias, Geisianne da Silva Dias, é jornalista, atriz, filha e mãe. Mulher negra, afroreligiosa e bissexual, nasceu e cresceu na Terra Firme, periferia de Belém. Militante do PT até 2005, no ano de 2011 se filiou ao PSOL, onde desempenha tarefas organizativas voltadas as questões de gênero e classe e demais ações direcionadas a manutenção dos direitos da mulher e da comunidade LGBT. Profissionalmente atua na Assessora de Comunicação do SINTEPP, desde 2013. Ingressou na ONG OLIVIA, sediada na UFPA, em 2014,

e além de inúmeras atividades ofertadas pelo grupo, já participou de duas das três edições do casamento homoafetivo, promovido pela entidade em parceria com órgãos administrativos, legislativos e do judiciário paraenses, que garante a legalidade da união estável a casais homoafetivos do Estado. Faz parte da Rádio Utopia Marginália e da Editora Gato ED.



Se a conversa é sobre viagens, **Aline Mota** têm histórias pra contar. Esses "causos" podem trazer situações que envolvam seu trabalho ou um bom deslocamento que tenha como fim uma nova paisagem, lugares e pessoas. Graduada e pós-graduada em Ciências da Religião é, atualmente, professora da rede pública de ensino. Sempre que possível viaja pois é, segundo a mesma, uma das melhores formas de se reforçar e criar laços.



Ana Maria Almeida, nasceu em Belém, tem Licenciatura Plena em Geografia, descobriu que sofre com depressão crônica e ansiedade depois de adulta durante suas sessões de terapia. O agravamento de sua doença se deu depois do falecimento dos seus pais, onde ocorreu o período mais longo de todas as suas crises. Com todos esses acontecimentos resolveu compartilhar suas experiências editando um blog denominado '*Doenças da Alma e do Corpo*' sob o pseudônimo de Nina Leiah – a escolha do pseudônimo

foi para tentar fugir do preconceito que pessoas com doenças emocionais sofrem – e criou uma conta no Instagram com seu pseudônimo com o claro propósito de ajudar outras pessoas com o mesmo problema e, assim incentivando-as a buscarem tratamento adequado. No passado, fez parte do Coletivo Anarco-Feminista (CAF) mantendo contato com outros grupos de mesma tendência de todo país e vários outros países, também foi idealizadora do fanzine *Lilith* com a mesma temática anarco-feminista. Também esteve presente em uma participação com um depoimento sobre as mulheres no Movimento Punk no documentário “Viver para Lutar” (Punk, Anarquismo e Feminismo das mulheres na década de 90) com direção de Marina Knup. Seus textos têm a intenção de ajudar o ser humano a descobrir o seu real potencial, desvendando as armadilhas mentais que as pessoas

criam para si mesmos, sabotando sua própria vontade de viver.



Nádia Carvalho. Sou pedagoga, mãe, filha, pós graduada em Psicologia da Educação, acadêmica de medicina veterinária e funcionária pública. Gosto de temáticas relacionadas a diversidade sexual e gênero, além de assuntos sobre a mente humana e sua vicissitude, no que concerne a subjetividade do ser.



Francinara barroso é pedagoga, graduada pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), especialista em Gestão Educacional e projetos. Mulher apaixonada pela educação, pelas pessoas, pela vida e seus mistérios.



Cícero Pereira Neto. Algo sobre mim? Tudo que posso dizer sobre mim é q um dia a minha asa quebrada vai sarar...



Leila Cristina Leite Ferreira, sou escritora, organizadora da Editora Gato Ed, organizadora do Podcast Rádio Utopia Marginalia, gosto de uma boa história, esteja ela em um livro, numa novela, numa série ou numa boa conversa, ouvir para mim faz parte do escrever, como diz Conceição Evaristo, faz parte da escrevivência.



Denise Sá, fotografa autoral, fotógrafa da Editora Gato Ed, bacharelado e licenciatura em filosofia pela Universidade Federal do Pará, com experiência como mediadora cultural. Campo de atuação fotográfica *street foto*, cultura e identidade. Campo de pesquisa filosofia e arte. Integrante do grupo de pesquisa *Visagem-Grupo* de Estudos em Antropologia Visual e da Imagem – UFPA.



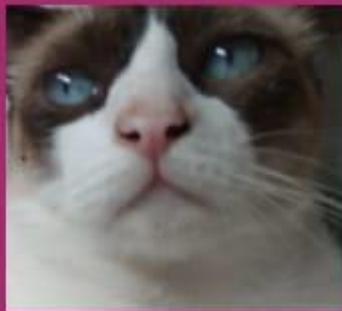
Felipe Bandeira, sou marajoara, preto, quilombola, morador do bairro do Guamá, bissexual, escritor, fotografo, diretor de cinema documentarista, professor de sociologia e antropólogo. Membro do Grupo de Estudos em Antropologia Visual e da Imagem – VISAGEM, onde desenvolvo pesquisas sobre gênero, sexualidade e masculinidades e apaixonado por café, cerveja, maniçoba e açaí sem açúcar com farinha d'água da baguda!



Denise Machado Cardoso. Nascida no mês das festas juninas, essa geminiana de Belém do Grão-Pará aprendeu desde a infância o gosto pela leitura e pelas imagens. Narrativas que envolvem a diversidade são seus pontos de interesse, juntamente com as questões socioambientais da Amazônia. Atua como professora desde sua adolescência e a educação proposta por Paulo Freire é sua principal inspiração.



Lucélia Leite Ferreira, apaixonada pelos fins de tarde e pelas águas dos rios, é professora da rede municipal de ensino e especialista em educação na rede estadual. Pedagoga e mestra em Antropologia, tem interesse em temas como educação do campo, juventude e ruralidades.



Gato Ed

EDITORA
